

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**LEANDRO BARRETO DUTRA**

**NOS (DES)CAMINHOS ENTRE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E ARTES  
CIRCENSES E LINGUAGENS E CONHECIMENTOS E FORMAÇÕES DE  
PROFESSORES E... E... EM AUTOPRODUÇÕES ALEGRES**

**JUIZ DE FORA  
2015**

**LEANDRO BARRETO DUTRA**

**NOS (DES)CAMINHOS ENTRE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E ARTES  
CIRCENSES E LINGUAGENS E CONHECIMENTOS E FORMAÇÕES DE  
PROFESSORES E... E... EM AUTOPRODUÇÕES ALEGRES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, área de concentração: Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo.

**JUIZ DE FORA  
2015**

Dutra, Leandro Barreto.

Nos (des)caminhos entre Ciências Biológicas e artes circenses e linguagens e conhecimentos e formações de professores e... e... Em autoproduções alegres / Leandro Barreto Dutra. – 2015.

126 f.

Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

1. Linguagens. 2. Educação. I. Título.

**LEANDRO BARRETO DUTRA**

**NOS (DES)CAMINHOS ENTRE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E ARTES  
CIRCENSES E LINGUAGENS E CONHECIMENTOS E FORMAÇÕES DE  
PROFESSORES E... E... EM AUTOPRODUÇÕES ALEGRES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de Linguagem, Conhecimento e Formação de professores.

Aprovado em

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo - Orientadora (Universidade Federal de Juiz de Fora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Maria Kasper (Universidade Federal do Paraná)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Maria Clareto (Universidade Federal de Juiz de Fora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Falcão Vasconcellos (Universidade Federal de Juiz de Fora)

**JUIZ DE FORA  
2015**

*À minha família. A vocês o meu eterno  
agradecimento.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por que sem Ele eu nem estaria aqui. Foi Ele quem me escolheu e quem me sustentou em vida. Que trazia sempre bons encontros para que a vida pulsasse em mim e que nos momentos difíceis me fortaleceu em alegria para que pudesse, revigorado, partilhar o viver com sabedoria de poder, com Ele, selecionar os encontros. Gratidão.

A minha família, por me apoiar o tempo todo. Ajudando-me a afirmar a vida enquanto potência e singularidade. Firmando meus pés na rocha, onde não sou confundido. Mãe, pai, irmão, irmã, cunhado, e Mateus (o ser mais risonho e carinhoso que alegra nossa família) gratidão pelo cuidado.

Aos meus amigos pela compreensão, conhecimento compartilhado e incentivo. Em especial ao Henrique Sagave, amigo-irmão-palhaço que ganhei na estrada e que me ajudou também nas leituras e produções acadêmicas.

À Margareth, orientadora, que soube caminhar comigo durante o processo. À Soninha, líder do Travessia Grupo de Pesquisa, que sempre com um sorriso no rosto, me recebia carinhosamente, mesmo em situação insípidas. À Nina que me acolheu e me incentivou no mestrado, dando-me abraços apertados, palavras carinhosas e respirações profundas. Aos professores da FACED que me ajudaram e estiveram comigo durante a trajetória, em especial à Cris Flôr, com seu jeito terno e querido, me abriu horizontes alegres e possíveis na Ciência. Ao Guilherme Trópia que, durante o mestrado, me deu apoio com suas palavras, caminhou comigo em produção e me fez lembrar o quanto é bom ser professor. A Cláudia Avellar, que também esteve presente, me dando oportunidades para despertar noções de curiosidade e ludicidade na Ciência. A Kátia Kasper, pela leitura delicada, aberta e sensível da qualificação do mestrado e pelas belas orientações de caminhos possíveis neste percurso até a dissertação. Minha sincera gratidão!

As professoras e amigas do Mutirão da Meninada do Vale Verde: Maria Helena, Cláudia Toledo, Maria Inês, Ana Lúcia e Gabriela Machado que me ensinaram tanto... Deram-me oportunidade de vivenciar o Vale

Verde e as múltiplas educações de forma marcante, alegre e viva! Admiro o trabalho no Vale.

A todo o Mutirão da Meninada do Vale Verde, essas crianças que inventam alegremente modos de viver. Que me surpreende tanto com seus modos habilidosos de estar comigo. Essa meninada me deu goles de saúde. Fica minha gratidão em especial aos participantes das atividades circenses. Vocês me ensinaram muito.

Agradeço o apoio financeiro com a bolsa de estudos a CAPES e ao apoio do PPGE/FACE/UFJF.

Enfim, a todos que de alguma forma estiveram comigo nessa trajetória que está para além da academia... É uma história e tanto. Gratidão.

## RESUMO

Aprender como um exercício potente com a vida. Aprender a aprender no processo de viver. Usar a alegria como trilha de aprendizagens. Não havendo títulos e nem chefes. Amar como proposta: *amor fati*. Todo conhecimento se dá no corpo. Fica-se apavorado, certamente. É poético demais! É utópico! Mas segundo Eduardo Galeano, a utopia nos faz caminhar! Caminhemos! Nessas trilhas em invenções de formação de professores, a discussão da Ciência permeia a escrita. A tentativa de inventar ciências e modos de se viver na resistência pela alegria é o que move esta dissertação e para além dela, move a vida potente de quem ousa sonhar perigosamente com outros mundos possíveis. Augusto Boal nos dirige em sonhar quando diz que nós atores temos essa responsabilidade de inventar outro mundo, porque no fundo sabemos que outro mundo é possível. Acreditemos! Nessas trilhas de mestrar: fiz-me aluno e professor. Artistar aluno. Artistar professor. Num exercício contínuo. O palhaço foi chamado para professar a alegria da criança que vibra no presente. O palhaço que improvisa, que joga, que brinca, para nos ensinar a aprender com, a inventar com. O palhaço como professor dos professores. Ri dos medos e de suas ignorâncias. Ele que sempre está em relação, em jogo, vem alegre posicionarmo-nos em outra esfera de acontecimentos. Nesses imprevistos da vida, só o imprevisto dá conta provisoriamente do inesperado. Tudo que se quer é improvisar bem. Isso é exercício. Às vezes se acerta... mas, o treinar é questão fundante. O convite para a leitura desta dissertação é pensar outras biologies possíveis, outras relações entre professor-aluno, outros modos de resistir às intempéries e inventar-se outra coisa! Exercitar num nevoeiro povoado em conversações, numa peça teatral junto às metamorfoses nietzschianas e numa autobiografia presenciada foram os modos arranjados para dar conta do problema, também, inventado: O que se pode fazer para se autoproduzir alegremente? A contação de histórias que se faz neste mestrado tenta responder essa questão eterna. Só tenta, outras respostas são possíveis. Se quer inventar métodos improvisados e singulares que servem para o presente e só.

Palavras-chave: Formações de professores, Ciências Biológicas, Invenções.



## ABSTRACT

Learn with life as a powerful exercise. Learning and learning in the living process. Use happiness as a path of apprenticeships. With no titles neither bosses. Love with a purpose: fati love. All the knowledge occurs in body. It gets certainly terrified. It is too much poetic. It is utopian! But according to Eduardo Galeano, the utopia makes us walking! So, let's walk! In those tracks of teachers' formation, the discussion of science permeates writing. The trying of inventing sciences and ways of living in the resistance of joy is what drives this thesis and far from that, it drives the powerful life of who dares dangerously to dream with other possible worlds. Augusto Boal guides us to dream when he says that we, the actors have the responsibility of inventing another world, because we know that another world is possible indeed. Let's believe! On these tracks of teaching: I was a student and a teacher. An artist student. An artist teacher. In continuous exercise. The clown was called to profess the happiness of child which vibrates in the present. A clown who improvises and plays, to teach us with, to invent with. A clown as a professor of teachers. That laughs from his fears and ignorance. He, who is always in relation to, in the game, joyfully comes to position ourselves in another sphere of events. In this unforeseen life, only improvisation gives provisionally account of unexpected. All that is wanted is to improvise well. It is exercise. We sometimes do it right...but, the training is fundamental. The invitation to the reading of this essay is to think about another possible biology, other student-teacher relations, and other ways to resist bad moments and invent other things! To exercise in a crowded talk, in a play with the nietzchianians metamorphosis and in an autobiography, those were the ways to handle with the problems, also invented: What we may do to happily produce ourselves? The stories telling we do in this master try to answer this eternal question. It only tries to, another answers are also possible. So invent makeshifts and singular methods which serve for the present and just it.

Key words: teachers' formation, biological science, inventions.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Quando eu subo no tecido eu sinto muito bem mas o tecido é muito legou tecido muito bom demais.....	76
Figura 1 - O tecido é bonito mais é um poquinho difícil.....	76
Figura 2 - Acho o Tecido uma coisa legal apesar que às vezes dá um pouco de medo. Assim: Lorena.....	76
Figura 3 - ANDRÉ Eu gosto do tecido dói os meus braços e minhas pernas.....	77
Figura 4 - ALLAN: O tecido é difícil mas eu consegui.....	77
Figura 5 - Tecido: é uma coisa boa ensina a gente virar mortal. Alexandre Gomes Fonseca.....	78
Figura 6 - EL AMO TECIDO.....	78
Figura 7 - Amaio parte é difícil mais de pois que pega o jeito e rápido e muito legal a é isso que eu sei realza. Anderson.....	79
Figura 8 - Eu achei muito bom é fácil. Leonardo.....	79
Figura 9 - Jean. Eu achei muito interessante porque é muito bom. É maneiro.....	79
Figura 10 - Legal e não dói! é maneiro! LUIZ ANDRÉ.....	80
Figura 11 - CAMILE. eu gostei do tecido mas quando eu estou no tecido eu sinto muito bom de mais. tecido é muito legou.....	80
Figura 12 - A gente acha que não sabe, que não vai conseguir, mas quando a gente sobre a gente faz um monte de coisas. A gente inventa outra coisa quando a gente não sabe. Sinto que estou no palco! Sempre quando a gente sobre no tecido tem mais imaginação! Gostei muito de apresentar e queria mais uma vez.....	81

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONVERSAS INVENTIVAS.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>PEÇA TEATRAL.....</b>	<b>58</b>
<b>3</b>	<b>UM CONTO BIO.....</b>	<b>99</b>
<b>4</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>123</b>

## 1 - CONVERSAS INVENTIVAS

### **Entre ensinios e aprendizagens: saltos, quedas, pulos e afins... relações nos cuidados de si em (auto)formações alegres e/ou linguagens e conhecimentos em formações de professores**

Era bom viver em suposições e cercados de fatos acontecimentos por adivinhar. Cada dia um encanto tomava lugar do outro. O mundo assim obscuro exigia um olhar mais delicado, um pensamento mais cauteloso<sup>1</sup>.

Durante minhas idas e vindas da escola, do bairro Vale Verde, da mata, do teatro, da Faculdade de Educação, do Travessia Grupo de Pesquisa e de todos os demais lugares que frequento há caminhos, deslocamentos, ruas, vielas e afins... Há caminhos já traçados, sinalizados e construídos para a passagem. E na passagem, nesses deslocamentos, levo comigo no corpo as marcas do vivido em cada espaço nas/das relações estabelecidas. É o passado se atualizando torcendo as relações passado-presente. Esse entre lugares me é caro! É lugar de esvaziar-me. Vazio povoado de inquietações. Silêncio movido entre carros, semáforos e buzinas. Deslocamento do corpo sem descolar. Espaço intenso de visitasões. Visito-me constantemente e por vezes contrariamente ao desejo. Mas faço-me livremente sem mesmo pedir autorização à razão. Erra-se sempre: desvios, trilhas, tombos ... Nunca se é o que se era.

Em construções e cuidados de mim busco outras vias para algum destino! Não gosto da rotina ordinária. Invento. Dou voltas só para passear... Gosto que tenho aprendido com meu pai – que anda por léguas sem rumo e se perguntado para onde está indo, responde: Estou passeando. Então vou passeando pelos caminhos construídos, porém outros, sempre outros – não outros por si só, mas pelas relações que, sendo eu outro, estabeleço então, outros e outros novos sentidos com os caminhos durante o passeio. Nunca se é o que se era. Leva-se sempre um escorregão sem querer.

Exercitando-me nesse movente, sou repentinamente acometido por pensamentos que me vão vindo, constituindo-me e, que me fazem, de repente, estabelecer novas relações com o que vejo, cheiro, percebo,

sinto... É um assalto, um susto mesmo! Movem-me inteiramente e, de repente tomando um picolé ou atravessando a rua ou comendo pipoca, sou outro! Metamorfoseei-me! Nunca se é o que se era. Erra-se sempre.

Pensando nesses tirocínios de se metamorfosear tento trazer ao entendimento o que acontece! Busco uma linearidade... Crio possibilidades. Vou me arriscando a pensar até chegar à outra coisa que ainda não sei o que é...

Este texto vem para conversar com os saltos entre os textos que encontrarão nessa leitura! A ideia inicial era que eu pudesse, de algum modo, *linkar* os textos! Sendo impossível uma linearidade convincente propus esse pensar sobre esses entre-textos, entre-lugares, entre-espacos, entre-estados. Essa metamorfose súbita que nos acontece, nos forma, nos move: Vida!

Pensando que nos metamorfoseamos de modo repentino, fica então um nevoeiro denso sobre os caminhos que o corpo traça nessa invenção de si! Nunca se define, se entende o que se passou ao saltar. Os saltos que se dão ficam inebriados no acontecido, no corpo, no outro, no instante alongado que carregamos e atualizamos em vida. Falar sobre o mistério escondido num nevoeiro foge às minhas competências e visto que é impossível dissociar-me de mim – o que por vezes seria uma graça, porém levo-me comigo para onde vou. Certo que por vezes esqueço-me, invento-me... Mas assombrosamente sinto-me próprio – Penso então, que mais me alegra deixar o mistério no nevoeiro e convidar-te, caro leitor, para sentir o nevoeiro comigo! Adentrem-nos na experiência e, lá envolvidos na névoa, falaremos com o mistério e com sorte seremos seres metamorfoseados em enigmas! Não seria curioso inventar-se misteriosamente e, até mesmo manter-se secretamente em si?

Inteligentemente e já contrário ao que propus no caminho do nevoeiro e ao mesmo tempo também dentro do nevoeiro e buscando desesperadamente um argumento, busco em Deleuze o paradoxo do salto! Estive com ele, mas sem ânimo de visitá-lo nas páginas dos livros. Só no pensamento. Deixei-me nesse exercício até ver onde ia dar. Pensando e pensando, estabelecendo relações sinápticas! Sinapse: saltos de um neurônio ao outro, e outros e outros: conexões! Pensando e pensando, estabelecendo relações, danço! Dança: entre pulos, saltos e mais saltos de Échappé a Glissadi e outros tantos saltos e outros: conexões! Pensando e pensando estabelecendo relações, caio!

Tombos, quedas nas dificuldades dos saltos. Inúmeros exercícios e treinos que são necessários para que venha um salto bem executado e, pensando e pensando, estabelecendo relações com os saltos vinham as quedas e outras tantas quedas e outras: conexões!

E assim permaneci enchendo-me de desejo pela escrita no nevoeiro! Escrita ainda não pronta, ainda não feita... Mas, desejante! A espera é necessidade minha! Aguardo-me até o ponto de abrir o ralo e deixar escoar tudo aquilo que, misturando-se comigo e entre eles, esses próprios conhecimentos vão se fazendo outras coisas, até aqui, neste momento enquanto escrevo.

Pensar exige tempo, preparação rigorosa e um território apropriado. Um salto é possível através do encontro e da espera e do treino e da preparação e do espaço e do corpo entregue nesse encontro saboroso de relacionar-se consigo e com outros e outros de si e de outros de outros mesmos.

Fui inundando-me do desejo. Buscando o salto encontrei outras coisas pelo caminho que me foram confortando e alegrando o caminhar. A escrita veio vindo e de repente um amigo me chama para conversar no meio da travessia! A alternativa foi convidá-lo para a caminhada desejante:

*- E aí mano o que tá fazendo?*

*- Estou tentando escrever um texto sobre salto*

*- Salto que você fala é aquilo de às vezes 'pular' etapas no processo né?*

*- Você simplesmente avança*

*- He He he*

*- Isso!!!*

*- É pros gênios*

*- Auhsuahsuas*

*- Não, é para todo mundo!!*

*- Eu acho que eu tive um pouco disso no palhaço*

*- Quando eu morava aqui, antes de ir para SP, eu sempre ia nas aulas de palhaço. Me esforçava. Mas eu não acessava o estado.*

*- Dae fui para SP e fizemos os trabalhos juntos. Mas ainda assim acho que as coisas para mim eram estranhas.*

*- Para mim não funcionava!*

*- Quando voltei, sei lá, funcionou.*

- É isso aí!

- Catarei seu relato!

- kkkkkkkkkkk

- Claro que nesse tempo eu vi você, teve todas as aulas que fiz, existiu um processo, né, mas no retorno foi um salto, não sei explicar porque passou a funcionar!

- Sim! É isso... É micro!

- E nas coisas de palhaço a gente aprende muito vendo os outros, né, e foi um tempo que eu vi você, que não era minha referência inicial de palhaçaria, você era uma coisa diferente da Michelle<sup>1</sup>... kkkkkk

Acontece algo que escapa do entendimento, do racional, do inteligível, percebe?! Foge à nossa lógica. Um acontecimento (in)esperado e inexplicável. Porém é no inexplicável que encontro meu modo de existir no mundo com minhas incongruências, absurdos, crenças e vontades, que por vezes, são contrárias... Minhas ineficiências me enobrecem.

Volto, desarticuladamente, ao nevoeiro, porque é assim que me vou fazendo... Como disse, tenho herdado esse gosto do meu pai. Vou passeando pelo caminho, desviando a rota, criando atalhos. Não explico-me, caminho!

Agora, espero que você entre comigo! Não busque a linearidade – até porque estamos imersos num nevoeiro e aqui a visão é meio embaçada! Mas exercitemo-nos numa outra sensibilidade corporal. Escuta-se bem! Corpo atento e inevitavelmente mais aberto ao suspense e perigo eminente que um nevoeiro provoca! Passo a passo no silencioso e nebuloso nevoeiro. Nesse momento um vento forte nos separa! Cada um agora se encontra sozinho nessa branquitude escura! Uma quase cegueira! E o corpo ativamente se torna ainda mais sensível ao acontecido e novamente suspenso no suspense instalado pela névoa! Quase imóveis escutamos nossa respiração! Coração batendo forte e escutamos sussurros, vozes, risadas, barulhos misteriosos! Medo? Alerta! O que toma conta do nosso corpo agora? Não estamos sozinhos e não vemos ninguém!

Metamorfoseamo-nos!

---

<sup>1</sup> Michelle Silveira da Silva, a palhaça Barrica, artista reconhecida nacionalmente na área da palhaçaria. Sempre convidada para participar de um dos maiores eventos de palhaçaria do país: Anjos do Picadeiro. Professora de Teatro pela prefeitura de Chapecó – SC.

Devagar vamos ouvindo as vozes que vão se aproximando:

- “No ar não existe caminho traçado, todo espaço é direção. Na terra sofre-se de muitos impedimentos”<sup>ii</sup>.

- “Eles não procedem por caminhos pré-traçados, por associações já feitas. O que acontece? Se soubéssemos, acho que entenderíamos tudo. Isso me interessa”<sup>iii</sup>.

- Sete e oito. Echappé, Falli, Sissone, Plié e Pas de Chat. Gliassade e Entrechat. Espera, espera... cinco, seis, sete e oito. Volta! Echappé, Falli, Sissone...

Essas falas se repetem e se misturam! Vão se conectando e sem sentido algum, em arritmia, vão bailando as vozes! O pulsar do meu peito vai fazendo coro como um bumbo vai.

Escuto sua voz me dirigindo:

- Conversa com eles!!

Eu com medo e alegre pulso. Você escuta o bumbo e silencia-se! Um grito:

- Aaaaarrrrrh!

Silêncio toma conta do nevoeiro!

Passos...

O corpo agora está presente! Totalmente entregue ao acontecimento!

- Quem está aí?

Bumbo!

- Como faz para sair daqui?

- O nevoeiro está por toda parte!

- Não tem saída?

- Às vezes, quando bate um vento, dá para vê algumas coisas e, só!

Vozes mais próximas! Bumbo!

- Para onde está indo?

- Estou passeando e perdi meu leitor.

- Estou aqui!

- Quem?

- Deleuze!

- Quem? (Bumbo!!!)

- Alice!



- Calma gente! Pelo visto estamos em mais de dois!

- Quantos estão aqui?

Muitas vezes... Bumbos, tamborins e alaridos...

- Teria alguma solução para sairmos ou pelo menos nos organizarmos?

Algum caminho?

- Bem, por exemplo, “as soluções têm de ser muito variadas, quer dizer, duas extremidades nervosas no cérebro podem entrar em contato. É isso que chamamos de processo elétrico nas sinapses. Há outros casos bem mais complexos, talvez, que são descontínuos, nos quais há uma falha a saltar. Acho que o cérebro é cheio de fendas, que há saltos que obedecem a um regime probabilista, que há relações de probabilidade entre dois encadeamentos, que é algo muito mais incerto, muito incerto. As comunicações dentro de um mesmo cérebro são fundamentalmente incertas, submetidas a leis de probabilidade. O que faz com que eu pense algo? Você dirá: ‘Ele não está dizendo nada de novo, é a associação de ideias’. Seria quase necessário se perguntar se, quando um conceito é dado... Ou um quadro, uma obra de arte é contemplada, olhada... Teríamos de tentar fazer o mapa cerebral correspondente. Quais seriam as comunicações contínuas, as comunicações descontínuas de um ponto a outro”<sup>iv</sup>.

- Quem disse isso?

- ... Sete e oito e Plié, Pas de Chat, Glissadi...

- Quem disse isso? Alguém pode me responder?

- Que doideira! Não estou entendendo nada! Eu só queria escrever um texto sobre saltos e convidei um amigo-leitor para entrar nesse nevoeiro comigo e experimentarmos um pouco uma escrita outra no acontecimento! E agora essa confusão! Um monte de gente doida...

- Ei... Parece-me que essa voz falava algo interessante! Não só doideira! Quem disse, repete!!

- “Acho que o cérebro é cheio de fendas, que há saltos que obedecem a um regime probabilista, que há relações de probabilidade entre dois encadeamentos, que é algo muito mais incerto, muito incerto. As comunicações dentro de um mesmo cérebro são fundamentalmente incertas, submetidas a leis de probabilidade”<sup>v</sup>.

- Isso está me parecendo um texto deleuzeano...

- Ah eu sou biólogo! Não sou filósofo! Será que daria para conversarmos algo mais interessante no qual eu pudesse opinar?! Já que não tem saída, o jeito é aproveitar o tempo! Preciso de um texto para a qualificação do mestrado falando sobre os saltos entre um aprendizado e outro... Entre textos na verdade! Sabem o que é qualificação, né?!

- Sou doutor meu querido!

- Ah, que legal! Doutor em que?

- Doutor em “ignorãças”<sup>vi</sup>!

- Alguém normal aqui?

- Alguém que quer escrever um texto sobre salto numa qualificação de mestrado é o que você chamaria de normal?

- Alguém não filosófico seria possível? Não sei nada de filosofia! Não tenho formação! Não tenho papel que me autorize!

- “Tem uma coisa que me reconforta muito. Acho que há várias leituras de uma mesma coisa e acredito piamente que não é preciso ser filósofo para ler filosofia. A filosofia é suscetível, ou melhor, precisa de duas leituras ao mesmo tempo. É absolutamente necessário que haja uma leitura não-filosófica da filosofia, senão não haveria beleza na filosofia. Ou seja, não-especialistas leem filosofia e a leitura não-filosófica da filosofia não carece de nada, possui sua suficiência. É simplesmente uma leitura. Isso talvez não valha para todos os filósofos. Vejo com dificuldade uma leitura não-filosófica de Kant, por exemplo. Mas um camponês pode ler Spinoza. Não me parece impossível que um comerciante leia Spinoza”<sup>vii</sup>.

- Lá vem você com suas filosofias...

- Eu não te conheço! Você é importante? Por que eu só escuto e faço citações de gente importante!

- Tão importante quanto você, né?!

- Ah, Spinoza é fácil! Quero ver ler Nietzsche!

- Nietzsche?

- Nietzsche mais ainda!

- Será?

- É o que acho também!

- Mas, quem acha isso?

- Deleuze!

- Deleuze? Você está brincando... Deleuze acha isso?! Então, posso ler e “entender” filosofia?

- Não! Você pode ler e entender filosofia. Entendeu a diferença?

Bumbos, brumas, brisas...

- Mas sendo biólogo não estava pensando em usar da filosofia! Eu nem queria isso quando entrei nesse nevoeiro! Estava pensando em falar dos saltos fazendo uso da imagem dos neurônios e o processo de transmissão dos impulsos nervosos! Por que sabemos que na transmissão de um impulso nerv...

- “Um impulso nervoso percorre o neurônio e chega finalmente a uma terminação sináptica, produzindo a secreção do neurotransmissor que cruza o espaço entre as membranas desencadeando uma permuta elétrica na célula receptora. Somente especializações como essas possibilitam aos neurônios, bem como a outras células, uma influência mútua e localizada, e não difusa - ou generalizada, como ocorreria se as interações se dessem por permutas de concentração entre algumas moléculas na corrente sanguínea. Sobre cada neurônio, em sua árvore dendrítica, há muitos milhares de terminações sinápticas de centenas de neurônios distintos. Cada uma das terminações faz uma contribuição pequena à permuta total de atividade elétrica do neurônio a que se conecta. Além disso, cada neurônio é capaz de influenciar quimicamente a estrutura de todos os neurônios que a ele se conectam por meio da difusão de metabólitos que saem e penetram as superfícies sinápticas e se elevam pelos axônios até os respectivos corpos celulares. Desse duplo tráfego elétrico metabólico depende, a cada momento, o estado de atividade e o estado estrutural de cada neurônio do sistema nervoso”<sup>viii</sup>.

- Isso! Era exatamente com isso que eu pensav...

- “Além disso, se pensarmos que no cérebro humano existem certamente mais de  $10^{10}$ , e talvez mais de  $10^{11}$  neurônios (dezenas de bilhões), e que cada um deles recebe contatos múltiplos de outros neurônios que, por sua vez, se conectam com muitas células, a combinatória de possíveis interações é mais que astronômica”<sup>ix</sup>.

- Nossa! Tendo esse conhecimento do corpo lembro-me que Nietzsche diz que “há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria”<sup>x</sup>! Por que pensando que entre um neurônio e outro ocorre um salto desse impulso

nervoso, o corpo sabe aquilo que nós não sabemos! Talvez ainda outra coisa: O corpo vive, funciona no desconhecido! No mistério! Que passa a não ser mais mistério quando conhecemos, porém ao conhecer alguma coisa outros mistérios vão se fazendo... Não é?! Tenho pensado sobre isso ultimamente! Diferentemente de como era antes – conhecer um mistério não retira a beleza ou o silêncio ou até mesmo o segredo! Por que o segredo mesmo que conhecido por alguém passa a ser confidências trocadas entre os mistérios: o mistério que sou e o mistério que conheci... Não se está passível ao completo conhecimento: Há mais coisas entre os céus e a terra que nossa vã filosofia...

- Não era você que disse que não sabia nada de filosofia? O que está dizendo?

Bumbos! Medos! Coração dispara...

- Só estava pensand...

- “Cabe a esse plano de imanência ou de consistência compreender brumas, pestes, vazios, saltos, imobilizações, suspenses, precipitações. Pois o fracasso faz parte do próprio plano: é preciso, com efeito, sempre retomar, retomar pelo meio, para dar aos elementos novas relações de velocidade e de lentidão que os fazem mudar de agenciamento, saltar de um agenciamento para o outro. Daí a multiplicidade dos planos sobre o plano, e os vazios, que fazem parte do plano, como um silêncio faz parte do plano sonoro, sem que se possa dizer ‘falta algo’”<sup>xi</sup>.

- Agradecido.

- Mas ainda pensando nesse impulso nervoso... Ele não acontece no vazio! No nada!

- Plié, Jeté entrelace e sete e oito...

- Quem está dançando nessa conversa? Poderia ser avisada que estamos no meio de um nevoeiro e ninguém consegue ver sua *performance*? Ela está dançando para quem, gente?

- Estamos em uma conversa séria enquanto esse nevoeiro não passa e, a mocinha está dançando! Nós, aqui, falando sobre filosofia e tentando entender o salto deleuzeano e ela vem fazer gracin...

- Estou me constituindo na conversa! Faço-me corpo das falas! Obviamente não se salta no nada! Salta-se num espaço! Um salto na lua é diferente de um salto na Terra! Um salto na terra é diferente de um salto no

linóleo. Em cada território um corpo e para cada salto uma força... Já sabemos disso! Nós bailarinos, artistas, sabemos disso faz tempo! Mesmo que não entendemos bem no intelecto, o corpo sabe! O corpo faz! O corpo ensina!

- Justo! O impulso nervoso salta numa região entre neurônios. Para que o salto ocorra os neurônios precisam produzir substâncias que ocupam, preparam o lugar do salto – neurotransmissores. Essas possibilitam o salto, a transmissão de um lugar para o outro... Permite à corrente elétrica. É necessária a produção de um território para possibilitar um salto! Não é de qualquer maneira que ele acontece! Os envolvidos no processo precisam estar na produção conjunta desse lugar sináptico! Indo para uma questão macro: Como alguém aprende? O que acontece entre um texto e outro? Quantos saltos se dão entre textos?

- “Se queremos entender as ações humanas não temos que observar o movimento ou o ato como uma operação particular, mas a emoção que o possibilita. Um choque entre duas pessoas será vivido como agressão ou acidente, *dependendo da emoção* na qual se encontram os participantes. Não é o encontro que define o que ocorre, mas a emoção que o constitui como um ato. Daí que os discursos racionais, por mais impecáveis e perfeitos que sejam, são completamente ineficazes para convencer o outro, se o que fala e o que escuta o fazem a partir de diferentes emoções”<sup>xii</sup>.

- Talvez então a emoção seja uma espécie de neurotransmissor que possibilita o salto! O modo como se conectam, por exemplo, professor-aluno pode criar um território mais propício ou não para esse salto na aprendizagem! Mas, pensar que o que importa seja só a emoção entre o professor e o aluno seria muita inocência nossa, será que não?! Por que o que possibilita o aprendizad...

- Claro! “Vejam alguns traços da distinção saber e aprender, de acordo com Deleuze. Aprender é o salto que leva do não-saber ao saber. Nesse caminho, muitas coisas acontecem, muitas marcas riscam nossos corpos ou ficam gravadas como memória de um tipo especial. Aprender é sempre algo da ordem do virtual, do inconsciente, de que o corpo participa, necessariamente. Por isso aprender carrega consigo uma violência, um adestramento diverso daquele que caracteriza o saber, o qual, como resultado de um aprender, é o domínio das regras de uma disciplina”<sup>xiii</sup>.

- Então posso afirmar que dominar um conteúdo de uma disciplina é aprendido?

- Talvez! O que precisamos pensar, então, seria o que é dominar um conteúdo... Não é?!

- Não quero fugir do assunto... Continuemos nesse salto.

- Não está fugindo do assunto! Está passeando no caminho, na conversa... Vá saboreando o caminho! Mude as rotas, entre em vielas... Não ande só por caminhos pré-definidos.

- Por exemplo, “*aprender a nadar* consiste em ajustar atos reais de um corpo ao movimento das ondas. Para tanto, o aluno tem de formar uma ideia de mar. Aprende-se quando a ideia de mar entrou *no* ou se ajustou *ao* corpo do aprendiz. Ou, ainda, quando o mar se tornou uma ‘micropercepção’, para utilizar um termo deleuzeano, que se conjuga à sensibilidade de seu corpo. Com isso, temos uma solução para o campo problemático que se cria entre um corpo e o mar, através de uma ideia. O professor é aquele que *nada* com o aprendiz, mesmo que seja no nível elementar da ideia através da qual o aluno problematiza seu encontro com o mar”<sup>xiv</sup>.

- Talvez eu precise que vocês nadem comigo no nível elementar! Não me importo aqui de ter uma dissertação elementar! Básica! Boba... Importa-me um processo rico em saltos, bailes, aprendizagens múltiplas, conexões e presença!

- Muitos conceitos pós-estruturalistas...

- Não sei o que é pós-estruturalista! Junto e uso as palavras por amor, pelo som, pelo gosto e não pela sintaxe, ordem, conceitos...

- Você está procurando problemas com a filosofia!

- Uai, prefiro pensar que estou fazendo uso da filosofia como um camponês talvez! Eu não sou só um universitário, a dita ‘nata intelectual’. Não. Não me ato às regras gramaticais e nem somente a razão e o conhecimento me afirmam! Sou palhaço, bailarino, rio das minhas ignorâncias e, por vezes, é riso de felicidade! Poder ir do não-saber ao saber é um salto e poder ir do saber ao não-saber é uma queda que abre caminhos para outros saltos, que conecta com outros territórios, que também se aprende...

- Já tomei muitos tombos! A preparação é importante! Nos aprendizados para os saltos e sua execução bem feita muitos tombos são inevitáveis. Treina-se até para cair! Saber cair é também um aprendizado!

- Justo, quando se estuda palhaço um dos primeiros passos talvez seja aprender a cair! O palhaço aprende a ganhar a queda como um salto em seu número. É na queda que o palhaço ganha o riso, a alegria! E não pense você, meu caro, que estou falando de uma facilidade, pelo contrário, tem-se de aprender a cair e para tal o modo tradicional circense diz: “repetir, repetir, repetir, até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo”<sup>xv</sup>. O muito repetir faz com que o corpo vá adquirindo, aperfeiçoando, uma técnica corpórea que treina a si próprio. Isso não o faz só por necessidade, mas junto ao prazer! É um esforço que, para além da técnica, o palhaço treina o modo, o tempo cômico, a descontinuidade corporal que leva ao riso! Isso é um trabalho rigoroso!

- Ah, mas isso que você está falando do palhaço talvez se assemelhe ao que Deleuze chama de salto. Porque Deleuze não está dizendo de um salto físico, mas de um conceito filosófico!

- Bem, pode ser... Mas para mim pouco me importa os conceitos... Não me acorrento a eles, vivo!

- Mas isso também faz parte do conceito... Vem de um vivido! Do experienciado... O fato é que o estado corporal não é o mesmo... Altera-se!

- Sim. Um salto pode ser compreendido como uma passagem. Um salto é como uma agitação, um movimento, um aumento de altura, uma queda de altura, uma pressão sobre os pés, uma alavanca, uma liberação de pressão... Ele tem como garantia a queda inevitável em outro espaço de onde se muda a perspectiva do olhar.

- Entrechat, entrechat, entrechat...

- Veja a dança dançando com o conceito!

- Do que você está falando?

- Por favor, bailarina, repita o salto! E explique-nos como é que se faz isso.

- Sete, oito... Entrechat! É um pulo vertical na quinta posição, com a troca dos pés no ar, duas (entrechat quatre), três vezes (entrechat six), quatro

vezes (entrechat huit), e, excepcionalmente cinco vezes (entrechat dix). E os pés tocam o mesmo lugar no chão.

- O ballet nos faz dançar na sua fala minha querida... Não há garantias de mudança de espaço! É possível saltar e continuar no mesmo lugar, no mesmo território! A mudança está no estado! Após o salto o corpo que volta já não é o mesmo! Por mais que volte no mesmo lugar, seu estado corporal, força, respiração, energia... já não é a mesma! A repetição para a aprendizagem ensina o corpo a adquirir uma técnica, um modo tal de se fazer, executar o movimento de tal jeito que aconteça o aprendizado! A apreensão em invenções de um determinado conteúdo, modo, jeito...

- Mas como acontece esse aprendizado? É a repetição? O treino?

- “Conectar um corpo e um objeto através de uma ideia, essa é a principal razão pela qual podemos dizer, com Deleuze, que o aprender envolve um tipo especial de amizade. *Vis-à-vis*, ensinar significa criar condições ou, antes, deixar correr certas intensidade para que um corpo e uma ideia, uma sensação e um conceito possam encontrar-se sob circunstâncias que nunca se repetem. Aluno e professor estão em um mesmo movimento, eles desconhecem para onde vão, como se remassem um barquinho à deriva no grande mar entre o não-saber e o saber. Não reconhecer o destino é o que torna a aventura do aprender o lugar da confiança”<sup>xvi</sup>.

- Volto então à questão da qualificação... Agora já vamos criando um espaço para o salto! Não se salta no vazio! Do nada! Há de ter uma preparação para que isso aconteça e o treino, a repetição pode fazer parte desse lugar! Como havíamos dito anteriormente, vamos preparando esse lugar, essa sinapse possível na amizade e confiança e repetições e amor e...

- Ah, que lindo! Que romântico! Você está, um tanto quanto, clichê e bobinho e inocente e...

- Você não está entendendo o que estou a dizer... É um engendramento... É um outro modo de habitar o mundo! Não estou falando de um mesmo lugar! Saltei e você não deu conta! Nem você e nem o leitor... Aposto!

- Ah, saltou?! Então é assim, no meio da conversa você vai e salta?!



- Claro! Já tinha dito no início do texto, antes mesmo de entrarmos nessa conversa imersa nesse nevoeiro, que a coisa é assim! De repente, metamorfoseamos...

- Uma pausa para o descanso! O corpo também precisa! Alguém sabe onde encontro água por aqui? Dancei demais... Sabe como é, né?!

- Bem, minha querida, por aqui eu não sei... Penso ser necessário esperar um pouco para que passe esse nevoeiro... Daí veremos um caminho, um lugar possível...

- Mas, afinal que tanto vocês conversam? Vocês são filósofos?

- Sim.

- Não.

- Um pouco.

- Biólogo!

- Palhaço.

- Quantos estão por aqui?

- Não sabemos também! Mas, muitos certamente... mas, não só fisicamente, né?! Por que alguns de nós fazemos uso de outras pessoas e falas para afirmar sua posição... Como não temos muito que fazer nesse lugar... Estamos acalorados com esse bate papo!

- Acalorado mesmo! Também estou suando... mas não pela conversa, mas pelo ensaio!

- Tinha um romântico falando de emoções... Estávamos bem na discussão até entrarmos nesses quesitos sentimentais! Estudo ciência! A conversa falava inicialmente sobre neurônios... sinapse... conexões nervosas... assuntos científicos! De repente, a coisa veio para uma filosofia... E até você, que é da dança, está entrando no assunto... está vendo?! Não dá para ficar misturando as coisas! Temos de escolher um assunto! Está uma misturada sem fim! Não faz sentido!

- Para mim está fazendo um sentido! Estou conseguindo estabelecer conexões com as coisas!

- Para mim fica difícil quando começa a entrar em sentimentos!

- Mas, não pensa que por isso mesmo, por achar que emoção não tem nada a ver com ciência, que deveríamos conversar sobre isso?! Não acha que são suas dúvidas que potencializam uma discussão?

- Mas eu não tenho dúvidas! Estou certo de que não se podem misturar as coisas! Ciência é Ciência. Literatura é literatura. Dança é dança. Educação é educação e pronto! Vocês estão tentando criar problemas onde não existe. Está tudo muito bem resolvido.

- “Todos os conceitos e afirmações sobre os quais não temos refletido, e que aceitamos como se significassem algo simplesmente porque parece que todo o mundo os entende, são antolhos. Dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho, porque nos deixa cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. Quer dizer, ao nos declararmos seres racionais, vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional”<sup>xvii</sup>.

- Ok! Tudo bem. Mas não temos como provar isso? Quais instrumentos irão usar na ciência para comprovar essas emoções? Como se prova?

- “As emoções não são algo que obscurece o entendimento, não são restrições da razão: *as emoções são dinâmicas corporais que especificam os domínios de ação em que nos movemos*. Uma mudança emocional implica uma mudança de domínio de ação. Nada nos ocorre, nada fazemos que não esteja definido como uma ação de um certo tipo por uma emoção que a torna possível. O resultado disto é que o viver humano se dá num contínuo entrelaçamento de emoções e linguagem como um fluir de coordenações consensuais de ações e emoções. Eu chamo este entrelaçamento de emoção e linguagem de *conversar*”<sup>xviii</sup>.

- É o que está acontecendo aqui! Estamos envolvidos na conversa e, emocionalmente inclusive! Estamos todos atentos às falas que vão surgindo e com alguma ligação feita entre as falas e nós e tantas outras coisas que carregamos em nós... Vamos criando falas para nos fazer presente! A conversa é um modo... mas, não é qualquer conversa, não é mesmo?!

- Óbvio! Depende com quem converso... Dependendo com quem for terei uma postura diferente da que estou tendo aqui! Não sei quem são vocês! Não os conheço...

- Isso! É o que Foucault diz sobre as relações de poder! Isso também está em jogo num território para o salto! As relações que estabeleço no

território podem favorecer ou não o acontecimento de um salto! De um aprendizado... E não cabe tudo à ciência! Há relações que não podem ser medidas pela ciência!

- Mas, aí como faço?

- Não podem ser medidas, mas existem! Acontece! Negar sua existência é uma possibilidade... Mas se não, tenho de inventar um modo de percebê-la e agir com ela...

- Um modo científico? Então basta inventar um método que possa ser repetido...

- Mas como? Quando falamos de relações microperceptíveis, parece que estamos mudando o contexto. Talvez a Ciência produzida até aqui não dê conta de habitar esse espaço inventado e novo... Talvez, né?!

- Eis a questão! Talvez tenhamos de abrir brechas nessa Ciência para adentrarmos num outro modo de habitar esse mundo... Sabemos que acontece e a Ciência inventada até aqui não apreende estas circunstâncias. Como faz com esse corpo não apreendido no meio acadêmico?

- Por isso estávamos falando de coisas que compõem o território, mas que não necessariamente estará passível de apreensão, medição, quantificações. Na relação pedagógica está inclusa os próprios conceitos de um pensamento. “Expor conceitos já é ensiná-los, principalmente porque eles envolvem os ouvintes ou alunos em um tipo especial de amizade, uma amizade deleuzeana, pela qual se processa um devir-mestre molecular que passa ao largo das formas majoritárias ou molares do professor e do aluno, desterritorializando-os, desrostificando-os”<sup>xix</sup>.

- Aí você está entrando no conceito de corpo sem órgãos, não é?!

- Isso! Claro! Como estamos aqui... Sem órgãos!

- Eu não estou sem órgãos! Estou com eles bem aqui!

- Vamos aos exemplos da biologia: “Acontece que em uma das extremidades de sua teia a aranha registra a mais leve vibração que se propaga até seu corpo em ondas de grande intensidade e que a faz, de um alto, atingir o lugar exato. Sem olhos, sem nariz, sem boca, a aranha responde unicamente aos signos e é atingida pelo menor signo que atravessa seu corpo como uma onda e a faz pular sobre a presa”<sup>xx</sup>.

- Ok! Isso não significa que ela está sem órgãos! E quem tirou seus olhos? Sua boca? Suas células receptoras de vibração? Como os peixes possuem a linha lateral que apresentam células capazes de perceber vibrações na água e assim se localizar no ambiente – percebendo predadores ou presas, assim a aranha também em seu corpo apresenta células sensíveis à vibração! Se removessem esses “órgãos” da aranha como encontraria a presa? É corpo com órgãos!!

- Mas você não está entendendo o conceito... E também não acho que isso seja um problema, até porque o conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari, retirado de Artaud, funciona muito mais como prática, ou conjunto de práticas, em vez de uma noção bem definida. Faz parte de um estilo de vida nômade... Por vezes não compreendemos o conceito, o vivemos.

- Entendo, ou melhor, não entendo, né?! Porque pra mim é importante que o corpo tenha órgãos sensíveis para o que acontece! Se retirado os órgãos como fica o corpo?

- Ah, agora você entrou em outro quesito importante: a sensibilidade! É importante que na relação de aprendizado ambos estejam sensíveis... sensível aos signos... Poderia usar de Deleuze quando explica sobre a sensibilidade que o carpinteiro tem aos signos da madeira, mas... “Seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso corpo sem órgãos, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide”<sup>xxi</sup>.

- Hum, então quer dizer que...

- Volto a insistir com o palhaço! O palhaço tem esse corpo poroso “capaz de afetar-se também pelas forças de sua época e do momento preciso em que atua. A iniciação clownesca torna-se uma experiência de devir-outro, aprendendo a afetar e ser afetado, envolvendo uma atitude de escuta do mundo com o corpo todo, um estado de alerta e ao mesmo tempo de grande entrega e disponibilidade. Nesse sentido, ele extrapola o termo pessoal, pois trata-se das ressonâncias dos encontros. Trata-se de algo que ocorre entre o clown e o outro – seja uma laranja, uma pessoa, um vento, uma borboleta que passa”<sup>xxii</sup> Ele deixa de interpretar para experimentar! Tem essa sensibilidade

no viver! Ele se liga com o público e, nessa ligação sensível, ele vai percebendo o que funciona e o que não funciona! Vai jogando, brincando até perceber, sentir para que lado deve ir caminhando e conquistando a plateia na caminhada. É isso! É uma maquinaria, se voltássemos a pensar no corpo sem órgãos... É uma amizade, é um compartilhar a vida... Uma cumplicidade, penso que seria a melhor palavra!

- Justamente, “a amizade que se dá entre professor e aluno constrói-se na exterioridade dos indivíduos. A amizade, portanto, modifica o professor e o aluno. A amizade se dá pelo exterior. É uma amizade impessoal cuja atmosfera nos envolve a todos. A exterioridade é o lugar da amizade. Tal exterioridade foi pensada por Deleuze e Guattari como uma ‘zona de indiscernibilidade’ ou de ‘vizinhança’ onde um elemento põe o outro em devir, de modo que ambos se tornam algo distinto do ponto de partida – ‘*devir-mestre e aluno-bumerangue*”<sup>xxiii</sup>.

- Mas embora a amizade entre professor e aluno seja um elo pedagógico, “também é verdade que o aprender implica uma solidão própria a uma ‘estética da existência’, no sentido foucaulteano do termo, pela qual *aprendemos* a nos dobrar sobre nós mesmos, em busca de um governo de si que lance novos modos de existir. Ser feliz com essa solidão é a lição básica de uma pedagogia que vibra com o pensamento de Deleuze e Guattari”<sup>xxiv</sup>.

- Justo! Então, nesse território construído para o aprendizado, temos de exercitar várias variáveis: amizade, cumplicidade, repetições...

E no meio da conversa... assim sem pedir explicações veio um vento... uma chuva forte! Molhou, lavou tudo! Lavou a alma, acalmou os corações... Deu-se risos! Lavou-nos! Deixou tudo a vista! Porém, nem tudo límpido... não retirou as inquietações de descobrir modos de se criar, inventar um território possível para saltos e afins... Não ficou nítido o caminho que a ciência terá de percorrer para possibilitar essas experimentações de metamorfoses! Aliás, com essa conversa inventada, já somos outros... Pela força do vento temporã veio novos ares, novas cores e com eles novos corpos, novas sensibilidades!

- E onde está aquele povo todo? A bailarina, o biólogo, o filósofo, o palhaço...

- Não sei meu caro, por vezes pensei que fossem você!

- Eu?

- Sim, numa grande brincadeira para me assustar... Sendo muitos!

- Será? Bom, o fato é que ainda preciso resolver minha escrita para a qualificação! Não sei o que faz uma pessoa ser mestre! Como isso é medido, cara? Como se avalia isso? Será a quantidade de livros que li? Será o modo como escrevo? Quem poderá dizer se tenho competência para mestre ou para palhaço ou para pai ou para...

- Calma! Acho que esses diálogos que supostamente você fez consigo mesmo, ou seja lá quem fez isso tudo, servirá de discussão para você nesse tal de mestrado! Não acha? E afinal, qual é sua questão para esse negócio? Por que você tem que ter uma questão bem definida e estabelecer suas hipóteses e testá-las e verificá-las! Assim, respondendo a sua crucial questão... Validando ou não suas hipóteses! Não é assim?!

- Aí que está... Pode ser assim para uma certa Ciência, mas para essa ciência que discutimos a pouco... Nem tudo é tão óbvio e claro e certo, pois a questão que tenho é pra vida toda e que, por ocupar-se em linhas limítrofes dos conhecimentos, não é respondida nunca! Pergunto-me sempre das relações que estabeleço! Pensando na “Ecologia, que vem do grego *oikos*, significando “casa”, que assim se refere à nossa circunvizinhança imediata, ou ambiente; ecologia é o estudo de todas as inter-relações complexas denominadas por Darwin como as condições da luta pela existência”<sup>xxv</sup>. Fico perguntando-me que ecologia se faz nas inter-relações que estabeleço com o outro... Quando experimento, em presença, as relações que vão se constituindo, indago-me que formação se dá para a existência, resistência, invenções?

- Isso não está amplo demais? Não é complexo demais?

- “Existe uma ecologia das ideias danosas, assim como existe uma ecologia das ervas daninhas”<sup>xxvi</sup>.

- E qual você quer estudar? Separa isso!

- Mas, meu corpo não separa nada!

- Como assim?

- Meu caro, a vida não é assim? Um amontoado de coisas e gentes e relações...

- Será?

- Será? Bem, é o que me parece ser...

- Mas, como você vai fazer, então? Por que para dar conta de tanta coisa... é meio difícil, não é?! E sempre quando falo a palavra difícil, lembro daquela frase que você sempre diz: "Toda criação é difícil" <sup>xxvii</sup>.

- Está aí. Criação! Acho que você me deu uma palavra boa.

- Não entendi. Apenas falei a frase que você sempre diz.

- Pois é, mas o que para você foi apenas concordar falando a mesma frase que eu sempre digo, para mim, abriu mundos de imaginações. Já estou pensando em mil modos de apresentar essa questão tão complexa e, como tinha dito, sem resposta!

- Ué, mas como?

- Teatro, meu caro. Teatro!

- Você vai fazer um teatro?

- Sim. Farei!

- Mas você é ator? Tem DRT? Cursou Artes Cênicas? É diplomado? Eu não sabia.

- Não. Eu não tenho nada disso. Mas também não vou encenar. Vou escrever uma peça.

- Piorou. Eu não sabia que você era Dramaturgo...

- E não sou. Pelo menos não tenho papel que me autorize... Mas acho que a vida me possibilita de ser quase tudo ou quase nada, independente dos papéis de autorização...

- Isso não vai prestar, meu amigo. Você terá grandes problemas. Uma banca que se preze não vai aceitar esse tipo de coisa. Você já conversou com sua orientadora? Ela aceitou isso?

- Ainda não. Tenho que ir lá.

- Você quer que eu vá com você?

- E tem como eu ir sozinho?

- Provável que não.

- Então, só me resta viver sempre acompanhado desse monte de gentes e vozes e coisas... Não dá para escapar.

- Então, vamos lá?!

Saíram do bosque. Apenas ele. Mas, ao mesmo tempo, muitos deles, nele. Foram até a orientadora.

- Tive uma ideia para a qualificação. Vou escrever uma peça de teatro. O que acha?

- Acho ótimo.

- Que?

- Acho a ideia ótima. Mas, vai dar tempo de escrever tudo para a qualificação? Deixemos para a defesa. O que acha?

- Acho ótimo.

- Que?

- Acho a ideia ótima. Vou escrever uma peça de teatro como dissertação.

- Isso. Mas, vamos conversando no meio do caminho. Depois da qualificação a gente conversa. Pode ser?

- Acho ótimo.

- Que?

- Acho a ideia ótima. Assim que passar a qualificação venho aqui para gente conversar.

Saíram.

Qualificaram.

Que beleza! Que banca! Que alegria!

Quantas falas delicadas e atentas e presentes...

Moveram corpos na qualificação...

Uma voz feminina e firme e delicada e potente compartilha na banca a seguinte fala sobre o texto da qualificação:

- “A escrita – que gostoso – guarda (ou produz) o frescor que você afirma em seu resumo que mantém, no caso ‘o frescor do iniciante que vibra com as conquistas diárias de um corpo expansivo, poroso e em constante amplidão, e potente ao encontro do (im)previsível e em presença suspensa e inteira’.

Seu texto é alegre, sem choringos e lamentações [...] Potente. Ele cria, inventa, não se pauta por limitações, mais pela ampliação da potência de agir. Delicadeza, atenção a detalhes na percepção do outro.

Muito forte nele: PROCESSO, trajetos, queda, salto, risco, riso, medo (enfrentado)...



Elementos como água, terra, calor, vento, chuva... **Processos e metamorfoses**. [...] Abordando as potências do corpo. Corpos potentes e não corpo que se quer obediente e dócil. Os corpos são agenciados de tal modo que ativa sua potência. Para experimentar, colocar-se em risco, saltar, cair, subir, gritar, rir, enfrentar...

[Saltos, quedas, riscos no palhaço- aprendizagem básica para os números, ainda que o número não trabalhe com números clássicos de queda (ainda que não utilize diretamente). A aprendizagem da improvisação passa por uma aprendizagem de preparação da disponibilidade, da abertura desse corpo. Uma técnica difícil, modos de fazer para construir esse corpo do palhaço. Essa improvisação envolve uma política de abertura para o acontecimento, para a relação com a alteridade que implica em ressoar com o outro. Isso diz muito de uma possibilidade educativa **praticada** no seu trabalho.”<sup>2</sup>.

Passou o dia da qualificação!

Não passaram os encontros com a qualificação!

Estava ele ainda a conversar com suas próprias incongruências, essas que o compõem. Essas que foram anunciadas com delicadeza pela banca, mas, também, outras foram conversando na produção com essas coisas todas. A qualificação agora já era caminho vencido?

O que vinha de potente era a dissertação final ou o que se estava a produzir aqui dentro e, fora desse emaranhado de gentes e encontros que se firmaram na qualificação e antes dela e depois dela e que, por fim, resultaria. Porque é assim que é, numa tal dissertação final?

O processo instaura a necessidade de uma dissertação final.

- Não dá para brincar com o final e o processo? Parece-me que seu trabalho está em processo e sempre... isto me leva a Deleuze: “Tudo é máquina de máquina”<sup>xxviii</sup>.

- Acho que temos que pensar o que a banca vai pensar.

- Mas isso é possível?

---

<sup>2</sup> Parte do texto/fala produzida pela professora Dr<sup>a</sup> Kátia Kasper durante a banca de qualificação deste trabalho no dia 31 de março de 2014.

- Vamos inventar possíveis questões e vamos aqui tentando respondê-las. Porque certamente farão perguntas. Alguns podem assumir o papel de “advogado do diabo”... Você sabe que tem gente assim, não é?!

- Sim. Sim. Pode acontecer...

- Mas, quais seriam as possíveis perguntas? Você faz ideia? Por que ainda não está pronto o texto da peça, então como faremos as perguntas sem ler o que ainda será produzido?

- Inventando, uai. Não é sempre assim que você fala?! Aliás, na sua qualificação surgiram perguntas que não foram diretamente respondidas, não foi?!

- Sim, foi.

- Que tal respondê-las agora?

- Não. Penso em não responder àquelas perguntas agora. Deixarei para que, com processo de leitura, de aproximação com a escrita cada pessoa que a fez, encontre suas respostas ou pelo menos as possíveis. Que invente algo com elas, problematizando-as. Essa é uma possibilidade de abertura *com* o outro. Se usarão dessa possibilidade, já foge ao controle de qualquer um que lança o convite do possível.

- Ok! Mas, então quais critérios vamos pegar para inventarmos outras questões possíveis?

- Bem, tem alguns temas que eu gostaria de pensar, de gastar tempo...

- Quais? Podemos partir deles...

- *Arredondamento acadêmico, Só a alegria produz conhecimento, Relações do modo como escrevo com a pesquisa/corpo/educação/fruição/alegria/conhecimento, O estado do corpo para os estranhamentos no viver, Os (des)caminhos de um pesquisar passeando no (des)conhecido e “dando conta” do que “não entendo”, Possibilidades outras de (re)existir num mundo outro, também possível de se inventar – por becos de existências, preparação do palhaço/corpo/narrativas, Entre absorções e clasmocitoses<sup>3</sup> na academia/ vida/ encontros: pelo cuidado de si.*

---

<sup>3</sup> Clasmocitose ou defecação celular é o processo de eliminação de resíduos provenientes da digestão intracelular realizado pelas células. Termina quando o vacúolo residual se funde à membrana plasmática da célula e expulsa o seu conteúdo para o meio externo.

- Nossa... Mas isso é muita coisa. Acho que precisaremos chamar outras pessoas para conversarem conosco sobre...

- Não precisa chamar. Lembra da outra vez que simplesmente elas apareceram? Elas são assim. Aparecem sem que chamemos. Quando lhes cabe vez, quando querem, quando fazem link com a coisa... Daí surgem rompendo lugares, criando devires...

- Tudo bem. Então, comecemos por partes. Vamos focar no primeiro tema: *Arredondamento acadêmico*. O que você teria para dizer? Por que você tem grandes dificuldades em arredondar as coisas. Você fica sempre tentando sair pela tangente e nunca se enquadra no que se deve.

- Mas, arredondamento nem sempre está ligado ao enquadramento. Até pode, depende do contexto. De quem vem a fala.

De repente, sem pedir licença, o tempo fechou. Uma ventania começou brava. As nuvens cinza foram cobrindo o céu. Uma tempestade se formou. Mas era uma tempestade diferente. Ela era da cor marrom avermelhada. Era densa. Era uma tempestade de areia. Nunca havia tido dessas coisas nessa cidade. Aquilo era novo. Não havia jeito. Fechar os olhos era inevitável. A terra vermelha que compunha a tempestade era grossa e com a força do vento machucava a pele. Eles tinham que se proteger. Deitaram-se no chão de barriga para baixo e cobriram o rosto com as mãos. Foram se fechando corporalmente para que a superfície de contato entre o corpo e a terra fosse a menor possível. Estavam arredondados. Surge uma voz a espreita de ouvidos atentos.

- Corram para aquela toca. Protejam-se ali no meio daquelas folhagens.

Foram seguindo o som daquela voz desconhecida. Não abriram os olhos, mas seguiam o som. Não corriam, rastejavam. Era uma desfiguração no caminhar. Não era um bicho. Não era gente. Era um modo na tempestade de se evitar machucados, de manter a vida... Era invenção de formas... Era arredondar-se substancialmente e necessariamente... Aqui, o óptico deu lugar mais intenso ao háptico?

Chegaram naquela toca improvisada, onde podiam, provisoriamente, habitar por um tempo até que a tempestade passasse. A voz seguiu sua fala:

- "Husserl fala de uma protogeometria que se dirigiria a essências morfológicas *vagas*, isto é, vagabundas ou nômades. Essas essências se distinguiriam das coisas sensíveis, mas igualmente das essências ideais, regias, imperiais. A ciência que dela trataria, a protogeometria, seria ela mesma vaga, no sentido de vagabunda: nem inexata como as coisas sensíveis, nem exata como as essências ideais, porém *inexata e contudo rigorosa* ("inexata por essência e não por acaso").

O círculo é uma essência fixa ideal, orgânica, mas o redondo é uma essência vaga e fluente que se distingue ao mesmo tempo do círculo e das coisas arredondadas (um vaso, uma roda, o sol...). Uma figura teorematizada é uma essência fixa, mas suas transformações, deformações, ablações ou aumentos, todas suas variações, formam figuras problemáticas vagas e, contudo rigorosas, em forma de "lentilha", de "umbrela" ou de "saleiro". Dir-se-ia que as essências vagas extraem das coisas uma determinação que é mais que a coisidade, é a da *corporeidade*, e que talvez até implique um espírito de corpo. Mas por que Husserl vê aí uma protogeometria, uma espécie de intermediário, e não uma ciência pura? Por que ele faz as essências puras dependerem de uma passagem ao limite, quando toda passagem ao limite pertence como tal ao vago?

Estamos diante de duas concepções da ciência, formalmente diferentes; e, ontologicamente, diante de um só e mesmo campo de interação onde uma ciência régia não para de apropriar-se dos conteúdos de uma ciência nômade ou vaga, e onde uma ciência nômade não para de fazer fugir os conteúdos da ciência régia" <sup>xxix</sup>.

- Em outras palavras o arredondamento acadêmico está ligado à produção de uma ciência nômade. Daquela que está sempre em fuga da categorização, do enquadramento da ciência régia. Não que o faça para brigar com a normatização, mas porque é assim que é...

- Mas, quem disse que é assim que é?

- A voz. Você não ouviu?

- Ouvi. Mas posso discordar. Posso pensar que é de outro modo.

- Claro. É exatamente isso que estamos afirmando. Quando você propõe outro modo, está evidenciando a fuga de uma normatização, lei, enquadramento. Entende? Claro que alguém pode enquadrar você em algo...

Essa é a função da ciência régia e não faltam seguidores por aí. Mas isso também foge do controle de quem está em produção da ciência nômade. Deleuze mesmo ficou enquadrado como pós-estruturalista. O que discordou em vida, mas fugiu do controle. Entende?

- Hum, acho que está começando a fazer sentido. Então quer dizer que ao pedir que você arredonde seu trabalho, não necessariamente está pedindo que você siga a norma, mas que você invente um caminho que tenha em si uma norma; podendo ser outra, mas ainda assim tem uma linha. Como no palhaço, ele opera numa linha própria e inventada.

- Acho que sim. Porque não vale qualquer coisa... Tem um rigor a ser seguido. Tem um trabalho a ser executado. É inexata e, contudo rigorosa.

- “O Estado não pára de produzir e reproduzir círculos ideais, mas é preciso uma máquina de guerra para fazer um redondo”<sup>xxx</sup>.

- Não é fácil. É um trabalho árduo. É uma guerrilha, melhor talvez uma guerra de trincheiras. A coisa funciona em escavações, meio rizomática... Para ganhar espaço e sobreviver às bombas, uma trincheira passa ser uma tática proveitosa. É uma briga mesmo! Porém também podemos inventar modos de se brigar...

- Então, quer dizer que estamos em guerra?

- Sim. Estamos na guerra da sobrevivência e se queremos um lugar nessa vida, há de se cavar trincheiras, becos para existir. Poderia citar para você muitos palhaços que estão em guerrilhas, inclusive em guerrilhas literalmente falando – como é o caso da *ONG palhaços sem fronteiras* que vão a áreas de guerra para levar o riso. Existem palhaços famosos por suas atuações nada convencionais e que, sim, estão em guerra: *Léo Bassi*, *Chacovachi* e poderia citar também o mestre *Charles Chaplin* que brigava, ironicamente e escancaradamente, com a sociedade que estava inserido. São modos diferentes de atuar, mas estão aí ganhando vida ao cavar suas trincheiras. Produziam rizomas...

Ventania, ainda com força.

Os olhos permaneciam meio fechados.

O corpo estava um pouco mais protegido, ali debaixo das folhagens.

Veio uma voz mais branda:

- “O rizoma é um tipo caulinar de plantas vasculares, mais ou menos cilíndricos e faz parte da morfologia do eixo vegetativo, sendo considerado um tipo de caule subterrâneo que tem o crescimento horizontal paralelo a superfície do solo e é coberto de folhas escamosas e possuem raízes.

Este caule possui folhas modificadas que são denominadas de catáfilos. Os catáfilos são as folhas que protegem as gemas (broto da planta) dormentes (que ainda não germinaram), e são as gemas que fazem com que possamos distinguir rizoma de raiz; a disposição de folhas, gemas e raízes é de forma irregular. O rizoma pode ser carnudo ou delgado. O rizoma carnudo na maioria das vezes une os pseudobulbos. Ainda pode se desenvolver sob o solo ou no substrato, onde emergem os pseudobulbos das orquídeas.

Os rizomas possuem numerosas ramificações e emitem algumas partes aéreas, como ocorre em algumas plantas como as bananeiras - nelas, o caule é considerado um rizoma e contém uma parte aérea onde ficam as folhas, uma única vez em sua existência um ramo proveniente do caule nasce para fora do solo, dentro de várias folhas, e forma na sua parte superior uma inflorescência que mais tarde vai se torna um cacho com bananas.

O rizoma tem a função de órgão reprodutor de forma assexuada das plantas, geralmente são as plantas ornamentais e armazenam substâncias nutritivas (nitrogênio) para as plantas. Em alguns rizomas pode ocorrer acúmulo de substâncias nutritivas que resulta no tubérculo que por sua vez é considerado um rizoma hipertrofiado, como por exemplo, as batatas inglesa”  
xxxi.

- Essas vozes começaram a participar da nossa conversa novamente. Eu não havia dito a você que quando eles quisessem passagem, eles viriam...

- Sim. Então, podemos entender que quando estamos falando de rizomas podemos conceber muitas outras ideias com isso, como por exemplo, que a forma rizomática possibilita o crescimento sem ser visto, pois é rasteiro, é coberto de folhagens e, como estávamos falando agora a pouco, ele ainda é meio cilíndrico, meio arredondado...

- Isso. Não sei se seria “sem ser visto”, mas certamente é rasteiro, é quase imperceptível. Mas, temos de lembrar que sua forma reprodutiva é aérea, ou seja, é vista! É um modo de operar... E que não é pequeno. Isso é uma verdade! Por que se sabe que o maior animal do mundo é um fungo.

- Ah sim, é aquele cogumelo-do-mel. Não é esse?! Que foi encontrado em “novembro de 2000 sob o solo da Floresta Nacional de Malheur, nas montanhas Blue no leste do estado chuvoso de Oregon, Gabi é atualmente considerado como a maior colônia de fungos do mundo. Através de estudos de DNA e índices de taxa de crescimento, descobriu-se que este fungo cobre uma área de 8,9 km<sup>2</sup> (equivalente a 1220 campos de futebol). A sua idade é difícil de avaliar, e embora alguns estudiosos afirmem que este organismo vivo pode ter 2400 anos de idade, pesquisas recentes, com base no genoma do fungo, parecem indicar que pode ter 8000 anos. Estima-se que este fungo possa ter uma massa total de 605 toneladas”<sup>xxxii</sup>. Ele é considerado como o maior organismo do mundo.

O fungo nasceu como uma partícula minúscula (esporo) impossível de ser vista a olho nu, e vem estendendo seus filamentos, entre as raízes das árvores. À superfície do solo, ele possui a forma de pequenos cogumelos de aparência inofensiva, mas sob o solo (micélio) fixa-se nas raízes das árvores da floresta, roubando-lhes água, nutrientes, provocando putrefação e morte das mesmas. Embora existam espécies de árvores que resistam a este fungo, a taxa de crescimento fica comprometida. É uma guerra silenciosa, mas potente! É uma guerrilha biomolecular para sobreviver e ganhar espaço.

- Isso mesmo! Perfeita descrição! Essa produção de substâncias químicas, através do metabolismo secundário, gerando fenóis, terpenos e alcaloides que servem para combate intra e interespecífico com a finalidade de sobrevivência, não é mesmo uma guerra silenciosa?! Através de um único esporo, um animal de quase 9 km<sup>2</sup> foi formado. Que grandioso crescimento! Aparentemente inofensivos fungos à olho nu e por debaixo do solo um gigantesco mundo micelar. É disso que estamos falando: do micro. Do que está por baixo e, que não é que por estar por baixo, ou ser menor à olho nu... que se torna menos importante, não é mesmo?!

- Sim. Não é menos importante mesmo.

- Aí está a necessidade de um arredondamento: para que se consiga produzir as substâncias necessárias mantendo-se vivo e potente. Quais modos de produção, por quais vias devo ir para que se produza substâncias que me

permitam crescer, viver e frutificar? Essa é uma das perguntas que tenho feito...

- Então os fungos e outros seres vivos têm muito a nos ensinar...
- Evidentemente. Manoel de Barros quando estava em borboleta disse:

“Vi que as arvores são mais competentes em auroras  
do que os homens.

Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças  
do que pelos homens.

Vi que as águas tem mais qualidade para a paz do  
que os homens.

Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que  
os cientistas.

Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do  
ponto de vista de uma borboleta.

Ali até o meu fascínio era azul”<sup>xxxiii</sup>.

- Nossa! Ele percebeu muitas coisas quando estava borboleta! Talvez essa seja uma trilha possível – estar outra coisa para poder perceber-se noutra mundo. Metamorfosear-se é uma possibilidade! Não só em redondos, mas em borboletas, andorinhas, pentes, sofás...

- Bem, me parece que o tema do *arredondamento acadêmico* foi dito... Qual seria o próximo tema?

- Seria *Só a alegria produz conhecimento*. Mas acho que o micélio<sup>4</sup> está talvez mais ligado a outro tema: *Relações do modo como escrevo com a pesquisa/corpo/educação/fruição/alegria/conhecimento*. Por que o modo como escrevo está ligado a essa produção micelar e rizomática. É um modo de crescimento subterrâneo e diferencial. Como o rizoma, minha escrita, pretensiosamente, se quer produzir de modo a criar numerosas ramificações e não só subterrânea, pois se sabe que para atingir territórios mais longínquos é necessária a presença do esporófito na parte aérea, a fim de que seus esporos, através dos ventos, possam ser carregados para outros lugares.

- Uma escrita rizomática?!

---

<sup>4</sup> Micélio é o nome dado a um conjunto de hifas dos fungos multicelulares. Cada hifa é um filamento microscópico, um tubo. Quando se reúnem em grandes emaranhados, esse conjunto é o que recebe o nome de micélio.



- É. Talvez eu esteja ambicioso demais... Mas, é esse o desejo da escrita. Como Nietzsche dizia não querer ser confundido, de igual modo também não quero.

- Mas, como se faz uma escrita rizomática? Por que muitos já falaram que sua escrita é poética e, portanto, não acadêmica. Lembra disso não é?! Foi até na ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - que um parecerista escreveu: “Não se trata de um recorte de uma pesquisa acadêmica em andamento, mas sim, do compartilhar e refletir sobre uma experiência inspiradora”<sup>xxxiv</sup>. Ou seja, não é acadêmico.

- Não é acadêmico, mas ele disse no final do parecer: “Sou favorável à aprovação”<sup>xxxv</sup>. Isso não é um crescimento rizomático? Estar na academia e ainda assim “não ser acadêmico”?! E, neste caso, seria rizomático por dois motivos: primeiramente por escrever poeticamente e cheio de citações literárias e conseguir ser aprovado. E outro momento, também importante, é quando esse parecerista abre brechas na “academia” para que um texto como este possa fazer parte *com*. Porque certamente não foi por ser bonzinho que este parecerista aprovou o trabalho! Provável que ele também entenda que é preciso outros modos para compor a academia! Não só percebe, como menciona isso em seu parecer, né?! Ele rompe modos pragmáticos de selecionar trabalhos acadêmicos! Ele possibilita novos ares, novos modos... É também um modo outro de habitar essa academia! É a mesma academia, só que de outro modo, né?! Escreve-se de outro modo, com outros ares, se lê com outros modos, com outros ares, move-se, habita, inventa *com*.

Veio uma voz a compor.

- “É verdade, enfim... Seria preciso dizer que, no limite, um escritor escreve para os leitores, ou seja, “para uso de”, “dirigido a”. Um escritor escreve “para uso dos leitores”. Mas o escritor também escreve pelos não-leitores, ou seja, “no lugar de” e não “para uso de”. Escreve-se pois “para uso de” e “no lugar de”. Artaud escreveu páginas que todo mundo conhece. ‘Escrevo pelos analfabetos, pelos idiotas’. Faulkner escreve pelos idiotas. Ou seja, não para os idiotas, os analfabetos, para que os idiotas, os analfabetos o leiam, mas no lugar dos analfabetos, dos idiotas. ‘Escrevo no lugar dos selvagens, escrevo no lugar dos bichos’. O que isso quer dizer? Por que se diz uma coisa dessas? ‘Escrevo no lugar dos analfabetos, dos idiotas, dos bichos’.

É isso que se faz, literalmente, quando se escreve. Quando se escreve, não se trata de história privada. São realmente uns imbecis. É a abominação, a mediocridade literária de todos as épocas, mas, em particular, atualmente, que faz com que se acredite que para fazer um romance, basta uma historinha privada, sua historinha privada, sua avó que morreu de câncer, sua história de amor, e então se faz um romance. É uma vergonha dizer coisas desse tipo. Escrever não é assunto privado de alguém. É se lançar, realmente, em uma história universal e seja o romance ou a filosofia, e o que isso quer dizer...” xxxvi.

- Metamorfoseia-se em analfabeto, em louco! Mas não entendi muito bem a relação que ele faz.

- Ele está conversando sobre o processo da escrita. Não é fácil escrever. Não basta contar uma historinha. Por isso ele faz diferença entre um escritor e um contador de histórias. Quando escrevo não estou falando de mim, propriamente dito, mas estou falando de um território comum, múltiplo e que por isso mesmo é singular. É uma trama de letras e palavras que produzem sentidos por alguém ou para alguém. Mas que para, além disso, talvez, o ganho real seria conseguir escrever sendo outro. Manoel escreve o “idioleto Manoelês” xxxvii e eu invento um idioleto Leandrolês... Há de se inventar idiomas para uma escrita potente e alegre. E além do mais, ele é filósofo, temos que dar um desconto... Porque a vida é mesma um tanto estranha. Daria para imaginar, que um esporo formaria um animal tão grande? Daria para imaginar, que através de uma fecundação – óvulo mais espermatozoide – nasceria você? Tudo bem que não é dos bonitos, mas é gente.

- Palhaço.

- Ah, também tem essa onda do palhaço que nos ajuda a ver os micélios da vida...

- O imperceptível?

- Isso. Já entraríamos no outro tema que seria: *O estado do corpo para os estranhamentos no viver.*

- A palhaçada.

- Isso cara. O palhaço ajuda o corpo a se manter atento para estranhar o comum. Isso também tem relação com a escrita que falávamos agora a pouco. Deleuze faz associação entre quem escreve e um animal.

- É. “Se me perguntassem o que é um animal, eu responderia: é o ser à espreita, um ser, fundamentalmente, à espreita.

- Como o escritor?

- Sim. O escritor está à espreita, o filósofo está à espreita. É evidente que estamos à espreita. O animal é... Observe as orelhas de um animal, ele não faz nada sem estar à espreita, nunca está tranquilo. Ele come, deve vigiar se não há alguém atrás dele, se acontece algo atrás dele, a seu lado. É terrível essa existência à espreita. Você faz a aproximação entre o escritor e o animal”

xxxviii.

- Eu diria que o palhaço teria esse estado animal. Não é em vão que em muitos cursos de iniciação à palhaçaria o Messiê faça uso das características básicas de animais para que os aspirantes a palhaço experimentem situações, movimentos, olhares, andares animais para a fim de aflorar, precipitar, aumentar o palhaço pessoal. A *commedia Dell arte* tinha os animais como referência – o porco (Doutore), o macaco (Arlequim), a galinha (Colombina)...

- O palhaço é um ser à espreita. Está sempre atento ao que se passa. Sempre traz no corpo as perturbações do que o envolve e mostra isso para o outro. É de praxe que o palhaço seja identificado logo na sua entrada. O figurino, a maquiagem, a postura... Todo o conjunto soma informações, sensações para que a plateia perceba quem é esse palhaço que entrou. Se ele é rico, pobre, manda, obedece, falante, esfomeado, gentil, inocente, safado, nojento, burlesco... É um estudo profundo, é uma preparação eterna, tem de se desacostumar o olhar, o corpo todo está livre dos costumes e exercita-se num estado outro. O palhaço exercita-se em transver as coisas, pois já não é um personagem construído, como se faz no teatro tradicional, mas é a exarcebação do singular, do erro... Não se trata do “eu” psicológico, mas de uma invenção de possíveis e muitos “eus” que o constituem. O transver o mundo manelês criar rombos de possibilidades infinitas...

- Então, como aquele “errar” lá no início da conversa toma proximidade com este erro do palhaço?

- “Transver o mundo. Transver o mundo” xxxix!

- Quando o mundo está transvisto, as coisas se alteram e tomam outros sentidos! Inventam-se! Multiplicam-se sentidos... O erro toma lugar do acerto! É pura invenção!

- “A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo”<sup>xl</sup>.

- Para transver é preciso imaginação.

- Por isso a tangente de escrever uma peça de teatro pode ser uma boa fuga da ciência régia. Uma boa linha a ser puxada do redondo, um bom modo de esticar o tempo, de possibilitar imaginações...

- Bruninha<sup>5</sup> já disse que quando ela sobe no tecido<sup>6</sup> ela fica cheia de imaginações. A arte ajuda a criar mundos. O palhaçar é uma arte e, portanto inventa um mundo para si... Ele afirma-se num mundo.

Bruninha também se afirma no mundo, este que ela inventou para si, nas aulas de circo. Ela se afirma enquanto Bruninha. Este é o seu nome. Nome que ela escolheu para si. E, apesar de ser a menor do grupo, em estatura e, menina e negra e, e, e, por tantas vezes ser subjugada, também por esses motivos, consegue forças nesse coletivo circense para se afirmar enquanto dona de sua própria existência! Ela toma para si as rédeas do viver. Não aceitando docilmente os apelidos ofensivos, mas afirmando seu nome enquanto força alegre! Isso é maravilhoso! É um arrombo formativo: Bruninha e pronto e ponto!

- É seu nome próprio, ué... Não vejo nada demais! Apenas colocou no diminutivo. Só isso. O que tem de arrombo formativo nisso? Afirmar seu nome próprio é algo maravilhoso?

- Não é só afirmar seu nome próprio. Se quer saber, por vezes ele nem indica isso, “tampouco em função de uma forma ou de uma espécie que um nome pode tomar um valor de nome próprio. O nome próprio designa antes algo que é da ordem do acontecimento, do devir ou da hecceidade. São os militares e os meteorologistas que têm os segredos dos nomes próprios,

---

<sup>5</sup> Bruninha é uma personagem inventiva que faz parte do Mutirão da Meninada do Vale Verde – ONG que atuo desde 2011 com aulas circenses.

<sup>6</sup> Tecido aéreo acrobático. Modalidade circense.

quando eles os dão a uma operação estratégica, ou a um tufão. O nome próprio não é o sujeito de um tempo, mas o agente de um infinitivo [...] o nome próprio, não é a marca constituída de um sujeito, é a marca constituinte de um domínio, de uma morada”<sup>xli</sup>.

- Entendo. Então, não é uma questão de um sujeito, mas de um acontecimento que cria, impulsiona e possibilita a precipitação de devires. Devir-Bruninha, devir-palhaço, devires... Bruninha palhaçar!

- Isso!

- E como o acontecimento é relacional, entende-se, portanto, que para ser um bom palhaço, para se afirmar em vida, para se dar um devir-Bruninha deve-se agir de tal modo com público... relacionando-se inteiramente a ponto que este seja envolvido na lógica inventada de quem propõe, no jogo, na brincadeira... Aí que a gente ri: Quando “damos conta” do que o palhaço vai fazer... A gente antecipa seu gestual e caímos na gargalhada ao percebermos que “entendemos”.

- Isso mesmo. Quando num espetáculo o palhaço deixa o público perceber a sua lógica de raciocínio, que ele mesmo inventou para si, quando dá o *start* no corpo de quem assiste ao operar também nessa mesma lógica outra produzida pelo palhaço, o riso é inevitável. Porque a plateia também inventou uma lógica própria. Aí está o ganho, o riso. Claro que o contrário também acontece. Quando o público é sempre surpreendido pela saída inesperada que o palhaço encontra. Isso também gera (in)certo riso... Outros modos e infinitas possibilidades são possíveis de se inventar para que o riso aconteça. É uma questão de relação *com...* de presença *com...* de ocupações e engendramentos *em devires...*

- Mas e o que isso tem haver com a questão de perceber o imperceptível?

- É que o palhaço cria para si uma lógica e, portanto, seu modo de existir e atuar sobre e com as coisas é diferente do nosso. Isso possibilita um mundo de coisas novas. Porque ele perde tempo com coisas que jamais perderíamos. Por isso inventa mistérios, encontra belezas, tropeça em alegrias e bons encontros. Porque o palhaço está sempre à espreita de um encontro. Ele tem um corpo poroso que auxilia nas percepções... “Ele estica horizontes”<sup>xlii</sup>. Perceber o imperceptível é uma artistagem que os cientistas fazem bem.

Utilizam de instrumentos que possibilitam ver coisas que “ninguém” vê. O microscópico, por exemplo, é um instrumento fantástico que permite ver coisas que a olho nu não vemos! Obviamente que para ver algo num microscópio você tem de preparar um material em uma lâmina, lamínula... Utilizar de procedimentos técnicos e saber manejar bem o equipamento para que nesse manejo, o “invisível” seja notado! É uma alegria estonteante... É perceber mundos que nem sequer damos conta de sua existência.

Um cientista, ou aluno, ou qualquer pessoa que se aventure num microscópio tem de atentar para o que está fazendo. O corpo fica em posição de atenção ao que se vê. Olhos atentos. Movimentos precisos e milimétricos com as mãos para se ajustar ao foco necessário para que aquele mundo seja notado... É um acontecimento no encontro. Objeto/ser microscópico com objeto/ser humano macroscópico – Claro que isso do nosso ponto de vista... É uma atenção especial que se dá... Têm-se corpos desejantes ao encontro.

O palhaço, de igual modo, tem de se preparar para o encontro, tem de estar num estado de atenção pulverizada, esticar seus pseudópodes, dilatar o corpo, ampliar sensibilidades... Neste caso é um preparo que antecede ao encontro e que ao mesmo tempo possibilita-o.

- Mas, como o palhaço faz para estar sempre em atenção?

- Ele ensaia. Este preparo, que eu dizia, é exatamente o ensaio.

- Uai, como assim?

- O palhaço é uma criação. Uma invenção outra de si. Isso tem que ser ensaiado. “Repetir, repetir, repetir até ficar diferente” <sup>xliii</sup>. O palhaço ensaia o erro para quando precisar, que erre com precisão.

- O palhaço ensaia para errar? E se erra, onde está o ganho?

- O palhaço opera na lógica que inventa, lembra?! Portanto, seu acerto está no erro! A intencionalidade do palhaço é provocar o riso – pelo menos, na maioria das vezes...

– Então as pessoas riem quando dá errado, certo?! Portanto, ele erra para acertar: ganhar o riso!

- Mas errar é fácil. O difícil é acertar.

- Justamente. O palhaço precisa acertar o erro. Milimetricamente. Há casos que, dependendo do número em execução, por milímetros de erro quem

faz o palhaço perde o número. Então, ele precisa ensaiar para acertar o erro. Compreende?

- Ah, sim. Agora entendi. Mas, continuo com a pergunta: O que isso tem a ver com *o estado do corpo para o estranhamento no viver?*

- Não ficou claro?! Está vendo como temos problemas com a escrita?! Para mim, que estou escrevendo, já ficou mais que claro o que estou querendo dizer. Mas, para você, que está lendo/ouvindo, ainda não. Vou tentar mais uma vez, explicar de outro modo.

- Todos nós estamos habituados à vida. Tudo nos é muito comum: a flor que desabrocha no jardim, o pássaro que canta de manhã, o prédio da esquina, o ponto de ônibus lotado de pessoas, a praça no centro da cidade, as pessoas que circulam nas ruas, nosso corpo, nossa cidade, nosso país, mundo, universo... Sabemos de tudo! Não nos espantamos com quase nada. O noticiário sanguinolento da televisão não nos tira do lugar, o menino que repete de ano pela terceira vez não nos incomoda. Sabemos em quem jogar a culpa e, nos conforta sabermos quem são os culpados disto acontecer. A escola com seus muros e grades, nos é familiar. O conteúdo das séries e os livros didáticos são muito apropriados. Tudo está como sempre esteve.

Quando exercitamos o corpo a fim de sensibilizá-lo, começamos a notar coisas que não notávamos: o prédio da esquina passa a ser maior do que o normal, a rosa que desabrocha rompe sensações, o pássaro que canta passa a ter um somido perturbador, o ponto de ônibus lotado de pessoas passa a ser visto como uma arquibancada perfeita para uma boa apresentação, as coisas começam a nos perturbar. Inclusive estranhamente. É possível que um palhaço caia em gargalhadas ao ouvir o noticiário de uma tragédia na TV. Lembre-se: ele trabalha numa lógica inventada. Portanto, o exercício do corpo para o estranhamento, ajuda a perceber coisas que antes não eram percebidas. Isso possibilita criações infinitas de outros mundos e modos de se habitar e existir no espaço, entende?

- Ah, agora você me fez lembrar de um poema do Manoel. Aquele que ele diz assim:

“Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou

uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma”<sup>xliv</sup>.

- Isso mesmo. O palhaço é mestre em desinventar objetos. Ele brinca com as coisas. Ele não só desinventa, ele inventa também. Ainda com Manoel:

“as coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis. Elas desejam ser olhadas de azul”<sup>xlv</sup>.

Isso possibilita a invenção de mundos... Não é maravilhoso?! Não é de se alegrar a alma com uma possibilidade dessas nas mãos?!

- Sim! É mesmo uma alegria e ao mesmo tempo uma paralisia... Não é?!

- Por quê?

- Porque o mundo ganha dimensões grandes demais... até infinitas talvez...

- “O melhor exemplo deste finito-ilimitado é o DNA: uma infinidade de formas pode surgir, e surge, a partir das quatro bases que constituem o DNA”<sup>xlvi</sup>. Por que as variações que se podem formar na dupla-hélice apenas com o uso de quatro bases nitrogenadas – Timina, Guanina, Citosina, Adenina - são infinitas. Assim como, entre dois números naturais, por exemplo, o um e o dois, existem uma infinidades de números decimais possíveis...

- E com tanta possibilidade pode-se sofrer de paralisias – medo de não saber por onde começar... O que fazer... Não acha?!

- Verdade. É por isso que o treinamento é fundamental.

- “Se você quer 5 minutos, 10 minutos de inspiração, tem de fazer uma longa preparação. [...] Uma aula é ensaiada. É como no teatro e nas canções, há ensaios. Se não tivermos ensaiando o bastante, não estaremos inspirados. [...] É necessário chegar ao ponto de falar de algo com entusiasmo”<sup>xlvii</sup>.

- Nossa, mas até conseguirmos falar de algo com entusiasmo...

- Por isso o jeito é treinar, treinar, treinar... Por que não vale qualquer coisa. Não é um falar coisas sem sentido e achar que se está tirando as coisas do lugar... Não é juntar quaisquer palavras e pronto. Tem que treinar para errar bem! Era disso que estávamos falando. Não é qualquer coisa! Tem que acertar o erro! “Errar bem o idioma”<sup>xlviii</sup> já dizia o Padre Ezequiel de Manoel de Barros.

- Sim. Manoel confessa que passa horas no quarto fechado tentando juntar as palavras por amor e não por sintaxe. Mas, isso é difícil. Ele vai criando



provisoriamente frases, até que fique bom, que desconcerte os sentidos normais das ideias... Que não use palavras bichadas de costumes. Estranhar as coisas é preciso. Olhá-las de azul...

Enquanto falavam o abrigo desmoronou. Sim, a toca de folhagens foi arrastada pela tempestade de areia marrom avermelhada. Já estavam sujos de vermelho. Não se lembram caro leitor, que tudo isto está se passando numa tempestade de areia vermelha? Já acomodou o corpo no lugar habitual? Já se recostou a cabeça e estava pensando em ficar tranquilo neste abrigo improvisado? Esqueceu que era um abrigo provisório?

A tempestade veio forte. Levou as folhas, os galhos, o abrigo. Desabrigou-nos! Sim, você, estava no abrigo! Não percebeu enquanto lia que a ventania te trazia pra perto? Pois bem...

- Não vão procurar outro abrigo?

- Não conseguimos abrir os olhos, como procuraremos algum lugar?

- Não estavam falando sobre estranhar territórios e coisas?! Então, acho que surgiu uma boa oportunidade para se experimentar a conversa.

- Mas, estávamos conversando em nível de filosofia, poesia, palavras, ideias...

- E isso tudo é só teoria.

- Ainda estão presos à ciência régia, não é mesmo?! Teoria é uma coisa, prática é outra.

- Não.

- É difícil admitir que estamos ocupando um lugar que não queríamos, né?! Mas, por vezes, outras tempestades nos levam para outros lugares, também provisórios, mas ilusoriamente eternos. Essas tempestades são traiçoeiras. Não sabemos para onde nos levam e, quando menos percebemos estamos lá: dividindo territórios com os amantes da ciência régia! Por vezes em meio à tempestade, tem-se de pulverizar os olhos, expandi-los por todo corpo... cheirar, dilatar a sensibilidade da pele, expor-se mesmo que machuque... Para espiar, mesmo que provisoriamente, a trilha que estamos indo... É um perigo tremendo ser arrastado por tempestades abruptas que também não pedem passagem.

- Claro que não! Eu sei bem os riscos que estou correndo! Vamos cara! Vamos encarar a tempestade!

- Bobinhos, a luta não é contra a tempestade!

Saíram todos. Ele está sozinho. Lembre-se que todo esse diálogo é feito por um só personagem. Esqueceu-se novamente? Lembre-se que algumas dessas vozes são pura invenção. Ele está sozinho, mas acompanhado de muitos que ele mesmo não consegue deixar. Você está lembrando-se disso, caro leitor, ou de igual modo, já inventou também um personagem para a segunda voz e para a terceira voz...?! Você está sozinho na leitura. Não tem ninguém com você... Lembre-se disso! Ninguém e, ao mesmo tempo, muitos! Você é ele? Você experimenta-se em outro lugar, corpo, voz, modo...

Resolveu deixar que a tempestade o levasse.

A ventania o levou.

Mas, ao mesmo tempo, para não ficar a mercê de possíveis objetos pela frente, foi rastejando no chão com as mãos para frente, apalpando o lugar e tentando reconhecer coisas, texturas, cores, sons... Estava feito escorpião: abdômen colado no chão, sentindo as vibrações da terra e percebendo os possíveis movimentos – presa ou predador. Era a experimentação animalesca, era o desenvolvimento corporal que está sempre à espreita. Estava agora na experiência de corpo inteiro.

Aceitou a proposta de experimentar o presente.

O artista é um modo de ser que experimenta o espaço, o corpo, suas extensões, seus limites, suas possibilidades... O ser artista cria condições, inventa tempos, modos, corpos, ritmos, sons... Ele ocupa um espaço, no presente, exercitando-o alegremente.

O espaço enche-se com a voz:

- “Acho que todo professor tem de ter alguma coisa de ator, senão ele não terá sucesso. Sendo somente um expositor de ideias, dificilmente ele chamará a atenção dos estudantes” <sup>xlix</sup>.

Agora, também professor, andando feito um escorpião, procura desenvolver os potentes receptores sensitivos que são capazes de captar movimentos de ar e vibrações no solo, conseguindo perceber a presença de predadores, presa, água, temperatura e luz, assim como uma gama de outros estímulos.

As pectíneas são um par de apêndices com aparência de pentes localizados na porção ventral imediatamente após o último par de patas. Apenas os escorpiões as possuem.

Nessa experimentação está o homem exercitando a impossibilidade da natureza. “Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?”<sup>l</sup> Essa falta de pectíneas completa a natureza?

Vá experimentando suas sensibilidades e se metamorfoseando no andar, respirar, expressar, sentir... Ele está em devir-escorpião? Pequeno e perigoso homem-escorpião.

Por instantes o homem-escorpião passa a sentir a falta de vibrações do seu lado direito. Imaginou ser um possível lugar seguro. Foi conferir em suspense, atento, aguçando ainda mais seus sentidos. Poderia estar enganado.

Encontrou uns escombros. Adentrou. Ficou pensando, ali, se deveria abrir os olhos para reconhecer o lugar onde estava ou se era melhor não reconhecer com os olhos, mas conhecer com outros sentidos – que agora eram sentidos.

Espiou apenas. Escorpião tem baixa visão. Feito escorpião estava ele nos escombros, no abrigo...

- Muito bem! Agora está à espreita...

O escorpião-homem se posicionou no solo. Configurou-se para ouvir a voz, de onde vinha, de quem era, se era perigo, se era abrigo...

- Estou à espreita?!

- Sim. Inventou *possibilidades outras de (re)existir num mundo outro – por becos de existência* ou seria por escombros de existência.

- Mas, então era isso?! “Era isso que isto queria dizer”<sup>li</sup>?! Quando você disse que gostaria de falar sobre essa temática, era isso que você gostaria de falar/fazer?

- Por vezes é difícil de falar/escrever com esse assunto. Porque ele se faz. Quando você menos espera, cria-se um beco de felicidade. Ela se instaura sem pedir licença e brevemente se vai... O que importa, então, é você conseguir criar condições para que ela sempre encontre espaço para surgir.

- Então, beco de existência tem a ver com felicidade? Felicidade não é uma palavra muito besta? Muito boba? Não seria melhor, alegria? Até porque alegria está baseada em Spinoza, Nietzsche entre outros...

- Que tenho eu com Spinoza?

- Não te importas do que falarão de sua felicidade?

- Não basta viver?

- Basta para você?

- Estão propondo conceitos. Estou propondo experiência.

- Mas os conceitos estão no viver, na experiência...

- Mas, servem para classificar. Separar. Distinguir... Estão ocupando o lugar de uma ciência que nomeia, caracteriza, classifica... A Ciência Biológica também faz isso. Que importa no viver?

- “O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.

Passou um homem depois e disse:

Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem”<sup>lii</sup>.

- Às vezes é assim... A ciência régia serve mais para empobrecer a imagem...

- Inventar becos de existência para a liberdade e alegria se fazer passa a ser vital.

- Mas acho que Deleuze poderia dizer a respeito de conceitos móveis de pesquisa... Que não é totalizante, mas deslizante... Está sempre no movente.

- Esse pode ser um beco que ele tenha inventado para habitar alegremente. Deleuze, talvez, encanta a filosofia, inventa uma filosofia outra... Liberta a filosofia de suas amarras e é filósofo! Quanta potência, talvez, há nessas invenções de becos para a liberdade se fazer... Pensando nesse campo da ciência, também é vital seu ~~(re)~~ encantamento e, portanto, a ~~(re)~~ invenção de outras ciências possíveis... Há de se ter outras ciências encantadores, alegres e potentes... Temos que apenas errar bem o caminho da ciência régia e *com* ela fazer outra coisa, criando caminhos e possibilidades

infinitas... Na ciência e na docência. Não mais usando as “palavras bichadas de costumes”<sup>liii</sup>, mas inventando linguagens e modos.

- Como isso é possível? Como encantar a ciência e inventar a docência?

- Bom, inicialmente é importante insistirmos que não existe um modelo, uma regra, uma fórmula, uma receita... Tudo é invenção, experimentação. Isso inclui a ciência régia...

- Entendo. Como o que acabou de acontecer com você... Como dizíamos do palhaço!

- Sim. O palhaço está sempre experimentando no jogo e, por isso mesmo, sempre leva latadas! As coisas não saem como pensou que sairia, a plateia não acha graça, a coisa não funciona.

- Corre-se sempre esse risco?

- Sim. Sempre. Experimenta algo e... latada; muda e... latada; faz outra mudança e... latada, latada, latada, latada... Até que se acerta o ponto da graça, do encantamento, da alegria de agir.

- Mas, então isso vale a pena? Porque são muitas latadas pelo visto...

- São sim. Mas, há de se inventar modos de tomar latada e servir de riso. Mostrar para plateia que você tentou e não conseguiu. Talvez isso provoque o riso. É importante jogar honestamente com a plateia. O jogo está entre vocês. É um jogo limpo, ético. Não estão jogando para que um saia vencendo o jogo. Nesse jogo não há perdedores. Todos vencem! É uma dinâmica. A plateia joga para o palhaço e ele, de igual modo, joga para a plateia. Quando um deles para de jogar, termina a brincadeira!

- Entendo. Mas, às vezes, a plateia pode não ser ética...

- Ah, claro. Como o ator também... Daí não é jogo. É outra coisa. Daí é palhaçada no pior sentido que se pode propor.

- Estamos em defesa de uma formação ética. Sendo ético é importante pensar em uma estética do jogo e convidar alegremente a plateia para participar dessa dinâmica – com as regras que se vão inventando pelo caminhar da brincadeira – e dessa estética... Partindo dessa construção, faz-se o jogo. É possível também que a plateia seja meio des-graçada, então o palhaço deve jogar, ainda eticamente, convidando a plateia para seu lugar. Sem piedade e nem sendo piegas, mas com alegria de agir... O palhaço é um ser que subverte. Ele subverte a falta de ética. Ele tem liberdade para viver. A

mascar do palhaço (o nariz) é símbolo, marca de liberdade. Ela autoriza à liberdade. O palhaço é ético na sua lógica!

- Ah, então o palhaço é bonzinho. Ético.

- Não. Não foi isso que eu disse. Ser ético não tem nada haver com ser bonzinho. Não se esqueça que ser ético para o palhaço pode não ter haver com ser ético para nós. O que eu disse é que o palhaço deve ser ético consigo mesmo, ou seja, na sua lógica! Seja ela qual for... Entende?

- Então, o palhaço pode ser um trapaceiro?

- Claro. Dos melhores inclusive... Mas, tem de ser ético, propor uma estética e manter o jogo, não deixar a peteca cair. A plateia pode estar afim de um palhaço trapaceiro, bêbado... É um jogo. Sabe-se, logo que tal palhaço é trapaceiro, ou bonzinho, ou bêbado. O palhaço não finge ser o que não é – exceto quando proposital: finge que finge!

- Nossa. Aí vira um vale tudo.

- Não. Volto a repetir, não pode ser qualquer coisa. Não é um vale tudo. O palhaço tem que preparar bem. Ele tem que ter o que fazer...

- Mas quando vou saber se o palhaço está sendo ético? Se ele não está jogando no vale tudo?

- Ah, isso não tem como dizer. Você tem de perceber...

- Como?

- Não sei dizer. Vai experimentando. Vai vivenciando os palhaços. Vai percebendo os jogos, os modos... Depois de um bom tempo de convivência com diversos tipos de palhaços começa-se a perceber as diferenças entre uma coisa e outra... Entre um palhaço e um palhaço. Não está no entendimento racional, está em outro lugar! Também no corpo, mas não só no pensamento racional ocidental. Tem que viver para saber!

- Achei legal essa coisa de “tem que viver para saber”. Parece que o saber fica ligado a outras coisas do viver que não sabe só na cabeça.

- Bem, pelo ritmo da conversa eu acho que já falamos de quase todos os pontos que gostaria de partilhar na defesa do mestrado. Penso que ficou faltando só a parte dos (des)caminhos...

- Isso mesmo. Mas essa parte agora ficou fácil de entender. Seria como a nossa conversa. Não sabíamos onde íamos chegar. Sabíamos o que queríamos conversar: os temas! Mas como isso se daria e em quais lugares

isso nos levaria, não fazíamos a menor ideia. E penso que nem ficamos preocupados com isso. Não é?!

- Ok. Não ficamos preocupados. Ficamos ocupados!

- É. Ocupamo-nos, no presente, com o assunto que estava em pauta. O caminhar foi se dando. Talvez uma fruição, como alguém já tinha dito em sua qualificação...

- Ah sim, uma fruição é uma beleza. Uma graça da vida. Uma generosidade com o viver. Um estado de alegria no presente... Fruir.

- Mas, sabe que tem uma coisa que ainda me preocupa.

- O que?

- Como você vai fazer para falar disso tudo em uma peça de teatro? Sem que a peça seja chata, suja, intelectual... Entende?

- Entendo sim. E não sei responder. Penso que farei do mesmo modo que conversamos aqui. Vou indo sem saber bem onde vai dar. O que me deixa tranquilo é que uma peça de teatro conta com o espectador. Ela não tem de ser clara, nem objetiva e muito menos explicativa. Uma boa peça de teatro deixa que o espectador crie cenas, invente histórias, faça links com seus viveres, se envolva, se emocione, se lance na peça, se esqueça do resto...

- Ah, isso é verdade. Quando vou ao teatro quero ser envolvido na peça.

- Mas está aí também uma questão importante. Tudo dependerá de quem vai ler, pois é preciso que se queira ser envolvido, ou pelo menos que se deixe envolver...

- Será que é mesmo uma questão de querer?

- É... Talvez seja uma questão de estar disponível, sensível, né?

- Penso que sim.

- O bom do teatro é que cada um pode entender uma coisa.

- Ou sair até sem entender nada, mas sentir muito. Tem um filme que gosto muito "Tempos de paz" <sup>liv</sup>. Ele retrata bem isso, quando o ator, que faz o papel de um imigrante intelectual que chega ao Brasil durante a ditadura militar e é capturado para ser interrogado pelos militares a fim de ser preso ou ser deportado... Depois de muita conversa o ator faz uma cena, narrando um texto escrito em 1936 pelo escritor espanhol Pedro Calderón de La Barca:

*"Ai de mim, ai, pobre de mim!"*

*Aqui estou, ó Deus, para entender que crime cometi contra Vós.*

*Mas, se nasci, eu já entendo o crime que cometi.*

*Aí está motivo suficiente para Vossa justiça, Vosso rigor, porque o crime maior do homem é ter nascido.*

*Para apurar meus cuidados, só queria saber que outros crimes cometi contra Vós além do crime de nascer. Não nasceram outros também?*

*Pois, se os outros nasceram, que privilégios tiveram que eu jamais gozei?*

*Nasce uma ave e, embelezada por seus ricos enfeites, não passa de flor de plumas, ramalhete alado quando veloz cortando salões aéreos, recusa piedade ao ninho que abandona em paz.*

*E eu, tendo mais instinto, tenho menos liberdade?*

*Nasce uma fera e, com a pele respingada de belas manchas, que lembram estrelas.*

*Logo, atrevida e feroz, a necessidade humana lhe ensina a crueldade, monstro de seu labirinto.*

*E eu, tendo mais alma, tenho menos liberdade?*

*Nasce um peixe, aborto de ovas e lodo e, feito um barco de escamas sobre as ondas, ele gira, gira por toda parte, exibindo a imensa habilidade que lhe dá um coração frio.*

*E eu, tendo mais escolha, tenho menos liberdade?*

*Nasce um riacho, serpente prateada, que dentre flores surge de repente e de repente, entre flores se esconde onde músico celebra a piedade das flores que lhe dão um campo aberto à sua fuga.*

*E eu, tendo mais vida, tenho menos liberdade?*

*Assim, assim chegando a esta paixão, um vulcão qual o Etna quisera arrancar do peito, pedaços do coração.*

*Que lei, justiça ou razão pôde recusar aos homens privilégio tão suave, exceção tão única que Deus deu a um cristal, a um peixe, a uma fera e a uma ave?"*

Quando o ator termina de fazer sua cena o militar chora e diz ao ator – O pior de tudo é que eu não entendi uma palavra que você disse.

- Isso é maravilhoso!

- Sim, é sim!

- Então você vai começar a escrever a peça?

- Ela já está pronta.



- E onde ela está? Mostra-me.

- Ah, lembrei de uma coisa. Onde está você? Faltou você falar de um tema: *Entre absorções e clasmocitoses na academia/ vida/ encontros: pelo cuidado de si*. Escutou? Ainda falta você falar dessa formação. Onde você está?

- Vem comigo cara. Estou na peça. Lá a gente vive a vida real e entende no viver como é que alguém se forma alegremente. Isso tem haver com o cuidado de si – a temperança é uma graça! Vamos para lá viver!

## **2 - PEÇA TEATRAL**

**Nos (des)caminhos de uma produção de si: entre  
(des)conhecimentos, (des)linguagens e (de)formações de professores  
E/OU invenções de ecologias num viver de um dito professor de  
ciências/biologia e ator e palhaço e...**

De noite, no palco giratório do teatro, no ensaio aberto.

**(Ao entrar, o público encontrará tudo em andamento. O Primeiro Ato – ATO CAMELO – já foi ensaiado. O público só terá acesso a partir do SEGUNDO ATO – ATO LEÃO. Porém, vestígios do ATO CAMELO serão perceptíveis, certo cheiro/ranço/rastro peculiar da espécie surgirá na caminhada. A plateia, talvez, perceberá o odor característico. Enquanto os atores se ajeitam, a plateia vem chegando “atrasada”, bem no meio da peça. Tudo já está acontecendo, meio improvisado, meio que ainda estão ajustando, reparando, colocando sentidos, coisas, falas, figurinos, gestos... O diretor está no meio da fileira central e de costa para o público. Seu assistente ao seu lado com uma prancheta de anotações. No fundo do palco temos um cenário com as palavras do Profeta Gentileza. Um jovem ator está pintando todo esse cenário de cinza. Alguns atores estão assentados, em meio círculo, nessas carteiras de madeira meio velhas. Dessas, de escola pública, bem sucateadas. Os atores estão conversando sobre o processo de encenar uma dissertação de mestrado de um aluno qualquer, de um programa qualquer, de uma universidade qualquer. Dessas públicas... Apaga-se a luz da plateia. Luz de dia no palco. Corredor de penumbra no diretor.)**

## SEGUNDO ATO

### ATO LEÃO

ATOR 1 – Mas você acha que isso vai dar público?

ATOR 2 – Me parece que vai ser um fiasco (**risos de deboche.**)

ATOR 3 – Eu não tenho muita certeza, mas me parece que o diretor está arriscando demais. Colocar no palco uma peça de um mestrando desconhecido é meio que dar um tiro no escuro...

DIRETOR – Isso está no script? (**ao Ponto, gritando.**)

PONTO – Sim. Eles estão na página 51. Cena 3 – A discussão. Agora entra o professor de filosofia que interrompe essa conversa e...

PROFESSOR 1 – Posso entrar Diretor?

DIRETOR – Claro. Estamos trabalhando não é mesmo?!

PROFESSOR 1 – A pergunta que ficou no último encontro: “Como se autoproduz em formações alegres?” Ainda tem reverberações por aqui? Algum comentário a respeito?

ATOR 1 – Falávamos de Foucault...

ATOR 2 – Nossa, mas nosso último encontro foi uma polêmica. (**risos nervosos.**)

ATOR 3 – Não vi polêmica nenhuma. O que aconteceu também faz parte da formação no cuidado de si que estamos estudando em Foucault. A academia é feita de discussões. Estamos aqui para isso.

ATOR 1 – Desculpem-me, mas não estou aqui para isso! Eu não venho na academia para discutir com ninguém. Ainda mais o tipo de discussão que se deu aqui. Foi baixa! Uma discussão de cunho pessoal, em busca de vencedores de uma verdade intelectual... Desculpem-me, mas não venho mesmo para isso.

ATOR 3 – Mas isso é a academia! (**risos de deboche.**) Não estávamos buscando uma verdade intelectual. Pelo menos não foi assim que eu vi...

(**Ator 2 interrompe o Ator 3.**)

ATOR 2 – Ah, claro. Até porque não estamos nesse lugar de buscar verdades.

PROFESSOR 2 – Exatamente. (**concordando e jogando a fala para o Ator 1.**) Esse lugar de buscar verdade absoluta já passou. Isso é coisa da

velha academia. De religiosos. Da Ciência com letra maiúscula... Estamos inventando lugares outros.

ATOR 1 – Isso é o que chamam de invenção? Seguindo a cartilha nietzschiana, deleuziana, foucaultiana...?! Não foram eles mesmos que disseram que não queriam ser seguidos?!

FANTASMA N – “Um raio de luz me atravessa a alma: preciso de companheiros, mas vivos, e não de companheiros mortos e cadáveres, que levo para onde quero”<sup>lv</sup>.

ATOR 1 – Ouviram isso?! **(em tom meio desconcertado. Atores estranham o comportamento do Ator 1 e se entreolham.)** É Isso. Bem isso. Somos todos cadáveres na academia. Não estamos aqui dizendo de uma filosofia da diferença. Onde estão as diferenças?

ATOR 3 – Mas você está se contradizendo. **(debochando.)** Se estávamos em discussão, muito provavelmente, estávamos em diferenças.

ATOR 1 – Mas estávamos em diferenças para chegarmos em semelhanças. Estávamos em discussão a fim de que algum de nós saísse vitorioso da batalha intelectual. Logicamente é uma luta que já começa com seus vencedores. Todos aqui sabemos quem de nós vai vencer... É até ridículo alguém se prestar a isso.

ATOR 3 – **(debochadamente.)** Mas você está ressentido? Isso é ressentimento. Isso é ressentimento. **(gargalhadas compartilhadas no grupo.)**

ATOR 1 – Então é sempre assim: Quando são contrariados por seus adversários logo o colocam nesse lugar da palavra filosófica tão vomitada por vocês: o ressentimento. É academicamente proveitoso ter uma filosofia para justificar as ações, combater os argumentos. **(deboche.)** Mas quando se precisa de uma base teórica para justificar suas ações, penso que nunca se foi tão subjugado, tão “discípulo” – e aqui no pior que essa palavra possa parecer! Nunca se foi tão religioso! Podre! Baixo. Virei um leão, dirão vocês. Virei sim! Sim! Virei sim senhor. Porque nas três metamorfoses que passamos na vida, só o leão luta bravamente pela liberdade e um santo NÃO. É preciso um leão? Pois está aqui o leão. Eu não vou me deixar subjugarem, não vou me submeter aos seus conhecimentos, às suas verdades e ao seu modo de produção. **(alterado, nervoso.)**

(Silêncio absoluto. Luz vem baixando. Ator 1 petrificado. Lentamente vem surgindo a música Roda Viva – Chico Buarque e vem aumentando o volume. Ator 1 levanta-se ainda em estado pedra e começa a caminhar para o lado direito do palco. Gira o palco. )

*Tem dias que a gente se sente  
Como quem partiu ou morreu  
A gente estancou de repente  
Ou foi o mundo então que cresceu  
A gente quer ter voz ativa  
No nosso destino mandar  
Mas eis que chega a roda-viva  
E carrega o destino pra lá*

*Roda mundo, roda-gigante  
Rodamoinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração*

*A gente vai contra a corrente  
Até não poder resistir  
Na volta do barco é que sente  
O quanto deixou de cumprir  
Faz tempo que a gente cultiva  
A mais linda roseira que há  
Mas eis que chega a roda-viva  
E carrega a roseira pra lá*

*Roda mundo, roda-gigante  
Rodamoinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração*

*A roda da saia, a mulata  
Não quer mais rodar, não senhor*

*Não posso fazer serenata  
A roda de samba acabou  
A gente toma a iniciativa  
Viola na rua, a cantar  
Mas eis que chega a roda-viva  
E carrega a viola pra lá*

*Roda mundo, roda-gigante  
Rodamoinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração*

*O samba, a viola, a roseira  
Um dia a fogueira queimou  
Foi tudo ilusão passageira  
Que a brisa primeira levou  
No peito a saudade cativa  
Faz força pro tempo parar  
Mas eis que chega a roda-viva  
E carrega a saudade pra lá*

*Roda mundo, roda-gigante  
Rodamoinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração*

*Roda mundo, roda-gigante  
Rodamoinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração*

*Roda mundo, roda-gigante  
Rodamoinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração*

**(O ator 1 atravessa o novo cenário brincando com as crianças, ajudando cada uma com seus afazeres. O ambiente é tomado de uma alegria infantil, potente, que está sempre com vontade de agir de modo a se realizar saborosamente em vida. À medida que o Ator 1 caminha e ajuda e brinca e participa, ele esfrega terra vermelha em seu próprio corpo – ali já do lado direito do palco, na penumbra. O novo cenário é composto por três árvores grandes. Duas estão centralizadas e, a terceira, está do lado esquerdo do palco. O chão está coberto de terra vermelha. Três arbustos do lado direito do palco. Nas árvores centralizadas está preso o slack-line verde e na árvore do lado esquerdo está preso um tecido azul celeste. Espalhadas pelo palco estão várias crianças. Correndo, brincando, subindo no tecido, andando sobre o slack. As crianças gritam nomes estranhos.)**

**CRIANÇA 1 – Negueba (gritos risonhos.)**

**CRIANÇA 2 – Canibal, Canibal, Canibal (cantarolando sorrindo.)**

**CRIANÇA 3 – Negueba, Canibal, Bruce Lee e Guidão (risos.)**

**CRIANÇA 4 – Nanico, Biel e Chuck**

**CRIANÇA 5 – Ah e a Vodou (riso debochado.)**

**CRIANÇAS - Vodou, boneca preta, cabelo duro, Vodou, Vodou (todas as crianças vão gritando até se aproximarem, perigosamente, da Criança 6 que está do lado esquerdo do palco, assentada no chão perto do tecido.)**

**CRIANÇA 6 – (levantando-se do chão firmemente.)** Eu já tenho o meu nome! Aqui cada um escolhe o nome que quer ser chamado. O meu é Bruninha! Vocês podem falar o que quiserem, mas o que vai valer é o nome que eu escolhi para mim!

**(Crianças silenciam e saem vagarosamente de perto da Criança 6. Esta permanece imóvel. Silêncio. Vagarosamente a Criança 6 vai se agarrando no tecido azul celeste. Vai subindo devagar e arriscando novas posições acrobáticas no tecido aéreo. Ela vai se fazendo e aos poucos liberando o sorriso. As crianças vão se aproximando. Vão observando a Criança 6, admirados. Criança 6 vai aumentando o ritmo e ganhando alegria. Música Barbatuques – Faixa 3 do primeiro Cd. Todos surpresos, admirados! Começaram a aplaudir os feitos da Criança 6.)**

**CRIANÇAS - Bruninha. Bruninha. Bruninha! (uníssonos gritavam alegremente e ritmados batiam palmas.)**

**(A luz vai baixando e um foco de luz se faz no Ator 1 que agora está sentado escrevendo em um caderno. Inicia-se a música Gentileza – Marisa Monte. Uma projeção é feita no fundo do teatro e nela vai se desenhando as seguintes palavras:**

**“Agora Bruninha afirmou-produziu-inventou seu nome, seu espaço, sua alegria no viver. Eu, presente, me senti forte e alegre! Bruninha ainda mais... Todos estavam alegres pela conquista da Bruninha no tecido. Eu estava alegre mais por poder presenciar a Bruninha se afirmando alegremente na vida. Me senti vivo, alegre, útil, potente... Estava extasiado. Pareceu-me que sua habilidade no tecido abriu espaço digno de existência. Lembrei-me de Benjamin de Oliveira, o primeiro palhaço negro do Brasil, que ganhou sua liberdade na época da escravatura, quando foi capturado por um branco e esse dizendo que era circense demonstrou suas habilidades ao branco – piruetas, saltos mortais e o branco admirado deixou que o negro fosse embora livre e alegre. Aqui se fez becos para a liberdade se fazer.”**

**O palco gira. Quando este está quase completamente virado o Ator 1 apressadamente corre para o cenário seguinte. O novo cenário é composto por cadeiras de bar (dessas dobráveis) pintadas de vaca malhada – brancas com manchas pretas e outras azuis com manchas laranja. Elas ficam empilhadas na lateral direita do palco. Do lado esquerdo tem uma cortina de retalhos coloridos – Cores vivas e com tecido de camurça – os quadrados são todos do mesmo tamanho e forma. Vai do teto até o chão do cenário. O chão é liso e cinza. Do lado esquerdo ao fundo estão algumas mesas de bar, também empilhadas e com a mesma pintura da cadeira – vaca malhada. O pano de fundo é um mosaico de fotografias e imagens diversas, uma bricolagem de imagens: Che Guevara, bailarinas clássicas, palhaços dos mais diversos tipos, cenas de peças de teatro, guarda-chuvas coloridos, fotos em preto e branco que parecem cenas clássicas do tipo “O gordo e o magro”, “Chaplin”, “Marilyn Monroe”, “James Dean”... Também uma bandeira do Brasil feita de retalhos, num tecido fino e brilhoso – coisa honrosa – esta**



é bem centralizada na parede. Neste cenário estão alguns atores andando agrupados, feito um cardume, estão andando esquisito: em ritmo acelerado e em passos curtíssimos de repente, olham para a cortina, e todos, em uma respiração, dizem: Oi, Bom dia, muito obrigado! E continuam essa marcha estranha pelo espaço. O Ator 1 que chega esbaforido já troca de roupa correndo, na frente do público e, se insere no meio do grupo. A dinâmica é comandada pelo Ator/Atriz que está na frente do cardume. Quem está na frente dita o ritmo, o modo como o grupo vai se locomover. Todos devem manter contato uns com os outros e acompanhar a dinâmica proposta pelo líder, porém no mesmo tempo que ele propõe. Os atores vão alternando a posição de comando, porém todos que lideram mantêm o mesmo ritmo, só alterando o movimento. O Ator 1 vai se incomodando com a dinâmica repetitiva e vai tentando ocupar a liderança para alterar o ritmo do grupo. O Ator 1 vai se esquivando e se enfiando no meio do coletivo para ocupar a frente do cardume. Quando chega a frente do cardume...)

(Diretor interrompe a dinâmica.)

DIRETOR – Beleza pessoal! Podem se assentar em meio círculo. Quero conversar sobre o jogo com vocês. (Tom alto.)

O que estão achando? Algum comentário a respeito do jogo! Deixe vocês desde o início do espetáculo mantendo essa dinâmica. Já faz quarenta minutos que estão dando “Oi, Bom dia, muito obrigado!” (Risos.)

ATRIZ 1 – Ah, eu gostei bastante do jogo. A gente aprende que a liderança acontece espontaneamente, a medida que o cardume vira em outra direção. Isso foi o que mais achei interessante.

DIRETOR – Mas, e para o palhaço, gente? O que isso ajuda? Se é que ajuda em alguma coisa, né? (risos.)

ATRIZ 2 – Ah, eu acho que ajuda o grupo como um todo a se manter coeso! É importante para uma caravana de palhaços uma unidade rítmica, uma alternância de liderança que propõe novo modo de caminhar, de interagir... Gostei muito! Cansa bastante (risos.)

ATOR 2 – Eu gostei e...

(Ator 1 interrompe Ator 2.)

ATOR 1 – Ah, eu não gostei!

DIRETOR – Mas, porquê não gostou? **(riso esquivo.)**

ATOR 1 – Não gostei. Achei monótono. Sempre o mesmo ritmo! As pessoas não mudaram o ritmo, só mudaram o movimento. Achei... nada criativo. **(irritadiço, mas tentando controlar os ânimos.)**

DIRETOR – Então me responda; porque você quis mandar no grupo? Porque você quis pegar a liderança e mudar o ritmo?

ATOR 1 – Eu não quis isso. **(meio sem graça e já vermelho.)**

DIRETOR – Quis sim. Você depois de um tempo ficou tentando ultrapassar as pessoas no coletivo. Foi nítida sua irritabilidade com o grupo. **(diretor vira-se para o público e joga a pergunta/afirmação.)** Todos aqui perceberam isso! Você quis mandar no grupo. Achou que era necessário sua liderança para um jogo tão bobo e monótono e pouco criativo **(riso irônico)**

ATOR 1 – Não é que eu queria mandar, mas...

**(Diretor interrompe o Ator 1.)**

DIRETOR – Bem gente, achamos um possível Branco no grupo pessoal. **(risos de alegria, mas o Ator 1 permanece sem graça e insatisfeito.)**

ATOR 1 – Não. Eu acho que não sou Branco. Sou Augusto! Pelo que tenho lido, acho que sou Augusto.

DIRETOR – Pode ser. Vamos vendo com o tempo, né?! **(riso de carinho, mas ainda assim afirmando o que já havia dito.)**

Ok, gente. Peguem as cadeiras malhadas. Sentem-se e relaxem o máximo que conseguirem. Sentem-se com o tronco apoiado nas pernas. Deixem os braços soltos para o chão. Pescoço solto e cabeça para baixo. Pés todo no chão. Vamos!

**(Os atores pegam as cadeiras. Vão se espalhando pela sala, ocupando o espaço. Assentam-se e fazem conforme o diretor estava dizendo. Diretor levanta, olha para trás e bate três palmas, como que pedindo algo a alguém. Inicia-se o som de um piano, uma música relaxante. Em cada ator um foco de luz vertical. Gira vagarosamente o palco. Ao girar o próximo cenário vai se revelando. Ele é uma sala vazia. Não tem ninguém. Não tem fundo. Não tem paredes laterais. Apenas uma luz focal em diagonal da direita para esquerda ilumina um local no palco. O piano vai espaçando as notas e parando de tocar à medida que o palco vai girando. Palco centralizado. Silêncio. Pausa. Ator 1 no breu.)**

ATOR 1 – “Ler pelo não, além da letra,  
Ver, em cada rima, a prima pedra,  
Onde a forma perdida  
Procura seus etcéteras.  
Desler, tresler, contraler,  
Enlear-se nos ritmos da matéria,  
No fora, ver o dentro e, no dentro, o fora,  
Navegar em direção às Índias  
E descobrir a América”.

Paulo Leminski, *Distraídos venceremos*. São Paulo. Brasiliense, mil novecentos e noventa e três, página oitenta e sete.

**(Ator 1 se aproxima e em penumbra assovia o canto do sabiá. O último passo em direção à luz focal)**

ATOR 1 –  
“Sonoridades  
Cantou-me um sabiá  
Num trincado majestoso.  
Majestoso e bem simples,  
Qual MP do Jobim.  
Popular... Com ares de erudição.  
Proeza tão brasileira.  
Este sábio sabiá,  
Sábio de sonoridades,  
Saberia das sabenças  
Do Antônio brasileiro?  
Outro porquê me persegue:  
O sonoro sabiá  
Teria origem aqui mesmo  
Nessas plagas tropicais?  
Queira Deus que o sabiá  
Não caia em extinção.  
É bonito e tão... Solene?  
Seria essa a palavra?  
Melhor largar ora mesmo

A caneta e o papel  
Subir a escadinha ereta,  
Pedir licença ao André  
E sentada no declive,  
Bem debaixo da mangueira,  
Escutar um sabiá”

Maria Helena Falcão Vasconcellos, Juiz de Fora, ano indeterminado.

**(Criança 1 entra em cena correndo e gritando. Uma luz focal de giro acompanha a corrida da criança.)**

CRIANÇA 1 – Fessô **(gritando alegre.)**

**(Ator 1 se vira sorrindo para o menino, mas permanece no mesmo lugar, deixando a Criança 1 se aproximar dele. Abraço forte.)**

CRIANÇA 1 – Fessô cê dá aula de matemática?

**(Ator 1 estranha a pergunta do nada, mas responde com a cabeça afirmativamente.)**

CRIANÇA 1 – Fessô cê podia dar aulas para mim, hein... Ia ser maneiro!

**(Ator 1 estranha ainda mais...)**

ATOR 1 – Você está indo mal na escola?

CRIANÇA 1 – Sim, fessô. Estou quase tomando pau. **(tristonho.)** Mas se você me ensinar, eu melhora.

ATOR 1 – Posso te ajudar sim, uai. A gente combina. **(riso de carinho.)**

CRIANÇA 1 – Então, beleza. Agora, vamos lá?

ATOR 1 – Onde?

**(A luz se abre e ilumina o chão do palco. No fundo uma projeção de bactérias infectando vasos sanguíneos e os macrófagos tentando combater a instalação dos antígenos. Um tecido vermelho sangue está pendurado do lado esquerdo do palco. Por cima do tecido galhos de um abacateiro. Não se vê a árvore, só os galhos. Crianças estão na espera do que fazer. Meio ressabiados, tímidos, agrupados. Entram no palco duas atrizes adultas. Cada uma entra de um lado do palco.)**

ATRIZ 1 – Estava pensando que podíamos tentar fazer algo no tecido com a matemática. Será que dá?

ATOR 1 – Dá sim. Nunca fiz nada, mas pensando aqui acho que poderíamos fazer algo com a geometria. Formas geométricas no tecido. Que acha?!

ATRIZ 2 – Vamos ver, uai. **(animada.)** Vamos gente?! **(direcionando para as crianças.)**

**(O Ator 1 sobe no tecido, demonstra, ensina fazendo. Ele vai fazendo e falando como se faz. Ator 1 desce do tecido.)**

ATOR 1 – Agora vocês. Quem se arrisca primeiro?

**(A criança 2 se lança na experimentação. Tenta vencer a gravidade. O riso deixa o corpo sem força, cai. Levanta. Escorrega. Agarra. Tenta subir. À medida que escorregava, ela sorria. O fracasso ali gerava sorrisos. Criança 2 desce do tecido.)**

CRIANÇA 2 – Vendo fazer parece fácil, mas quando a gente está lá é difícil. **(sorrindo e afirmando alegremente.)**

**(Criança 3 também tenta. Todos tentam.)**

CRIANÇA 3 – Escorrega muito. Não estou conseguindo subir. Não tem jeito. **(risos alegres.)**

CRIANÇA 4 – Jeito tem porque ela **(aponta para a Criança 2.)** conseguiu. **(sorriso e olhar de admiração voltados para a Criança 2.)**

CRIANÇA 3 – Não tem outro jeito de subir no tecido, não? **(sorriso sem graça e esperançoso de resposta positiva.)**

**(Ator 1 pega o tecido.)**

ATOR 1 – Tem sim! Vou fazer um nó para facilitar a subida. **(enquanto fala está fazendo o nó no tecido.)**

CRIANÇA 2 – Ah, não. Estava legal do outro jeito. **(chateada, mas sorrindo.)**

CRIANÇA 3 – Só porque você conseguiu, né? **(irônica.)**

ATOR 1 – Para facilitar ainda mais a vida de vocês **(em tom de alegria e desafiador e sorrindo).** Vocês terão de subir no nó e fazer formas geométricas no tecido. Qualquer uma que vocês quiserem e lembrarem.

CRIANÇA 4 – Caramba! Subir já é difícil, mexer com geometria então é loucura! **(gargalhadas em grupo.)**

**(A Criança 2 logo corre para pegar no tecido e subir. Sobe com certa facilidade. Começa a experimentar. Puxa o tecido de um lado. Puxa**

**de outro. Sobe. Senta. Desce. Estica o pé para cima. Quem está embaixo do tecido vendo participa de outro modo.)**

CRIANÇA 1 – Ah, é só esticar a mão que você consegue fazer um losango. **(direcionando a fala para a menina que está no tecido.)**

CRIANÇA 3 – É mesmo. Se ela afastar os pés e segurar o tecido com as duas mãos na parte de cima, juntando os tecidos, vira um triângulo. **(direcionando a fala para a Criança 1.)**

CRIANÇA 1 – É. Faz isso menina. **(com a Criança 2.)** Eu agora estou achando bem fácil essa matemática, fessô **(aproximando-se do Ator 1 e direcionando o olhar para ele. Segura a mão do Ator 1. Puxa para baixo e dá um abraço forte.)**

Agora é minha vez. Eu quero fazer matemática. Eu quero inventar minha geometria. **(animado, riso alegre e coletivo.)**

**(Luz baixando. A projeção aumenta de tamanho e com o som de maquinaria a luta entre os glóbulos brancos e os antígenos vai acontecendo. Vai finalizando com um aumento do número de antígenos e dando a ideia que os patógenos venceram a batalha. Todo o palco em luz baixa. Uma chuva fina caindo no palco. As crianças correm para a coxia. Permanece no palco o Ator 1. Centro. Chuva vai lavando o corpo. Ator 1 parado. A maquinaria aumenta o ritmo e o som do teatro. Vai ficando ensurdecedor. Desce o volume bruscamente.)**

FANTASMA 1 – Potencia de agir, ressentimento, estrela bailarina...

FANTASMA 2 – Deus morreu, Deus morreu, agora só temos o super homem...

FANTASMA 3 – Experimentação, Experimento ação, experienciar, experiência garoto, experiência...

FANTASMA 4 – Dobra de dentro, de fora, não existe fora. Corpo é sem órgãos. Subjetividade. Subjetivação...

FANTASMA 5 – Antropofagia. Comer do autor. Instalação. Esquizo. Esquizo. Esquizo...

**(Ator vai ficando atormentado, mas inerte. Movimento sem se mexer. Devagar o corpo começa a tremer. Ator 1 transpira muito, passa a mão no peito, taquicardia. Ator 1 cai no chão. Pausa a música. Blackout. Gira o palco. Próximo cenário uma sala apertada. Toda branca. Luz**

**branca. Paredes brancas. Chão branco. Um quadrado branco está no palco. Vazio. Apenas a voz do Ator 1.)**

VOZ DO ATOR 1 – **(voz abobada, lenta, dopada.)** Não quero ficar louco. O que está acontecendo? Sensação da cabeça é que vai haver uma desconexão.

Estou suando frio. Coração acelerado. Boca seca. Meu corpo está molhado. Não quero eletrochoque hoje. Não consigo nem raciocinar. A sensação é que todas as coisas que aprendi querem vazão de uma só vez. **(pausa longa. Respiração profunda.)**

Não dou conta da vida. Dessa vida não dou conta. Estou ficando louco? Esses fantasmas me fizeram mal? Quem me fez mal? Não quero eletrochoque hoje. **(apavorado e com fala rápida.)** Não vou tomar esses comprimidos. Não. Não. Psiquiatria não! Eu não preciso. Estou bem. Estou bem. **(pausa longa.)**

Psiquiatria. Estou bem? Estou magro. Já tem um ano que ninguém sabe o que tenho. Estou magro. Seco. Transpirando muito. Boca seca. Coração acelerado. Vou morrer? **(Pausa longa. Música Bicho de sete cabeças – Zeca Baleiro. Uma projeção é lançada na parede branca com imagens de pessoas internadas em manicômios.)**

*Não dá pé*

*Não tem pé, nem cabeça*

*Não tem ninguém que mereça*

*Não tem coração que esqueça*

*Não tem jeito mesmo*

*Não tem dó no peito*

*Não tem nem talvez ter feito*

*O que você me fez desapareça*

*Cresça e desapareça...*

*Não tem dó no peito*

*Não tem jeito*

*Não tem ninguém que mereça*

*Não tem coração que esqueça*

*Não tem pé, não tem cabeça*

*Não dá pé, não é direito  
Não foi nada  
Eu não fiz nada disso  
E você fez  
Um Bicho de Sete Cabeças...*

*Não dá pé  
Não tem pé, nem cabeça  
Não tem ninguém que mereça (Não tem ninguém que mereça)  
Não tem coração que esqueça (Não tem pé, não tem cabeça)  
Não tem jeito mesmo  
Não tem dó no peito (Não dá pé, não é direito)  
Não tem nem talvez ter feito (Não foi nada, eu não fiz nada disso)  
O que você me fez desapareça (E você fez um)  
Cresça e desapareça... (Bicho de Sete Cabeças)*

*Bicho de Sete Cabeças!  
Bicho de Sete Cabeças!  
Bicho de Sete Cabeças!*

**(Diretor interrompe a música.)**

DIRETOR – Corta, corta (**gritando.**) Acende as luzes da plateia. Acende tudo. Corta a música. Quero conversar uma coisinha com o grupo. Pessoal, a carga dramática pesou demais gente. Acho que isso pode afastar o público. Não se esqueçam que isso aqui é também uma dissertação de um mestrando, lembram?! Pessoal, estou falando com vocês (**gritando em tom irritadiço.**) Cadê vocês? Entrem já. Quero vê-los.

**(Todo elenco entra no palco.)**

DIRETOR – Ouviram o que falei?

UM ATOR QUALQUER – Sim, ouvimos. Mas, como faríamos essa cena?

DIRETOR – Os atores são vocês e não eu. Estou dizendo que a carga pesou.

OUTRO ATOR QUALQUER – Mas está no script.



PONTO – Está sim. É bem desse jeito que o mestrando descreve a cena. Está na página cento e três. Cena oito – A doença.

DIRETOR – Mas esse mestrando aumentou os fatos. Ele não levou eletrochoque e nem sequer foi levado a um manicômio. Isso não é a verdade.

OUTRO ATOR QUALQUER – Mas estamos no teatro Diretor. **(tom sem graça e meio irônico.)** Aqui não temos compromisso com a verdade, talvez com a verossimilhança **(irônico com risos escondidos.)**

DIRETOR – Agora você vai querer me ensinar sobre teatro? **(irônico e estúpido.)** Contraponho o que você disse. Aqui nós temos compromisso com a verdade. O ator deve fazer no palco a verdade, por mais que seja mentiroso, fabuloso, invenção. O ator deve cumprir com seu papel de trazer verdade ao público. O público tem que acreditar na cena, no ator, no cenário.

OUTRO ATOR QUALQUER – “Tudo que não inventamos é falso” <sup>lvi</sup>. A verdade é uma invenção nesse contexto, não é, Diretor?

DIRETOR – Sim, sim. **(estressado, cortando o assunto.)** Vou expor para vocês o que está acontecendo. Até agora vocês só sabem que eu peguei uma peça de um mestrando de uma universidade pública para encenar aqui no teatro. Não é isso?

**(atores respondem corporalmente que sim.)**

DIRETOR – Até aí, tudo bem. Porém, estou sabendo que esse doido, o mestrando **(risos de deboche.)**, levará essa peça como defesa de um mestrado. **(risos compartilhados entre alguns atores e diretor.)** Então, estou preocupado se a gente não deveria ajudar esse cara e colocar algumas coisas a mais na cena para que tenha conteúdo acadêmico. Entendem?! Do jeito que está a peça, esse cara vai levar um soco no estômago.

OUTRO ATOR QUALQUER – Mas, eu estou gostando da peça.

DIRETOR – Idiota, eu também estou gostando. Mas, enquanto peça de teatro e não enquanto dissertação de um mestrado. Entendeu? **(irônico.)**

ATOR 1 – Mas, não cabe a nós essa responsabilidade.

DIRETOR – Nós não temos responsabilidade com o que estamos encenando? Você acha isso meu querido? **(ironicamente.)**

ATOR 1 – Diretor, os efeitos dos sentidos são construídos no encontro do texto com o leitor, da peça com o espectador e, assim por diante. O sentido não está no texto no qual o leitor tenha a função de descobrir. É interação com

o outro, com a coisa. É produção de sentidos no acontecimento. Pensando dessa forma, estamos produzindo cenas e cabe ao espectador interpretá-las, criar sentidos, inventar devires...

DIRETOR – Vai criar uma tese? (**direcionando-se ao Ator 1 ironicamente.**)

ATOR 1 – Estou tentando pensar com a peça...

DIRETOR – (**direcionando-se ao assistente.**) Estão tentando ocupar seu lugar. (**ironicamente.**)

(**assistente sorri.**)

OUTRO ATOR QUALQUER – O que o senhor quer nos dizer? (**ao diretor.**)

DIRETOR – Bem, depois dessa colaboração do nosso amigo, creio que podemos continuar a peça e jogar a responsabilidade toda para a plateia. Eles que se virem para entender.

ATOR 1 – Não foi isso que eu disse. (**incomodado.**) Todos temos responsabilidade com o que está sendo produzido. Aliás, não só responsabilidade, mas a criar uma peça em convite a uma implicação com o que está sendo produzido. Cada ator aqui está responsável coletivamente com a produção. Estamos criando o melhor que conseguimos para que o encontro com o outro seja potente. Inclusive no texto, o tal mestrando, diz que a pergunta que sempre deve ser feita é: Como me preparo para encontrar o outro? Essa pergunta deve ser feita a fim de se inventar modos que aumente a potência de agir, a alegria, a força de vida. Então, penso que estamos cumprindo com nossos papéis.

DIRETOR – Uma salva de palmas para ele gente. (**irônico. Os atores batem palma.**) Vamos continuar as cenas, mas não continuaremos nessa cena do manicômio. Estou cortando por aqui essa cena e avançaremos para a próxima cena onde o bonitão (**direcionando-se ao Ator 1, ironicamente.**) será sujado de terra vermelha.

Ouviram? Pessoal do som, iluminação, figurinistas e o povo todo dos bastidores... Corram. Vocês têm 20 minutos para arrumarem a próxima cena. (**gritando.**)

(**Saem todos os atores do palco. Agitação na coxia. Barulho de coisas sendo arrumadas, mexidas.**)

PONTO – Estamos prontos, Diretor.

DIRETOR – Vamos. Ação.

**(Gira o palco. Encontramos o Cenário 1 – sala com as carteiras velhas, dessas públicas... Mesmos atores. Mesma cena. Ator 1 sai do canto esquerdo do palco e atravessa o palco todo. Não para nesse cenário. Vai direto para o Cenário 2 – as três árvores no palco. Chão de terra vermelha. O Ator 1 está agora vestido de branco. As crianças vão chegando como se não notassem que ele mudou de roupa. Não perguntam nada. Elas vão chegando sujas de terra vermelha e vão subindo no Ator 1. Fazem o de sempre. Alegrementemente fazem. À medida que vão subindo para fazer a Torre, a Bandeira e outras posições circenses a roupa do Ator 1 vai também sujando de terra vermelha. O Ator 1 vai mudando a roupa sem querer e querendo... As crianças o ajudam a mudar a cor da roupa. Colocaram uma roupa nele que ele não queria... Agora está voltando a ter cor de terra. De gente. As crianças estão fazendo slack-line, tecido, portagens aéreas com o Ator 1.)**

ATOR 1 – Pessoal, tenho uma proposta para vocês. Trouxe aqui no bolso alguns papéis e lápis para escrever. A ideia é que vocês escrevam no papel o que quiserem sobre o tecido. O que quiserem.

**(Ator 1 distribui para as crianças o pedaço de papel e um lápis. Cada criança procura um canto para escrever. O Ator 1 passa por uma criança e não dá a ela o papel com o lápis. Passará perto desta criança várias vezes e não entregará o papel e nem o lápis para desenvolver o exercício. No fundo do palco vem as projeções com as escritas das crianças. A projeção é de fotografias com a letra de cada criança.)**

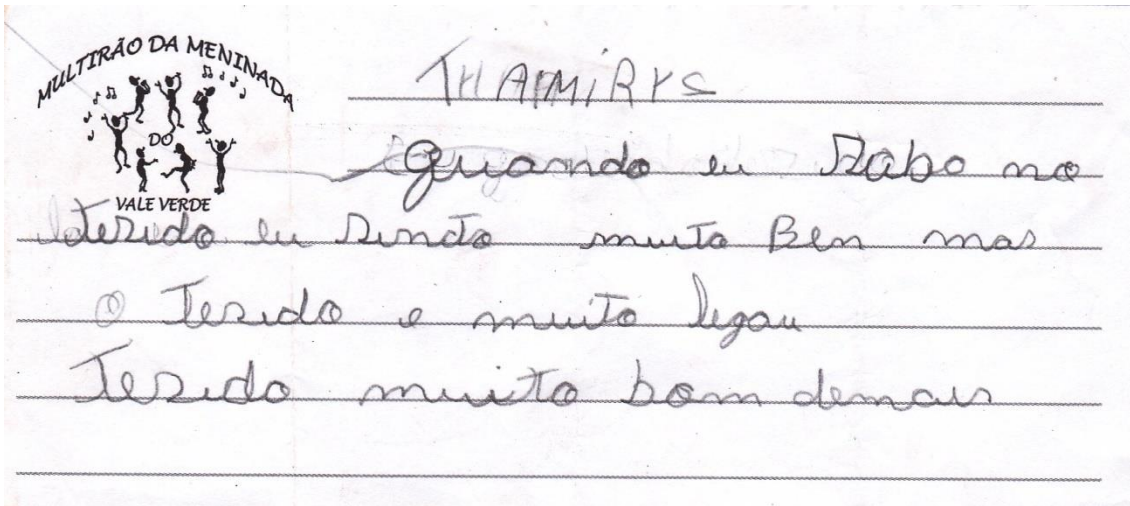


Figura 13- Quando eu subo no tecido sinto muito bem mas o tecido é muito legal tecido muito bom demais.

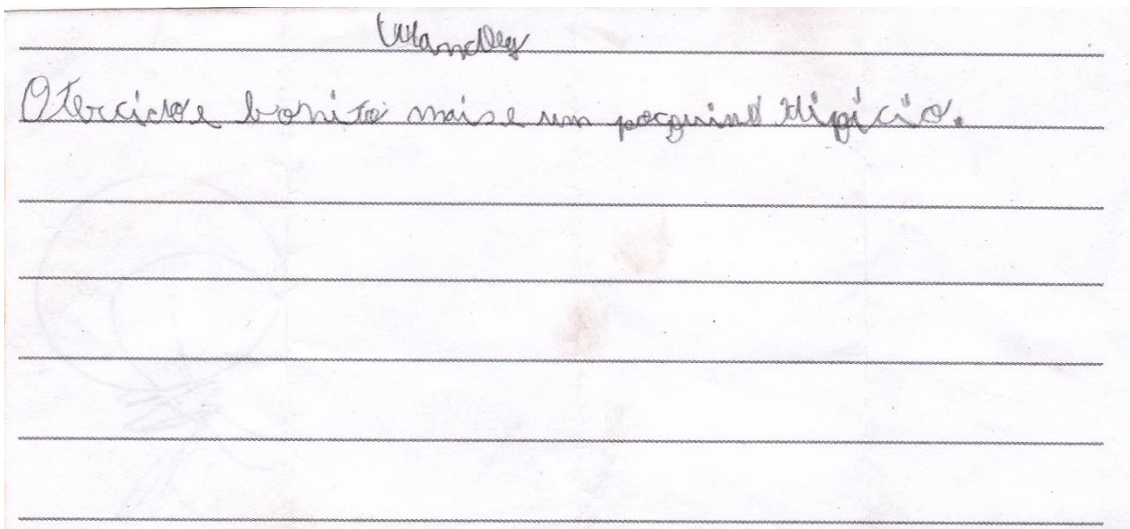


Figura 14 - O tecido é bonito mais é um poquinho difícil.

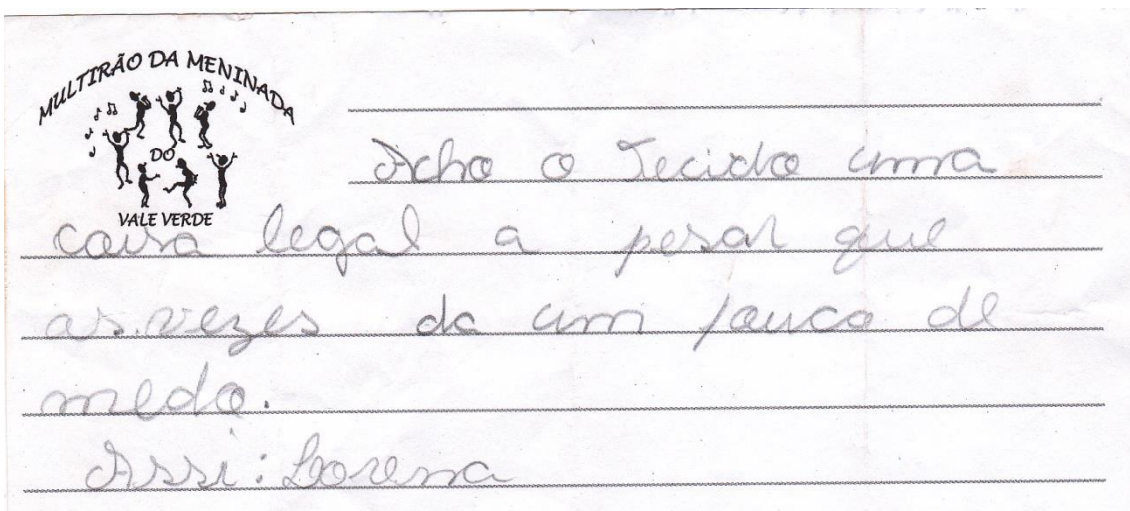


Figura 15 - Acho o tecido uma coisa legal a pesar que as vezes dá um pouco de medo. Assi: Lorena.

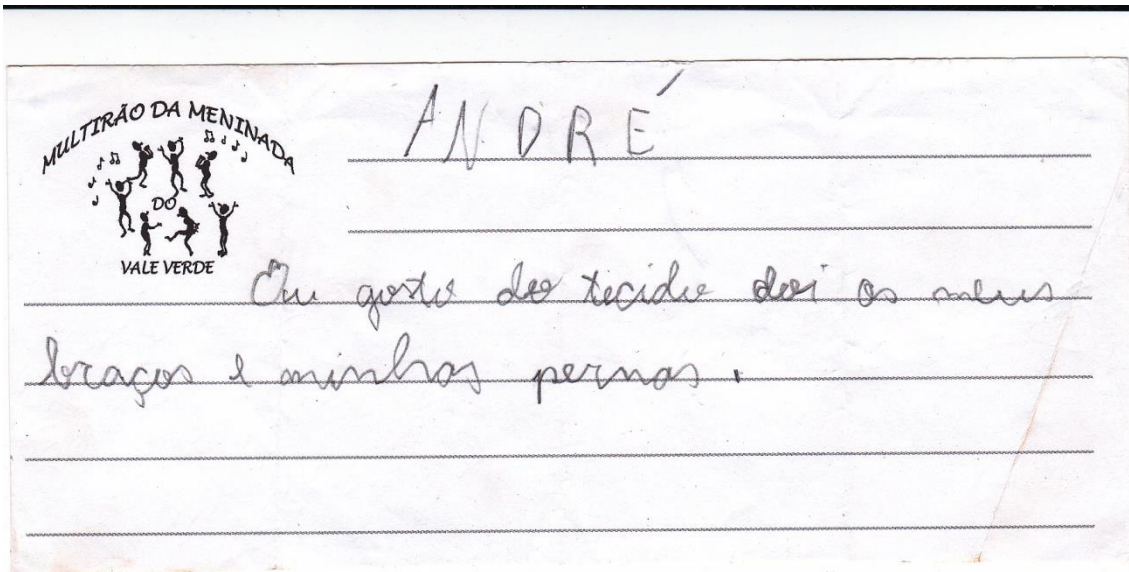


Figura 16 - ANDRÉ Eu gosto do tecido dei os meus braços e minhas pernas.

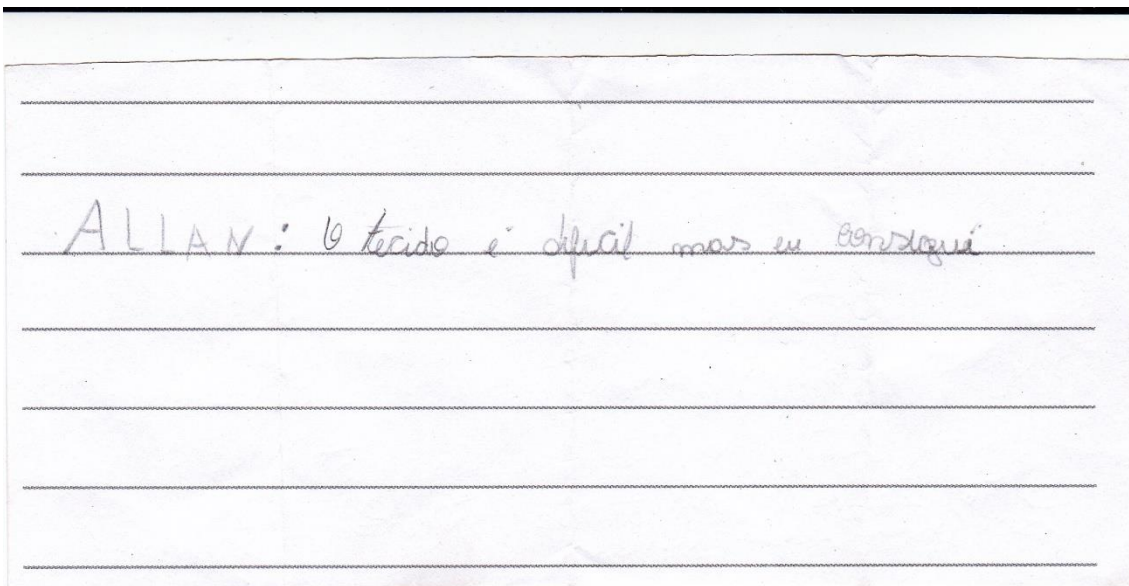


Figura 17 - ALLAN: O tecido é difícil mas eu consegui.

(As crianças estavam vibrando. Escrever parecia-lhes algo bom! Cada uma delas procurava um lugar a sós para escrever o que achava do tecido. Era uma mistura de alegria, segredos e invenções. Estavam em produção de si. Era um cuidado. Não valia qualquer coisa. Era uma entrega).

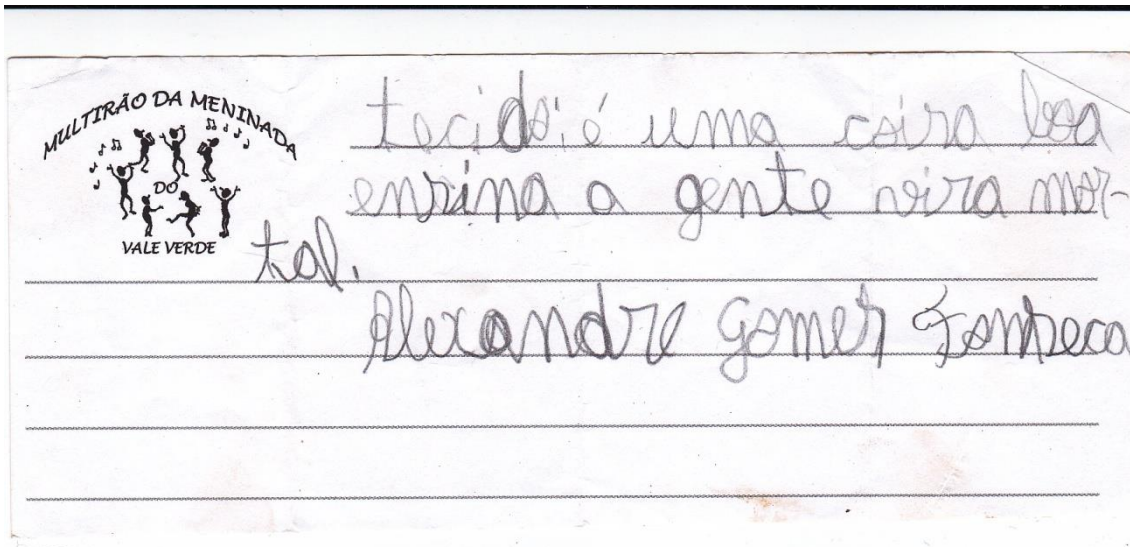


Figura 18 - Tecido: é uma coisa boa ensina a gente vira mortal. Alexandre Gomes Fonseca.

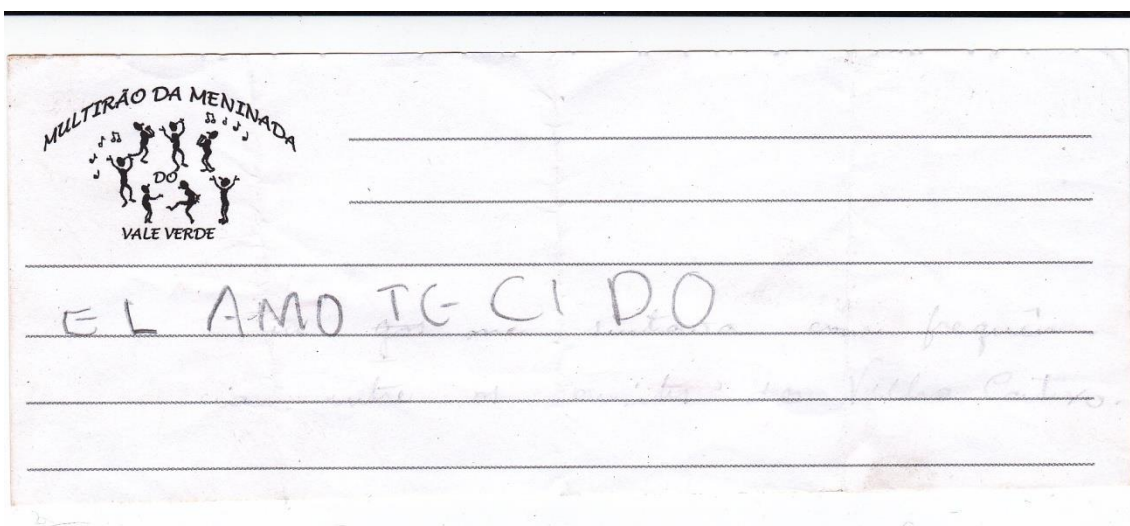


Figura 19 - EL AMO TECIDO.

(Algumas se entreolham. Arriscam uns sorrisos bobos. Olham para o Ator 1 a fim de saber onde estava. Escondem os papéis, para que ninguém veja o que estão produzindo. Começam a escrever em um lugar e logo vão para outro. A escrita vai se dando aos poucos. Cada letra em um lugar).

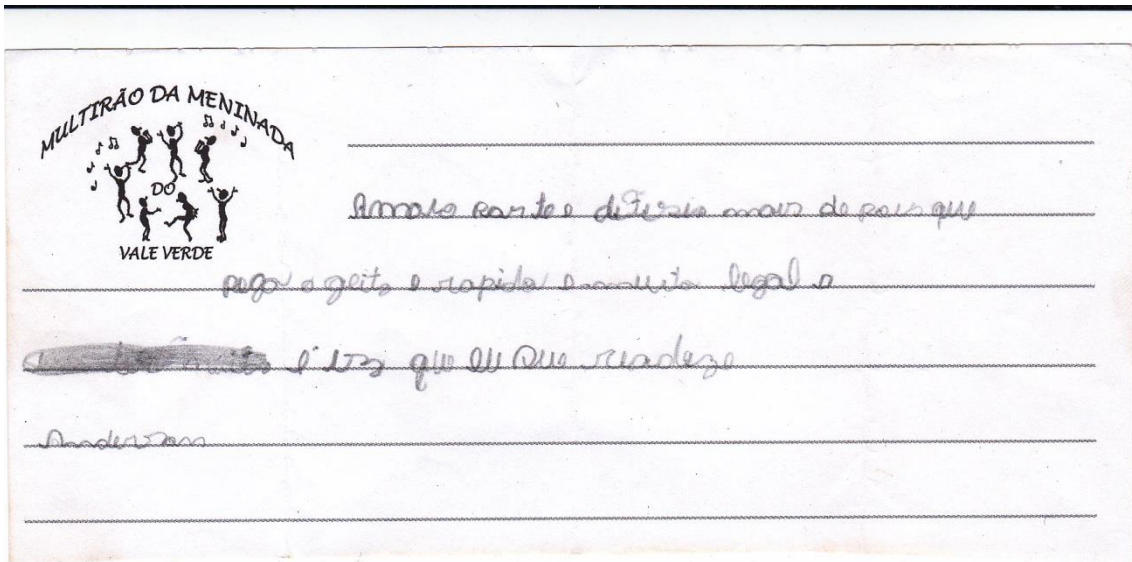


Figura 20 - Amo a parte e de fazer mais de pois que pega o geito e rapido e muito legal a é iz que eu sei realza. Anderson

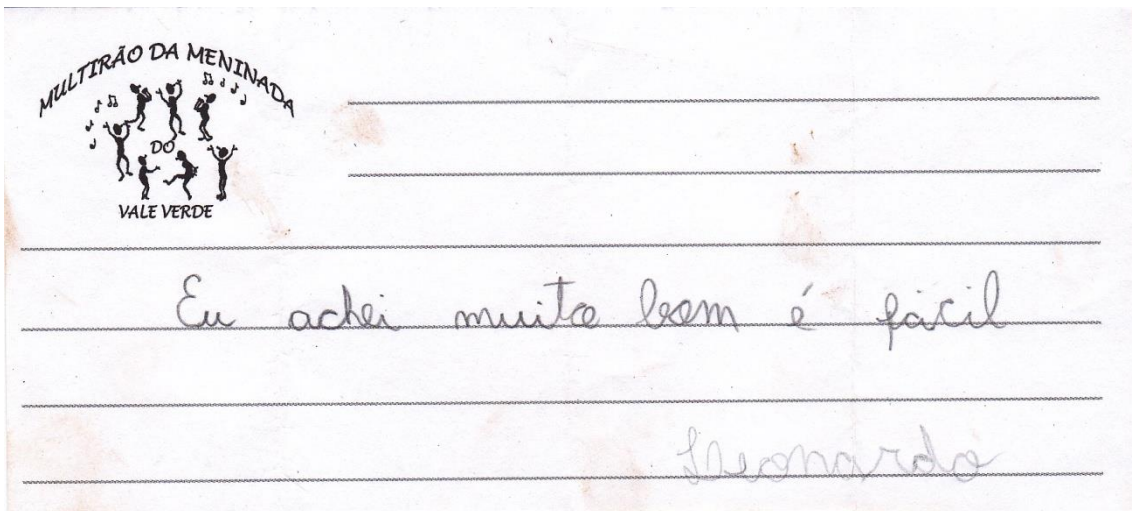


Figura 21 - Eu achei muito bom é fácil. Leonardo.

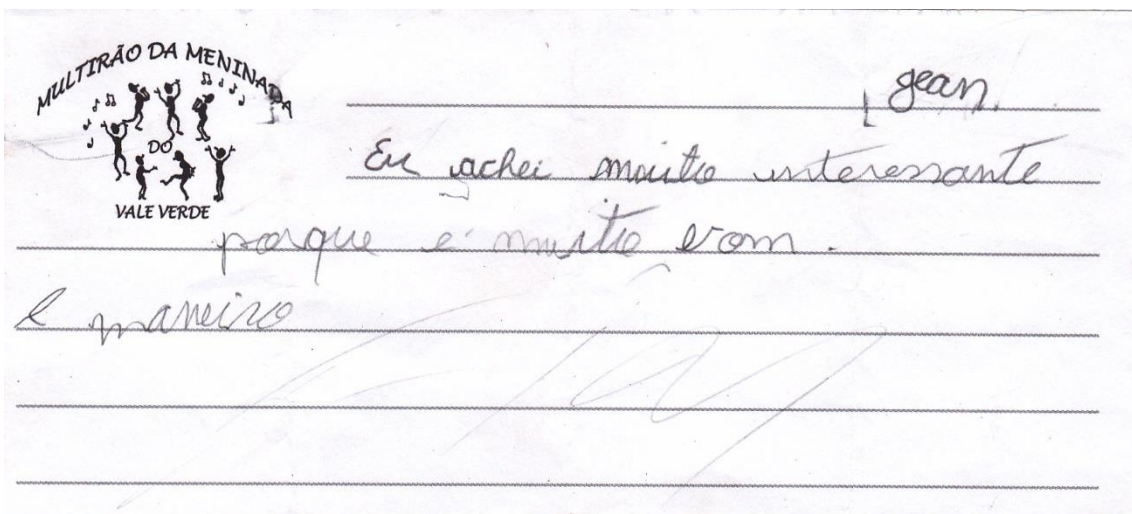


Figura 22 - Jean. Eu achei muito interessante porque é muito bom. E maneiro.

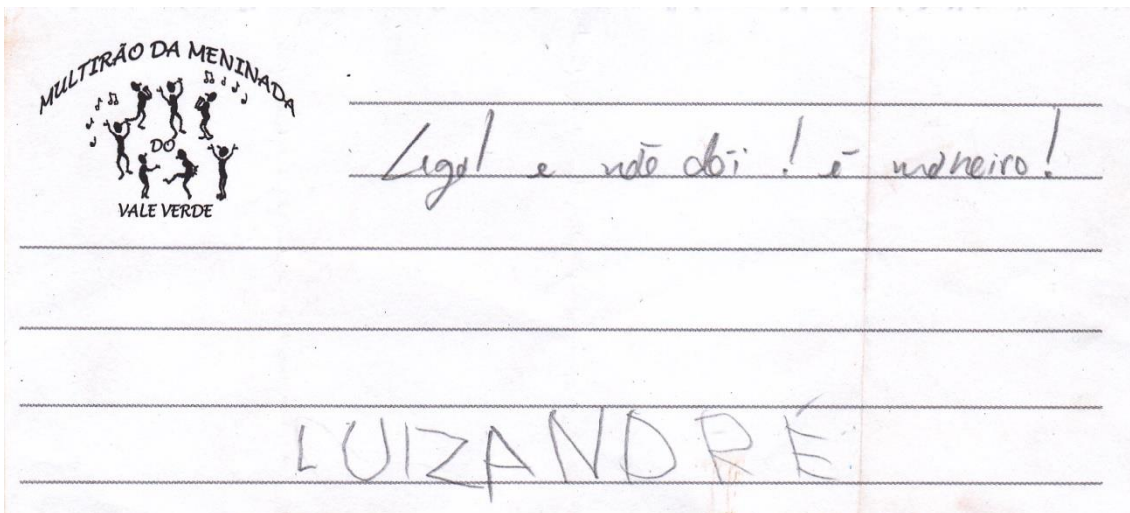


Figura 23 - Legal e não dói! é maneiro! LUIZ ANDRÉ.

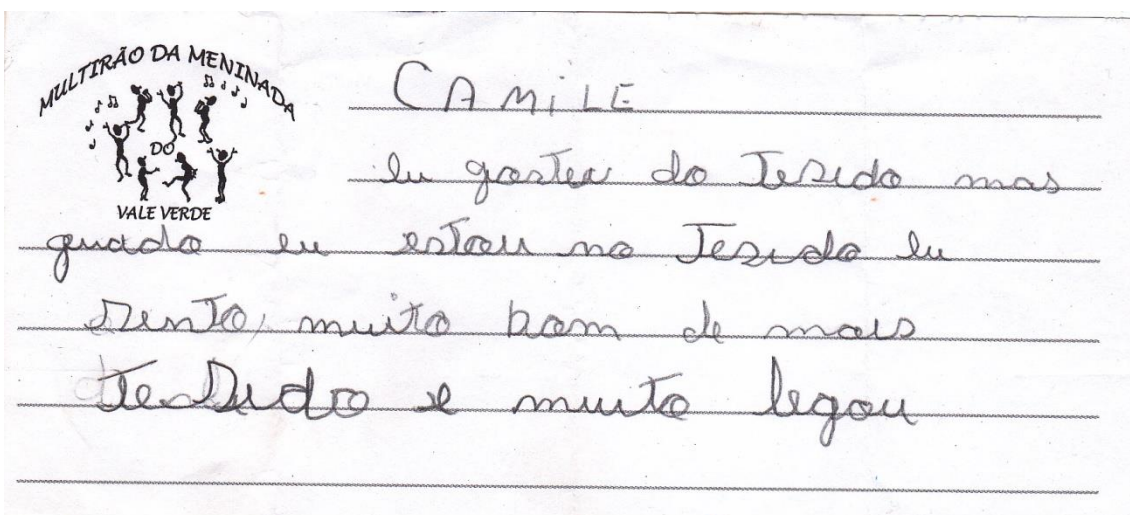


Figura 24 - CAMILE. eu gostei do tecido mas quando eu estou no tecido eu sinto muito bom de mais. tecido e muito legou.

**(uma criança se aproxima do Ator 1.)**

**CRIANÇA QUALQUER** – O tecido é legal e não dói. É maneiro!  
**(animado e vibrando.)**

**CRIANÇA 6** – Professor eu não recebi o papel. Também quero escrever.

**(Ator 1 entrega sem graça o papel e o lápis.)**

**ATOR 1** – Ah, que bom Bruninha. Então, escreva. É que eu achei que você não sabi...

**(Criança 6 interrompe o Ator 1.)**

**CRIANÇA 6** – Ah, está bem professor. Está bem.

**(baixa a luz do palco e foco na Criança 6. Ela está assentada embaixo da árvore esquerda do slack-line. Está escrevendo**



demoradamente. Um projeção é iniciada e vai escrevendo, cursivamente, letra por letra.)

Bruna

CRIANÇA 6 – Fessô, tô com meus braços doendo, você pode escrever para mim? Por favor! (em tom choroso, mas com um sorriso provocador.)

(Ator 1 responde afirmativamente com o corpo. Pega o lápis e o papel da mão da Criança 6 e assenta-se embaixo da árvore com ela. A luz focal vai aumentando de tamanho enquanto a Criança 6 dita para o Ator 1.)

CRIANÇA 6 – Sinto que estou no palco (com olhos brilhantes, sorriso diferente e com corpo balançando no ar.) Também sempre quando a gente sobe no tecido tem mais imaginação! Gostei muito de apresentar no teatro da Maria Helena. Quero mais uma vez. Quero mais um monte de vezes.

(A luz já iluminou todo o palco. Devagar inicia-se a música Bola de meia, Bola de gude – Milton Nascimento. Quebra da música no instrumental quando a Criança 7 grita.)

CRIANÇA 7 – Ela só escreveu o nome dela (Criança 7 pega o papel da mão da Criança 6.) Olha gente (risos debochados.) Olha ela não sabe escrever (deboche e todas as crianças compartilham.)

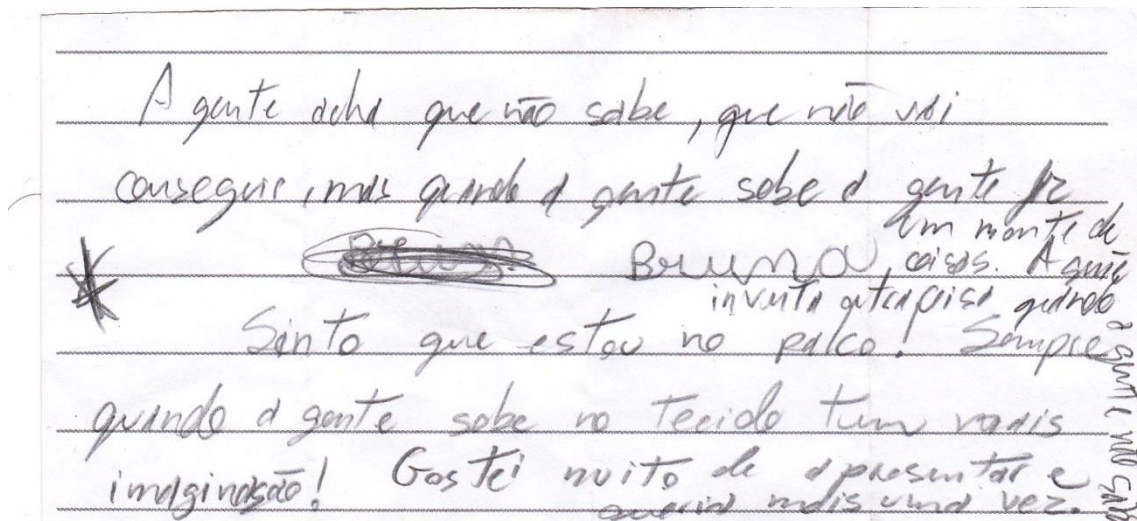


Figura 25 - A gente acha que não sabe, que não vai conseguir, mas quando a gente sobe a gente faz um monte de coisas. A gente inventa outra coisa quando a gente não sabe. Sinto que estou no palco! Sempre quando a gente sobe no tecido tem mais imaginação! Gostei muito de apresentar e queria mais uma vez.

CRIANÇA 6 – Só não escrevi mais porque meu braço está doendo, por isso estou falando com o professor para ele escrever para mim. Eu que não

quero escrever. **(afirmativamente, séria, mas com aquele sorriso orgulhoso no canto dos lábios.)**

**(A música ganha volume. As crianças dispersam pelo palco. Criança 6 abraça o Ator 1. Ele levanta e roda a Criança 6 no ar. Faz um nó no tecido e as crianças vem todas brincarem com ele. Vão subindo no tecido, todas de uma vez. Sorriem, brincam, vão subindo umas nas outras. Música enche o palco. A luz vai caindo devagar. Breu. Som do palco girando.)**

*Há um menino  
Há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança  
Ele vem pra me dar a mão*

*Há um passado no meu presente  
Um sol bem quente lá no meu quintal  
Toda vez que a bruxa me assombra  
O menino me dá a mão*

*E me fala de coisas bonitas  
Que eu acredito  
Que não deixarão de existir  
Amizade, palavra, respeito  
Caráter, bondade alegria e amor  
Pois não posso  
Não devo  
Não quero  
Viver como toda essa gente  
Insiste em viver  
E não posso aceitar sossegado  
Qualquer sacanagem ser coisa normal*

*Bola de meia, bola de gude  
O solidário não quer solidão*

*Toda vez que a tristeza me alcança  
O menino me dá a mão  
Há um menino  
Há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto fraqueja  
Ele vem pra me dar a mão*

**(Apenas uma luz vertical no centro do palco. Nada mais é iluminado. Uma atriz chega ao foco de luz com um papel na mão fazendo a leitura.)**

ATRIZ – Tanto medo, tanta elasticidade, tanta cor, tanta coragem... Além do mais o prazer estava, o cuidado, a alegria de descobrir-se tecido. Assim foi! O Vale Verde é fértil... Eita gente danada sô! Tenho aprendido o quanto é importante para os adolescentes que trabalham comigo a oportunidade de “fazer com”, criar na presença do outro! Tenho descoberto outros caminhos técnicos para a construção artística. E a palavra, assim espontânea e leve tem um lugar muito especial nesse processo. E ouvir é uma tarefa doce, e generosa... Apesar de difícil... Como é o tecido, o tecido das letras, dos sonhos, da vida! Um abraço com carinho.

**(outro foco de luz do lado direito do palco, mais ao fundo. O Ator 1 aparece.)**

ATOR 1 – Não me sinto inteiramente responsável pelo trabalho. Porque eles também são muito líderes deles mesmos! Eles vão junto comigo fazendo a aula. Isso deixa-me em outro lugar com eles. Talvez, por isso, aquelas perguntas: ‘Você é mesmo professor? Fala a verdade’. Nós estamos aqui brincando ou isso é uma aula?’ **(pausa de respiração.)** Essas perguntas sempre caminham comigo. **(sorridente e pulsante.)**

**(outro foco de luz do lado esquerdo do palco, mais ao fundo. Uma criança aparece.)**

CRIANÇA 1 – “Brincar é condição fundamental para ser sério” <sup>lvii</sup> **(riso.)**.

**(a criança sai correndo em direção ao Ator 1.)**

CRIANÇA 1 – Peguei. Está com o fessô.

**(Luz do palco se acende. O cenário está vazio. O pano de fundo são casas desenhadas a mão. É um morro cheio de casas ainda por fazer... É um morro desses de periferia. Desses, meio favela. Desses, meio sem cor. Diversos atores estão no palco. Muitas crianças e três adultos – Ator 1, Atriz e uma Atriz bem velhinha. Todos brincam de pique-pega. Não tem música. Som das gargalhadas e confusões da brincadeira. Palco Gira devagar. Um som de locomotiva vai tomando conta do ambiente. O próximo cenário ainda não foi revelado. Está escuro. Voz do Ator 1.)**

ATOR 1 – Alô... Maria Helena? Escuta... O diretor da Trupe de São Paulo me ligou. Fez o convite para minha entrada na Cia. Estou animado. Acredito que irei aprender muitas coisas. Conto que não passei na seleção do mestrado! Muitas coisas estranhas, se é que me entende... dessas que a gente não gosta nem de falar para não correr o risco de pegar o ranço. Mas, pelo caminhar exercitado, até aqui, levo apenas a alegria de ter escrito o que acreditava ser potente e alegre. Escrevi com gosto todo o pré-projeto para seleção, mas a seleção foi por outras vias... questionáveis, ao meu ver, pois os argumentos eram do tipo: você não tem leitura; quem sabe se você acompanhar as aulas do mestrado e, aí sim, quem sabe, no próximo ano, você tenha chance... Já dizia alguém por aí que “é necessária a ferrugem: não basta ser afiado! Senão dizem sempre de ti: ‘é muito novo!’” <sup>lviii</sup>. **(pausa para respiração.)**

Eu dispensei as amarguras. Fui inventando/conhecendo outros modos de viver. Amargura? Amarg(c)ura! O que a torção de algumas coisas são capazes de fazer, não é mesmo?! É preciso que a criança torça encontros para potencializá-los em alegrias. É preciso torcer, torcer, torcer... até que se vibre empolgadamente com a invenção de um significado outro e, também possível! É nessa tarefa de repetir e repetir que a palavra “torcer” ganhou novo sentido! Um torcer, que inicialmente estava relacionado ao ato de torcer algo, a entortar, vergar, envergar, voltear, possa, nesse sentido ganho com a repetição, estar relacionado a demonstrar com entusiasmo, gesticulando e vibrando em desejo de vida. Na torcida por esse estado de viver em potência.

Às vezes precisamos de um afastamento. Para que, lá longe, a gente esteja bem perto! No dentro, quando a “dobra”<sup>lix7</sup> se faz.

Decidido: Vou pro circo! Quero cores na vida, pois só a alegria produz conhecimento, não é mesmo?! Quanto conhecimento foi produzido até aqui... São muitas alegrias para se apegar nessas amarguras, decepções, tristezas... Há de se inventar outros modos que nos possibilite aprender a selecionar os encontros que potencializam a vida, a alegria. Pois, se é inevitável sentir paixões, padecer, ser afetado, é igualmente necessário que aprendamos a selecionar os encontros que nos aumentam a força de existir. Pergunto-me, pois, se não seria também esta uma nova tarefa da educação e do processo de aprendizagem em formações alegres.

Levo comigo toda a bagagem chamada vivência. O suor que escorreu no corpo, no sol que batia forte. O tecido que aperta as mãos e os pés e dá prazer na alma. Levo comigo os livros que li e que vivi e até os que não vivi, mas sonhei perigosamente e bonito.

Quero agradecer a você e a esse Mutirão que me ensinaram muito e que por vezes nem diziam nada. É o convívio que ensina sozinho. Conviver é uma beleza rara. Estar com vocês é uma riqueza.

Levo como o mineiro que carrega Minas na língua... Levo a saudade, a vida e os panos do viver! Carrego comigo no peito a vontade de vida... Ah, é claro: Levo a doçura que não pode faltar – um bom mineiro sempre tem um doce de leite, uma goiabada cascão, pois ele no fundo sabe que glicose baixa é desmaio na certa!!!

Aprender a surgir como o bicho da goiaba, que segundo os mineiros: ‘bicho de goiaba, goiaba é’ É um modo de ser, de habitar e de se fazer outra coisa, não é mesmo?! Sabedoria animal do bicho de goiaba que faz muito mais que camuflagem, faz de si uma goiaba. Pelo menos para os mineiros... Está bem, alguns mineiros... **(risos.)**

Roubei todos vocês e coloquei na mala do peito.

---

<sup>7</sup> Dobra é um conceito deleuzeano que segundo Silva (2004) “exprime tanto um território subjetivo quanto o processo de produção desse território, ou seja, ela exprime o próprio caráter coextensivo do dentro e do fora. A dobra constitui assim tanto a subjetividade, enquanto território existencial, quanto a subjetivação, entendida aqui como o processo pelo qual se produzem determinados territórios existenciais em uma formação”.

Mas a gente se vê... Vamos usar da internet que é coisa boa quando quer... Que nem gente mesmo! (**risos.**)

Abraços carinhosos e agora com saudade, saudade com L, pois seca a garganta da gente e dá um nó no peito mole.

Quiçá neste tempo venha uma metamorfose! Essa do bicho da goiaba ou outra qualquer que se possa inventar.

**TERCEIRO ATO**  
**ATO CRIANÇA**

**(Música Swing Little girl – Charles Chaplin.)**

*Balance Menininha*  
*Balance Menininha,*  
*Balance, alto, para o céu,*  
*E nunca olhe para o chão,*

*Se você procura arco-íris,*  
*Olhe para cima, para o céu,*

*Você nunca achará arco-íris,*  
*Se você estiver olhando para baixo,*

*A vida talvez seja chata,*  
*Mas nunca é igual,*

*Um dia, luz do sol*  
*Outro dia, chuva,*

*Balance Menininha,*  
*Balance alto, para o céu,*  
*E nunca olhe para o chão,*

*Se você procura arco-íris,*  
*Olhe para cima, para o céu,*  
*Mas nunca, jamais, olhe para baixo*

**(Enquanto toca a música, uma luz focal vem iluminando o lado esquerdo do palco. Ilumina o tecido azul celeste que está preso na árvore. É o mesmo Cenário 2, porém só a área do tecido ganha luz. A Criança 6 balança sozinha no tecido que está feito um nó. Gradativamente a criança**

vai saindo do choro e entrando num estado alegre, à medida que vai se aventurando no tecido. Fecha a luz e corta a música. Projeta o filme da Folia de Reis no Vale Verde. Com o som do próprio filme amador. Qualidade não é muito bom. Mas não importa, o que vem ao encontro é a potência, inclusive propositalmente ser amador... Alguém do grupo fez a filmagem! Faz parte. É presença. É corpo inteiro. O filme retrata o dia da Folia de Livros que se misturou com a Folia de Reis. Era criança com adulto. Eram fantasias coloridas. Eram instrumentos musicais. Eram versos. Era gritaria. Era gente alegre para todo lado. Termina a exibição do vídeo. Luz de corredor na frente do palco. Ator 1 atravessa a cena com uma mala na mão. Agora está vestido de palhaço. Peruca de cabelo preto e arrepiado/bagunçado. Nariz vermelho. Olhos brancos. Calça azul marinho grande demais e com um suspensório também azul marinho, para combinar com roupa e para não arriar as calças. Camisa social colorida com detalhes azul marinho e com botões marrons grandes, camisa fechada até o último botão. Meia listrada horizontal de preto e branco. Sapato grande preto do tipo EPI – Equipamento de Proteção Individual. Mala grande, de couro e amarela. Na caminhada o palhaço Fonfon manda olhares para a plateia. Se vira rapidamente e começa a reclamar da viagem, mas sem dizer uma palavra nítida. Faz uso da técnica de embolar palavras e dar ênfase em alguns gestos corporais para passar o sentido, sem dizer nada. Reclama da desorganização, do cansaço, da falta de livros, da falta da família, das coisas que acha errado. Espera o tempo do riso. Palco Gira. Cenário 1 é revelado. Aquele de carteiras sucateadas, do tipo de escola pública... Os mesmo atores estão em cena. Fonfon senta-se em uma das carteiras e presta atenção seriamente nas palavras da professora doutora que está assentada no meio da meia lua voltada para plateia.)

PROFESSORA – Estamos ainda na mesma questão. Como se autoproduzir alegremente. Certo?

ATOR 2 – Isso. É uma pergunta que faremos eternamente. Não temos resposta. O importante é a questão.

ATOR 3 – É. Segundo Nietzsche, posso afirmar que isso tem haver com a produção do super-homem. Humano, demasiado humano.



ATOR 4 – Sim. Está ligada a invenção dos “espíritos livres”<sup>lx</sup>. **(Fonfon olha para plateia com olhar de medo, assombrado, faz o sinal da cruz.)**

ATOR 5 – “E foi assim, portanto, que uma vez, quando precisei disso, inventei também para mim os “espíritos livres”, aos quais é dedicado este livro melancólico-corajoso com o título de Humano, demasiado humano: semelhantes “espíritos livres” não existem, nunca existiram, mas então, como já disse, tinha necessidade de sua companhia para ficar com coisas boas no meio de coisas más (doença, isolamento, exílio, inatividade): **(Fonfon faz caras a respeito do que vai ouvindo e sempre triangula com a plateia a fim de ir quebrando o tom sério da leitura do texto.)** como valentes companheiros e fantasmas, com os quais se conversa e se ri, quando se tem vontade de conversar e rir, e que se manda para o diabo, quando se tornam aborrecidos, como um substitutivo de amigos que fazem falta”<sup>lxi</sup>.

**(Fonfon levanta e abraça o Ator 5. Reclinando forçosamente a cabeça do ator cinco sobre seu peito. Continua forçando a cabeça do Ator 5 sobre seu corpo até que a cabeça do Ator 5 escorrega sobre o colo do Fonfon. Fonfon levanta bruscamente empurrando o Ator 5 para longe e com uma cara de espanto para a plateia, faz cara de quem não entendeu o Ator 5.)**

ATOR 5 – Sai cara. Se manca. Estamos aqui discutindo coisa séria. Não estamos brincando. **(em tom ríspido e professoral.)**

ATOR 2 – Ele não tem leitura. Não faz nem ideia do que estamos falando... Daí parte para a palhaçada. **(debochadamente.)**

PROFESSORA – Talvez ele queira colaborar com a conversa e ler algo que tenha produzido. Quem sabe ele tenha algo... **(com certa ternura.)**

ATOR 1 – Tenho! Tenho! **(em tom alegre e pulsante.)**

Dona Lógica

Dona Lógica usa coque e óculos, como aquelas velhas professoras que não se fabricam mais e tão chatas que, no meio da aula, sempre alguém lhes pedia “para ir lá fora”. Sim, dona Lógica, a alma também precisa de um pouco de ar.

Mario Quintana, da preguiça como método de trabalho, Rio de Janeiro, dois mil e treze. Página 146

**(silêncio de respiração.)**

PROFESSORA – Bem pessoal, vamos voltar a discussão?! Onde paramos? Estávamos a conversar sobre Nietzsche e a produção do Super-homem, certo?!

ATOR 2 – Isso. Mas, também fiz uma ligação com Deleuze quando ele menciona Proust e os Signos. Todos leram, né?!

**(Todos respondem corporalmente, com certa obviedade intelectual típica da academia, dessa que é inadmissível alguém não ter lido algo sobre alguém...)**

ATOR 1 – Ah, eu também li sobre Proust e os Signos. **(alegremente e se sentindo parte do grupo, se sentindo um intelectual alegre. Faz a leitura orgulhosamente.)**

Proust e os Signos.

Os leitores de Proust

Marcel Proust não tem entrelinhas, explica tudo, sufoca o leitor, não o deixa respirar, não o deixa pensar.

No entanto, não escrevia para o grande público... Pois só o grande público é que gosta que um autor pense por ele.

Pergunta-se: os proustianos serão mesmo uma elite de leitores?

**(Ator 1 termina a leitura com peito estufado. Sorriso no rosto de satisfação e alegria inocente, mas nem tanto. Os demais atores se entreolham. Silêncio rápido de uma respiração.)**

ATOR 2 – Enfim **(em tom enfadonho da fala do Ator 1.)**

ATOR 3 – Será possível que se forme mestre alguém assim? **(em tom irônico e tanto quanto incisivo direcionado ao Ator 1.)**

**(Professora com sorriso meigo e pensante e olhar piedoso e complacente.)**

ATOR 1 – Quem gente? **(como se perguntasse por perguntar.)** Ah, deixa eu falar uma coisa: Eu vou para o congresso nacional da ANPEd – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Só não sei que raio de ANPEd é isso? Mandei um texto acadêmico para lá e disseram que passei. Será que é bom? Vocês conhecem esse tal de ANPEd?

FANTASMA DO ATOR 1 – Onde estão as diferenças? Onde estão as diferenças? Se manifeste homem! Não se lembr... **(voz crescente em tom ríspido e de ordem.)**

PALHAÇO – A pergunta seria, talvez, como estão as diferenças. Como? Como? Como? Como! Como! (Fonfon vai repetindo a palavra “como” até ganhar o sentido de comer. Ele repete a palavra e quando sua mão esquerda passar pela barriga ele associa o “como” no sentido de modo ao “como” no sentido de “comer”.) Hum, como! Como sim! Como tudo! Hum, que fome! (risos.)

(Luz vai baixando. Silêncio. Os atores se entreolham assustados. Olhares oblíquos. Alguns esnobam, outros invejam e ainda alguns, raivosamente, direcionam alguns olhares estranhos ao Ator 1. Ah, alguns poucos se manifestam alegremente. Voz do Fantasma 6 – voz da Aracy Balabanian declamando o poema de Clarice Lispector – Das vantagens de ser bobo.)

FANTASMA 6 – “O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: "Estou fazendo. Estou pensando." Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia. O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, o bobo é um Dostoievski. Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de um ar refrigerado de segunda mão: ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo. Enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu. Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não

prevê. César terminou dizendo a célebre frase: "Até tu, Brutus?" Bobo não reclama. Em compensação, como exclama! Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz. O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem. Há lugares que facilitam mais as pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas! Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo”<sup>lxii</sup>.

**(Blackout. Luz focal no centro do palco. Aparece o Ator 1.)**

ATOR 1 - “Quando o moço estava a catar caracóis e pedrinhas na beira do rio até duas horas da tarde, ali também Nhá Velina Cuê estava. A velha paraguaia de ver aquele moço a catar caracóis na beira do rio até duas horas da tarde, balançou a cabeça de um lado para o outro ao gesto de quem estivesse com pena do moço, e disse a palavra bocó. O moço ouviu a palavra bocó e foi para casa correndo a ver nos seus trinta e dois dicionários que coisa era ser bocó. Achou cerca de nove expressões que sugeriam símiles a tonto. E se riu de gostar. E separou para ele os nove símiles. Tais: Bocó é sempre alguém acrescentado de criança. Bocó é uma exceção de árvore. Bocó é um que gosta de conversar bobagens profundas com as águas. Bocó é aquele que fala sempre com sotaque das suas origens. É sempre alguém obscuro de mosca. É alguém que constrói sua casa com pouco cisco. É um que descobriu que as tardes fazem parte de haver beleza nos pássaros. Bocó é aquele que olhando para o chão enxerga um verme sendo-o. Bocó é uma espécie de sânie com alvoradas. Foi o que o moço colheu em seus trinta e dois dicionários. E ele se estimou”<sup>lxiii</sup>.

**(Ator 1 começa a andar orgulhoso de si. Alegre. Potente. Vivo e de corpo inteiro. A luz focal se estende em luz de corredor. Palco Gira uma**

**volta completa. Passa por todos os cenários. A música Linhas Tortas – cd Crianças.)**

*Prefiro as linhas tortas, como Deus.*

*Em menino eu sonhava de ter uma perna mais curta (Só pra poder andar torto). Eu via o velho farmacêutico de tarde, a subir a ladeira do beco, torto e deserto... toc-ploc toc-ploc.*

*Ele era um destaque.*

*Se eu tivesse uma perna mais curta, todo mundo haveria de olhar para mim: lá vai o menino torto subindo a ladeira do beco toc-ploc toc-ploc.*

*Eu seria um destaque. A própria sagração do Eu.*

**(O Ator 1 vai caminhando pelo cenário da esquerda para a direita enquanto toca a música que vai ganhando o teatro. Ator 1 para no Cenário 2 e um comando lhe é dado.)**

FANTASMA 7 – Agora, meu filho, vá ser alegre na vida. Caminhe no espaço e diga-me o que vê.

**(Música de fundo – Saiba – Adriana Calcanhoto.)**

*Saiba!*

*Todo mundo foi neném  
Einstein, Freud e Platão, também  
Hitler, Bush e Saddam Hussein  
Quem tem grana e quem não tem...*

*Saiba!*

*Todo mundo teve infância  
Maomé já foi criança  
Arquimedes, Buda, Galileu  
E também você e eu...*

*Saiba!*

*Todo mundo teve medo  
Mesmo que seja segredo  
Nietzsche e Simone de Beauvoir  
Fernandinho Beira-Mar...*

*Saiba!*

*Todo mundo vai morrer  
Presidente, general ou rei  
Anglo-saxão ou muçulmano  
Todo e qualquer ser humano...*

*Saiba!*

*Todo mundo teve pai  
Quem já foi e quem ainda vai  
Lao-Tsé, Moisés, Ramsés, Pelé  
Gandhi, Mike Tyson, Salomé...*

*Saiba!*

*Todo mundo teve mãe  
Índios, africanos e alemães  
Nero, Che Guevara, Pinochet  
E também eu e você  
E também eu e você  
E também eu e você...*

**(Ator 1 caminhando no palco maravilhado. Faz o exercício de estranhamento do local. Tudo é novo! Nada é conhecido. Vai descobrindo as coisas. Admirado olha o mundo. Vai se espantando com as coisas comuns. Espanta-se com o tamanho das árvores altas, coloca a mão no tronco, sente a textura da casca, percebe as ranhuras entre as cascas, encontra formigas nas ranhuras, acompanha o sentido do caminhar das formigas. Maravilha-se! Sente o cheiro das coisas e da vida. Espanta-se com a pequenez da vidinha de uma formiga! Maravilha-se! Vê as cores! Acha bonito! Acha feio! Vê as diferenças entre elas! Mostra preferências! Experimenta o slack-line, assenta-se na fita. Brinca! Cai! Acha engraçado! Cai várias vezes e sorri em cada uma delas! Descobre o cair e se diverte com suas próprias quedas! Encontra o tecido quando está correndo entre as coisas do cenário e passa pelo tecido, emaranhando-se nele. Sente o tecido e prazerosamente sua leveza. Brinca. Espanta-se com o azul celeste! Maravilha-se! Sobre no tecido, experimenta moveres! Alegre**

**encontro! Gargalhadas frouxas entre o tecido e o Fonfon! Desce do tecido! Cheira o mato! Cheira as coisas que compõem o cenário! Cheira a terra e gosta! Passa a terra no corpo, feito creme! Maravilha-se! Troca olhares com a plateia de descobrimentos, compartilha desses segredos com os espectadores! Essa cena não tem falas. Só espantos. Só corpo! Fonfon vai experimentando o mundo que o rodeia. Isso gera espantos alegres. Fonfon é movido por encantamentos.)**

**(Luz vai baixando seguindo o ritmo da música que de igual modo vai sumindo. Blackout. Luz focal verticalizada do canto direito para o esquerdo.)**

FANTASMA 6 – “Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração. Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz. Mas se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas. Portanto, se a luz que está dentro de você são trevas, que tremendas trevas são”<sup>lxiv</sup>!

**(A Criança 2 segurando uma carta entra no foco de luz verticalizado do canto direito para o esquerdo. Abre a carta e desdobra uma folha de papel branco. Faz a leitura da carta em voz alta.)**

CRIANÇA 2 – “Vou dizer-vos as três metamorfoses do espírito: como o espírito se muda em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança.

Há muitas coisas que parecem pesadas ao espírito, ao espírito robusto e paciente, e todo imbuído de respeito; a sua força reclama fardos pesados, os mais pesados que existam no mundo.

'O que é que há de mais pesado para transportar?' — pergunta o espírito transformado em besta de carga, e ajoelha-se como o camelo que pede que o carreguem bem. 'Qual é a tarefa mais pesada, ó heróis' — pergunta o espírito transformado em besta de carga, a fim de a assumir, a fim de gozar com a minha força?

Não será rebaixarmo-nos, para o nosso orgulho padecer? Deixar refulgir a nossa loucura para zombarmos da nossa sensatez?

Não será abandonarmos uma causa triunfante? Escalar altas montanhas a fim de tentar o Tentador?

Não será sustentarmo-nos com bolotas e erva do conhecimento, e obrigar a alma a jejuar por amor da verdade?

Ou será estar enfermo e despedir os consoladores e estabelecer amizade com os surdos que nunca ouvem o que queremos?

Ou será submergirmo-nos numa água lodosa, se esta é a água da verdade, e não afastarmos de nós as frias rãs e os abrasados sapos?

Ou será amar os que nos desprezam e estender a mão ao fantasma que nos procura assustar?

Mas o espírito transformado em besta de carga toma sobre si todos estes pesados fardos; semelhante ao camelo carregado que se apressa a ganhar o deserto, assim ele se apressa a ganhar o seu deserto.

E aí, naquela extrema solidão, produz-se a segunda metamorfose; o espírito torna-se leão. Entende conquistar a sua liberdade e ser o rei do seu próprio deserto.

Procura então o seu último senhor; será o inimigo deste último senhor e do seu último Deus; quer lutar com o grande dragão, e vencê-lo.

Qual é este grande dragão a que o espírito já não quer chamar nem senhor, nem Deus? O nome do grande dragão é 'Tu deves'. Mas o espírito do leão diz: 'Eu quero.'

O 'tu deves' impede-lhe o caminho, rebrilhante de ouro, coberto de escamas; e em cada uma das suas escamas brilham em letras de ouro estas palavras: 'Tu deves.'

Valores milenários brilham nessas escamas, e o mais poderoso de todos os dragões fala assim: 'Em mim brilha o valor de todas as coisas. Todos os valores foram já criados no passado, e eu sou a soma de todos os valores criados.' Na verdade, para o futuro não deve existir o 'eu quero'. Assim fala o dragão.

Meus irmãos, para que serve o leão do espírito? Não bastará o animal paciente, resignado e respeitador?

Criar valores novos é coisa para que o próprio leão não está apto; mas libertar-se a fim de ficar apto a criar valores novos, eis o que pode fazer a força do leão.

Para conquistar a sua própria liberdade e o direito sagrado de dizer não, mesmo ao dever, para isso meus irmãos, é preciso ser leão.



Conquistar o direito a valores novos, é a tarefa mais temível para um espírito paciente e laborioso. E decerto vê nisso um acto de rapina e de rapacidade.

O que ele amava outrora, como bem mais sagrado, é o 'Tu deves'.

Precisa agora de descobrir a ilusão e o arbitrário mesmo no fundo do que há de mais sagrado no mundo, a fim de conquistar depois de um rude combate o direito de se libertar deste laço; para exercer semelhante violência, é preciso ser leão.

Dizei-me, porém, irmãos, que poderá fazer a criança, de que o próprio leão tenha sido incapaz?

Para que será preciso que o altivo leão tenha de se mudar ainda em criança?

É que a criança é inocência e esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira por si própria, primeiro móbil, afirmação santa.

Na verdade, irmãos, para jogar o jogo dos criadores é preciso ser uma santa afirmação; o espírito quer agora a sua própria vontade; tendo perdido o mundo, conquista o seu próprio mundo.

Disse-vos as três metamorfoses do espírito: como o espírito se mudou em camelo, o camelo em leão, e finalmente o leão em criança" lxxv.

**(Palco gira. Todas as luzes se acendem. Palco continua girando. Cada Ator fica em seu cenário. As luzes da plateia se acendem. Diretor se levanta e aplaude os atores. Assistente acorda assustado e acompanha o diretor, levantando-se ressabiado e olhando para os lados verificando se alguém havia visto a gafe. Atores agradecem os aplausos. Após um giro completo do palco, fecham-se as cortinas. Desce um telão e projeta-se o vídeo encontrado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=RwLo8be-Yoc> – que são cenas originais de alguns filmes de Charles Chaplin - Entra a música Smile – Charles Chaplin – Na interpretação de Michael Jackson- enquanto as cenas são passadas.)**

*Sorria*

*Sorria, embora seu coração esteja doendo*

*Sorria, mesmo que ele esteja partido*

*Quando há nuvens no céu,*

*Você conseguirá...*

*Se você sorrir  
Com seu medo e tristeza  
Sorria e talvez amanhã  
Você verá o sol brilhando, para você*

*Ilumine seu rosto com alegria  
Esconda qualquer traço de tristeza  
Embora uma lágrima possa estar tão próxima  
Esse é o tempo que você tem que continuar tentando  
Sorria, o que adianta chorar?  
Você descobrirá que a vida ainda continua  
Se você apenas sorrir*

*Este é o momento que você tem que continuar tentando  
Sorria, de que adianta chorar?  
Você descobrirá que a vida ainda continua  
Se você apenas sorrir*

**FIM**

### 3 – UM CONTO BIO

#### Um conto de um palhaço e/ou um conto meio autobiográfico

Minha família é daquelas de reunir e ficar contando causos de infância. Somos capazes de passarmos horas a fio nessa contação. São narrados fatos memoráveis. Alguns casos são dignos de filmes. Minha mãe conta e, eu me lembro vagamente, que aos cinco anos, quando estava no antigo segundo período, minha professora adoeceu e precisou se ausentar e, nessa ausência venho uma substituta – da qual eu não gostei! Recusei-me a entrar na sala de aula. Chorei. Briguei com ela. Ninguém me fazia entrar naquela sala. Ela disse que eu ficaria sozinho no corredor. Preferi. Fiquei assentado no corredor até que a professora do primeiro período me chamou para ficar na sala dela, ou seja, voltei ao primeiro período até a minha professora voltar às aulas. Personalidade forte. Sempre fui muito questionador. Sempre tinha algo a dizer. Lembro-me que já no Ensino Médio, um professor que lecionava Queijos – Técnico em Laticínios – Resolveu dar um “*feedback*” para a turma. Foi dar sua opinião sobre cada aluno, e na frente da turma toda. Foi tecendo elogios para alguns, críticas para outros e para mim foi:

- Leandro, você tem o poder das palavras. É quase impossível não prestar atenção no que você fala. Você escolhe bem as palavras. Você tem argumentos. Mas, deveria usar para o bem!

Minha vida na escola sempre foi rodeada de colegas. Eu era o cara engraçado da sala. Eu imitava os professores no recreio, eu inventava palavras, eu contava histórias que não vivi e, eles riam muito! Era bom ver as pessoas rindo. Minha mãe conta que desde pequeno, por volta dos quatro anos, quando ela me levava para as festinhas dos meus amigos e de primos eu dançava até cair. Caía e levantava de novo dançando. Ficava exausto – segundo ela. Todo mundo da festa, incluindo os adultos, fazia uma roda em volta de mim para me ver dançar. Minha mãe diz rindo: você era o centro das atenções.

Quando eu via algo que não concordava eu falava na hora. Brigava com quem fosse. Certa vez estávamos brincando no pátio do prédio da minha avó. Eu e meus primos. Foi quando um primo cuspiu no rosto de uma prima nossa.

Achei errado. Revidando entrei na briga sem pedir licença e, juntei o escarro na boca e mandei uma cuspidada das boas no rosto dele. Ele era mais forte que eu, ou seja, saiu correndo. Corri, corri e muito. Até que a mãe dele me alcançou. Segurou-me no meio das pernas dela e disse:

- Se eu fosse sua mãe menino...

Enquanto ela me segurava com força nos braços e me prendia nas pernas dela, eu dava chutes na canela dela.

Minha mãe conta que certa vez participei de uma gincana para ver quem dava o laço no sapato primeiro. Esse mesmo primo, que eu cuspi na cara dele para defender minha prima, participou comigo. Apesar de ser mais alto nós tínhamos a mesma idade. Terminei meu laço correndo e fui dar o laço para ajudar ele porque ele ainda não sabia dar laço em sapato. Tinha torcida e tudo... Era um evento.

Sempre fui muito agitado.

Mas na escola meus cadernos eram impecáveis. Não admitia notas baixas. Sempre exigi das pessoas e de mim ainda mais. Minha mãe diz que nesse ponto nunca dei trabalho.

Mas que o meu problema era falar demais... Conversava muito na sala de aula e como sou de família grande e descendente de italianos... Não só falo muito, como falo alto. Projeção vocal que me ajudou muito no teatro e me atrapalhou muito na escola.

Já derrubei o fogão em cima de mim. Já peguei traseira de ônibus. Já atirei de atiradeira em pombinha e chorei depois. Já fiz teatro sozinho pela casa. Já conversei no espelho como se estivesse dando entrevista para TV...

Sempre fui muito agitado.

Aos quatro anos resolvi nadar sozinho na piscina de adultos. Pulei sem medo e quase morri afogado. Minha mãe teve que pular para me tirar da água. Depois já bem maior, aos cinco, achei que já podia e pulei novamente e, dessa vez, sobrou para minha irmã me tirar de lá.

Mãe disse que quando criança eu não tinha medo de quase nada. Que na hora de tomar injeção, por exemplo, para mostrar para todo mundo que não doía eu fingia que não doía e falava para minha irmã, cinco anos mais velha, que já estava aos berros, que não doía nada. Que era muito bom. E ria um monte dela que estava se debatendo no posto de saúde.

Sempre fui muito agitado.

Já quase morri atropelado.

Minha mãe disse que durante minha gestação ela passava muito mal. A vizinha aconselhou um remédio para abortar. Mãe abortou a ideia da vizinha. Graças a Deus, né?!

Sempre fui muito agitado.

Meu pai, apaixonado por futebol, incentivou-me na escolinha de futebol do bairro. Levava-me ao campo. Comprou o uniforme, bola, chuteiras... Mas nunca gostei do bendito futebol. O que desencantava meu pai. Que é fominha de bola. Durou pouco tempo essa onda de futebol...

Agora aquela onda de fazer palhaçadas na sala de aula. De ir ao espelho fingir dar entrevista, de fingir que não estava doendo a injeção, de encenar coisas que não vivi... Essa onda continuou.

A onda continuou mesmo e foi, cada vez mais, ganhando mais espaço. Fiz meu primeiro curso de teatro aos vinte anos. Tomei coragem. Fiz um teste para entrar no Grupo de Teatro da Universidade Federal. Passei. Mas não fiquei no grupo. Fui fazer a graduação de Ciências Biológicas na Universidade. Estava muito animado. Eu também gostava de Ciências. Era minha matéria preferida. Eu gostava de saber das coisas que ninguém sabia. Eu gostava de aprender como as coisas funcionavam. Eu achava bonito as coisas invisíveis existirem. Eu ficava admirado de perceber como meu corpo funcionava, como os outros seres vivos eram, como as coisas se relacionavam. Era também uma questão de beleza, de estética e talvez aqui de arte... Se é que me entende. Eu passei meu ensino médio aprendendo largamente sobre bactérias, leveduras, fungos... Coisas úteis para os laticinistas, mas todo o restante me interessava. Eu não queria saber só das bactérias que fermentavam o leite para fazer iogurte. Eu gostava de imaginar os seres. Eu gostava dos livros de Biologia que sempre eram cheios de fotografias, imagens, desenhos... Era o livro mais bonito em minha opinião. Era incrível saber das coisas misteriosas que poucos sabiam...

Fui então me aprofundar nesse encantamento. Fui estudar a vida – Biologia. Eu seria um biólogo. Eu saberia das coisas. Eu aprenderia da vida. Eu teria acesso a lugares incríveis com bichos incríveis e eu saberia de quase

tudo... Era o que eu achava até viver os quatro anos na Faculdade de Ciências Biológicas da UFJF.

A coisa não era tão bonita assim, eram bonitas também. Tinha notas para passar, provas para fazer. Trabalhos para entregar. Hora para começar e terminar as coisas. Tinha currículo para se preocupar. Tinha estágios obrigatórios para fazer. Tinha que decorar nomes, estruturas sem nem mesmo ter visto o bicho. Tínhamos que estudar as estruturas de animais da costa oeste da Austrália. E tínhamos professores mais preocupados com suas pesquisas do que com as aulas. Aula era uma perda de tempo porque o que gostavam de fazer era pesquisar... Isso no campo da Biologia...

No campo da Educação – porque era assim que a gente via... Biologia é uma coisa, Educação é outra. Era ainda pior. Os professores não iam às aulas. Chegamos a passar um semestre inteiro com apenas duas aulas com o professor responsável. Ele nunca foi às aulas e no final, todo mundo recebeu nota total. Acharmos maravilhoso, é claro. Era muito chato ter aulas de educação... Era como se sentássemos num bar e jogássemos conversa fora. Porém, com horário marcado, sem piadas, mal acomodado e não havia tira-gosto. Era complicado. Enquanto estávamos perdendo nosso tempo com as matérias que não serviam para nada, acumulávamos matérias e coisas para fazer da Biologia. Não é difícil ver alunos levando material da Biologia para faculdade de educação... Porque enquanto um aluno está enrolando o professor com perguntas quaisquer sobre a vida... Nós aproveitamos o tempo com coisas úteis. Era assim que pensávamos...

Passei os quatro anos trabalhando em um mesmo laboratório: laboratório de Bioquímica de Produtos Naturais. Quanta produção. Quantas coisas novas. Quanta coisa para fazer. Quantas descobertas. Era assim que eu via...

Afundi-me nessa fazeção. Publiquei artigo científico. Fui a muitos congressos. Escrevi muitos resumos e ganhei prêmios científicos. Estava no auge. Eu era um bom aluno em todas as matérias. Tinha um estágio com bolsa de iniciação científica. Eu tinha o melhor currículo da sala. Eu trabalhava até aos finais de semana. Eu era um universitário e tanto. Era assim que eu pensava. Tudo que eu tinha que fazer, eu fazia. Não tem como dar errado. Era assim que eu pensava.

Acostumado com o ritmo da Escola Técnica, onde estudava até de madrugada, a faculdade para mim foi moleza! Era fácil ser universitário. Tirar boas notas não era problema. Foi fácil.

Sempre fiz muitas coisas paralelamente. Lembro-me que durante a graduação além de dançar eu também praticava algumas atividades circenses e comecei a fazer alguns trabalhos na área artística. Meus amigos da faculdade sempre me questionavam quanto a isso.

- Leandro, cara, você tem que escolher uma coisa ou outra. Você quer ser artista ou quer ser biólogo? Você fica perdendo tempo com muitas coisas... Isso não dá certo!

Até mesmo minha orientadora do laboratório, certa vez, me aconselhou.

- Leandro, quando você for fazer seu currículo Lattes, não coloque nada dessas coisas que você faz... Essas coisas que você faz de arte suja o currículo.

Na época eu obedeci! Eu não queria meu currículo sujo com essas coisas de artes... Eu queria ser respeitado e, portanto, meu currículo ficou limpinho. Ali eu era só biólogo. Tinha uma área específica de conhecimento. Tinha produções acadêmicas. Eu sabia das coisas...

Quando, já no final da faculdade, comecei a desconfiar que eu não sabia tanto assim das coisas. No final das contas ou era o mestrado, no mesmo laboratório, ou eu seria professor e, teria de ensinar coisas que não estudamos ali na faculdade... Comecei a achar que as coisas não estavam tão certas assim. Mas, com meu currículo limpinho, qualquer escola vai me querer para dar aulas. Essa era minha segurança. Serei professor de Biologia e sabia que teria de revisar tudo que não vi durante a graduação e que realmente a Educação (licenciatura) não me ensinou nada. Foi uma perda de tempo. Era assim que eu pensava.

Formei.

Quando, então, a “vida de professor” bateu na minha porta e eu abri. Comecei entregando os currículos nas escolas particulares. Afinal, eu tinha um currículo e tanto... Fiquei semanas esperando o retorno do diretor da escola para me implorar e me oferecer um ótimo salário para que eu fosse o professor da escola dele. Resultado: nenhuma ligação. Comecei a desconfiar que meu currículo não era lido. Que era mais uma questão de indicação, de conhecer

alguém importante para colocar seu nome na escola. Eu não conhecia ninguém importante. Minha família não conhecia ninguém importante e eu também não era importante.

Apelei. Fui fazer minha inscrição nas designações do Estado de Minas Gerais. Já que não conseguia dar aulas em escolas particulares terei de enfrentar o Estado. Surpresa. Na inscrição eles não pediam o currículo. Como assim? Fiquei pensando. Pediam idade, tempo de serviço no Estado e só. Pensei: Mas, e meu currículo brilhante? Mas eu tenho boas notas. Mas eu fiz estágio com bolsa de iniciação científica. Mas eu sei fazer pesquisa. Mas eu tenho o poder da palavra. Mas eu sei dar aulas... Nada. Resultado: minha classificação no Estado era péssima. Não tinha tempo de serviço no Estado e era um recém formado de vinte quatro anos. O primeiro colocado já era aposentado e tinha sessenta e dois anos. Era difícil concorrer no Estado para ganhar a miséria que ele pagava. Fiquei pensando. Mas eu fiz faculdade Federal. Mas eu tenho um bom IRA – Índice de Rendimento Acadêmico. Mas eu sou inteligente...

Fiquei, depois de formado, oito meses sem emprego. Frustrante. Quando consegui minha primeira designação em agosto de 2010. Fui dar aula onde eu estudei até a oitava série. Era notório o gosto dos alunos pela aula de Biologia. Fui substituir um professor na conhecida e temida turma 1F. A sala de aula era no antigo depósito de vassouras. Não tinha janela. Ventilador quebrado. Carteiras quebradas. Quadro quebrado. Era deprimente. A minha recepção foi: Oi professor. Você já deve ter ouvido falar da nossa turma, né?! Somos os piores alunos da escola. Também, eles colocam a gente no depósito, tratam a gente igual lixo... Querem o quê?!

Foram dois meses de substituição. Eles não sabiam o que era uma célula...

Aconteceram alguns eventos interessantes:

- A aula era na segunda-feira às sete horas da manhã. Primeira aula comigo na 1F. Sala lotada. Todos presentes e participativos. Terminou a aula e fui para a turma seguinte. Fecho a porta. Batem na porta. Era uma professora.

- Professor, onde você foi com os alunos?



- Em lugar nenhum. Estão na sala.
- Não. Não tem ninguém na sala. A sala estava cheia?
- Sim. Todos presentes.

Ela virou as costas e saiu bufando. Eu no fundo fiquei feliz. Havia algo em mim que trazia a turma às sete horas da manhã.

- Turma 1F às sete horas da manhã. Sala cheia. Silêncio. Era prova. Fiquei atento em todos. Sou dos chatos que cobram mesmo. Atento estava em cada respiração. Pablo, o aluno problema, sentava-se em minhas aulas na primeira carteira. Respondia todas as minhas perguntas. Era, para mim, o aluno resposta. Ninguém surrupiou.

- Gostei de ver. O que acharam?
- Estava muito fácil professor. Valeu por ter ajudado a gente.
- É bom quando a gente pega a prova e sabe fazer. Você é bonzinho.

Ajudou a gente muito.

- Acho que vou recuperar minha nota em Ciências. Você podia ficar até o final do ano.

Eles acharam que eu ajudei na prova. Não ajudei! Coloquei só questões de vestibulares difíceis. UNB, USP, UFRJ... Não estava fácil! Eles sabiam, era diferente. Fui para casa feliz. Corrigi as provas, a maioria com boas notas. Pablo, o aluno resposta, acertou todas as questões e ainda escreveu um recado para mim na prova que dizia:

Professor,

Obrigado. Você foi o único professor que acreditou em mim.

Se chorei? Claro. Estava começando a perceber que havia algo na Educação que me enchia os olhos de água. Dava-me alegria de viver e motivação para levantar às sete horas da manhã e encarar uma turma cheia de adolescentes.

Acabou o período de dois meses. Estava novamente desempregado. Continuei indo nas designações e nada. Sempre havia alguém mais velho ou com mais tempo de serviço.

Resolvi tentar o mestrado na FACED – Faculdade de Educação da UFJF. Eu havia decidido que não me empolgaria em viver num laboratório

descobrir flavonoides ou terpenoides, mas me empolgaria em viver dando aulas para meninada. Fazia bem feito e me realizava alegremente – apesar do salário.

Paralelamente, fui fazendo outros cursos de teatro. Resolvi fazer dança contemporânea. Ganhei bolsa de estudos em um Studio da cidade e a bolsa funcionava assim: Tudo ou nada! A proposta era para que eu fizesse todas as aulas do Studio, caso contrário eu não teria a bolsa. Isso incluía o Ballet, o Jazz e o Sapateado Americano. Achei que valeria.

No final das contas fiz um processo seletivo para dar aulas de dança num projeto social da Prefeitura de Juiz de Fora. Fui aprovado. Fiquei com os bairros mais longes da cidade. Como eu era novato no projeto eles me deram os bairros mais longes e de mais risco social – era assim que eles se referiam à condição social das pessoas. Foi quando conheci o bairro Vale Verde.

Fui até a entrevista na seleção do mestrado. Como sabia que eu tinha o poder das palavras e acreditava veemente nessa condição, pedi demissão do projeto, pois tinha certeza que eu passaria na entrevista. O que poderia dar errado? Eu escrevi o projeto que foi aprovado. Eu sou bom com as palavras. Eu tenho um bom currículo. Não tem como dar errado.

Eu sempre fui muito agitado.

Deu errado.

Estava agora, sem mestrado, sem emprego e sem ter a menor ideia do que fazer... Como eu poderia estar passando por essa situação? Se fosse outra pessoa da minha sala, tudo bem, tinha gente lá que mal sabia escrever... Eles estavam no mestrado, engajados em pesquisa e tudo mais, e eu desempregado, e lutando para dar aula em escolas públicas... Era assim que eu pensava.

Resolvi ficar voluntário no bairro Vale Verde. Eu gostava do bairro, das pessoas, das coisas... Os meninos me receberam muito bem. Sabe quando acontece a tal da empatia? Acho que foi isso... Sem muitas explicações. Eu gosto deles e eles de mim. Pronto. Trabalhei no Vale Verde todo esse tempo... Desde 2010 vivo por lá.

Minto. Afastei-me do bairro quando o circo me chamou para ir embora. Sim. Sempre fiz muitos cursos na área de artes. E havia um grupo que eu conhecia desde 2006. Era um grupo de artes que trabalhava com teatro, dança

e circo. Eram voluntários e tinham um projeto social em Bié – Angola. Cidade que foi destruída pela guerra civil. A ideia era manter uma escola lá, onde as crianças estudariam tempo integral. Além da escola o plano era criar um hospital e ajudar as comunidades... Não havia plano melhor.

Arrumei minha mala e fui embora para a Trupe que tinha uma sede no interior de São Paulo. Havia sido convidado para integrar ao grupo a fim de concluir os estudos em Nova York, fazer uma pós-graduação. A ideia era montar uma faculdade no Brasil de artes e como eu já havia feito muitos cursos e o grupo gostava do meu trabalho, recebi o convite. Fui. Entrei inicialmente para substituir um rapaz que havia saído da Cia. Fiquei oito meses no grupo. Todo esse tempo, não fui nenhuma vez à Nova York, mais uma surpresa da vida. Fiz as turnês no Nordeste, Sul, Sudeste. Conheci grande parte do nosso país.

Isso me rendeu bons encontros, muitas saudades, uma amizade que carrego até hoje – um irmão mais novo. Foi um bom tempo de aprendizagem. Conheci muitas culturas, muitas pessoas, muitos mundos... Aproveitei para sair nas ruas com intervenções de palhaço, visitava hospitais e asilos no tempo vago...

Ah, não havia dito sobre o palhaço ainda, né?! Pois bem, Nesses dois anos que formei e dei aulas e fiquei desempregado, eu também estudava palhaçaria.

Fiz um curso de teatro com duração de um ano. Esse curso foi dirigido pelo Marcos Marinho<sup>8</sup>. Após o curso o Marinho resolveu montar um grupo de teatro e convidou alguns alunos para participar do grupo. Fui um deles. O grupo de teatro do Mezcla<sup>9</sup> foi subdividido em duas áreas: Grupo de teatro PauLatino e a Caravana Mezcla de palhaços. Eu participava dos dois grupos. Mas o estudo do palhaço foi me ganhando imensamente. Não era difícil entender que a gente quer acertar e no fim das contas “damos com os burros n’água”. Nessa altura do campeonato, era contar a minha história e pronto: Sou

---

<sup>8</sup> Marcos Antônio Pires Marinho é artista juizforano. Formado em Filosofia e Artes Cênicas. É diretor e ator. Atuou como figurinista, assistente, roteirista... Também pinta, dança, canta e desenha. É uma dos diretores mais respeitados da cidade e vencedor de muitos prêmios na área artística.

<sup>9</sup> O Espaço Mezcla foi criado por Marcos Marinho. Era um bar-teatro. No espaço funcionavam diversos eventos culturais, como apresentações teatrais, musicais, capoeira, poesias e um café filosófico. Agora o Espaço foi demolido para virar estacionamento. Portanto, o Espaço Mezcla, por enquanto é Produções Mezcla.

palhaço! Era uma terapia também... Era poder rir de si mesmo sem ficar desesperado. Era rir da sua própria desgraça. Era bem isso, rir da (des)graça, rir do que não tinha graça.

Não tinha graça, mas eu sorria. Era bom. Era terapêutico. Era divertido. Era uma boa onda...

Agora sim. Voltando nas ruas do Brasil com o palhaço que estava desenvolvendo... O palhaço ganhou força e vida. Foi bom para viver de outra forma, também possível. Era um modo diferente de existir... Cada dia em um lugar. Sem programações com antecedências, com muitas pessoas diferentes e de lugares diferentes no mundo. Era bom.

Mas também não quis ficar no grupo. Eram muitas saudades. Era saudade da família, de casa, dos alunos e dos estudos. Eu já disse que gostava de estudar, né?! Com a correria daquela vida eu não conseguia ler direito, me concentrar... E também tinham outras complicações na Trupe... Comecei a perceber coisas que não percebia. Nada como está dentro do grupo para perceber outras coisas que quem está de longe não percebe. Às vezes, para se ver coisas diferentes, têm de se envolver completamente. De dentro temos outra vista... E essa não me agradou muito.

Voltei para Juiz de Fora. Agora era tentar as designações novamente. Consegui muitas escolas. Surpresas boas. Agora não me faltavam aulas. Misteriosamente as portas se abriam. Graças a Deus, né?! Ah, sim, eu acredito em Deus. Não havia dito isso ainda, né?!

Nessas designações muitas coisas aconteceram.

Sempre fui muito agitado.

- Na escola Central eu ativei o laboratório de ciências. Sim. O laboratório de Ciências/Biologia havia virado depósito de livros didáticos. Estava entulhado, sujo. Parecia inclusive que ninguém passava por lá... Era mesmo só para depositar os livros. Os alunos nem sabiam da existência daquele lugar. Eu soube, por acaso, quando estava passando no corredor e, vi uma servente abrindo aquela porta estreita e senti um cheiro bastante conhecido. Fui vê para confirmar: Sim, era um laboratório. Fui à direção e pedi permissão para reativar o espaço. Ela deu-me carta branca. Arregacei as mangas depois do expediente e limpei

tudo. Trabalho de faxineiro? E daí? Trabalho que me alegra imensamente... Talvez, ali, não fosse um trabalho de faxineiro e, sim de um cuidador, de um possibilitador de dispositivos... Era potente. Eu fiz. Não faz ideia de quanta coisa boa e alegre passou a acontecer naquele espaço. No mesmo dia, quando eu ali estava a limpar as coisas...

- Professor, o que você está fazendo? Gente, é um laboratório! Olha! Gente, venham ver.

- Sim. Estou limpando para usarmos um dia...

- Vamos te ajudar!

- Não precisa. Podem ir para casa.

- Nós vamos vir?

- Claro.

- Então vamos ajudar e pronto.

Arregaçaram as mangas e colocaram as mãos na massa! Trabalhamos num coletivo bem legal. Alegria.

- Também encontrei a dita “pior turma da escola”. E também, depois de um tempo, tivemos uma relação agradável... Claro que já expulsei aluno de sala. Sim, e com alguns, foi a melhor coisa que fiz por eles. Por quem saiu e por quem ficou.

- Não há receitas para ser um bom professor. Tem de ser. Tem de exercitar. Errei muitas vezes. Sim, também me senti mal quando expulsei alguns alunos, fui para casa achando que eu havia errado feio. Depois pedi desculpas ao aluno. Conversei...

Final do ano eu passei no mestrado. Sim, em todas as fases. No próximo ano eu seria um mestrando. Coisa de gente inteligente... Era assim que eu pensava.

Também me encheu os olhos quando em Matias Barbosa as seis turmas do nono ano que eu lecionava Ciências (Química) me escolheram para ser o professor padrinho da Turma e professor homenageado. Simples? Bobeira? Eu enchi os olhos d'água. Era bom ver que as turmas gostavam do meu trabalho.

Chegou o dia da formatura e eu nunca havia sido homenageado. Era tudo novo para mim. Meus pais foram comigo.

Quando chegamos percebemos um engarrafamento. Estranhamos. Numa cidade pequena não tem engarrafamentos. Mas era a formatura do nono ano. Era um evento na cidade, com toda pompa que se tem direito. Todos os familiares eram convidados.

Quando cheguei alguns alunos me receberam com gritos e abraços. Uma mãe me parou no corredor e disse:

- Professor, quero te parabenizar pelo profissional que você é. Meu filho sempre chega em casa contando de suas aulas. Ele quase não falava direito comigo, agora a gente não para de conversar.

Sim, me emocionei. Mas não chorei... Ali na frente da mãe do aluno, do aluno... Não ia cair bem.

Chegou o momento. Os alunos de beca. Entravam no corredor central. Palmas. Cada turma entrava e ocupava seu lugar no auditório já ordenado. Eu estava feliz com a festa que as pessoas estavam fazendo.

Então, para minha surpresa, os professores começaram a ser chamados individualmente. O orador dizia o nome do professor. Ele entrava e assentava-se na mesa do palco. Meu coração disparou. Fiquei suando frio. Frio na barriga.

Ah, aqui é importante dizer que todas as turmas me escolheram para padrinho, mas isso era proibido na escola. Cada turma tinha que chamar um professor diferente. Não ficam bem todas as turmas com um único professor, ainda mais um designado que só está há três meses na escola. Assim foi feito. Mas, voltando na formatura, ali se fez notória a escolha dos alunos.

Quando o orador chamou meu nome, todos ficaram de pé e aplaudiram muitíssimo. Gritavam meu nome. Pessoas que nunca vi, sabiam de mim. Era uma alegria inenarrável. O orador teve que pedir silêncio para a plateia e disse:

- É, professor... Parece que eles gostam mesmo de você.

Quando me assentei no lugar reservado para mim, avistei meus pais. Meu pai estava com o olho cheio de água. Minha mãe sorridente. Eu ganhei o dia. Lembro-me da cena enquanto escrevo e ainda me emociono ao perceber os olhos lacrimejados do meu pai e o sorriso meigo da minha mãe. Acho que

naquele segundo um espaço infinito de educações se deram. Não sei dizer, mas meu corpo sabe bem como foi.

Início o mestrado na faculdade de Educação. Estava eu fazendo uma escolha na vida. Perguntavam-me porque eu não fui fazer mestrado em artes cênicas, ou em literatura... Já que eu falo muito de poesia, já que falo muito do circo... Eu poderia ter respondido com a frase de Manoel de Barros que “o artista é um erro da natureza. Beethoven foi um erro perfeito<sup>lxvi</sup>”, mas acabei respondendo que “ninguém consegue fugir do erro que veio<sup>lxvii</sup>”. Era um modo de afirmar o erro. Afirmar, alegremente, o erro a que veio...

Claro que poderia ter respondido de mil modos. Achei que naquele momento uma poesia era a melhor resposta! Mas agora também me lembro do filme O palhaço<sup>lxviii</sup> que em uma cena o pai-palhaço diz ao filho-quase-palhaço: o rato como queijo, gato bebe leite e eu... sou palhaço! Acho que essa resposta também valia...

Hum... Percebi que não contei do circo para vocês... É bem difícil contar a vida de forma cronológica, pois

Sempre fui muito agitado.

Como se faz muitas coisas na vida ao mesmo tempo e nunca se sabe onde aquilo vai nos levar... Vários atalhos são criados entre as coisas que vão produzindo sentidos. Certamente se eu fosse redigir essa contação de histórias a ordem seria outra, talvez contasse outros acontecimentos... Nunca se sabe como as ideias vem e para onde vão... Vão apenas tomando caminho e, às vezes, nos encontram. Seguindo o fluxo que as ideias vão vindo.

O Circo era a atividade que eu fazia com as crianças do Vale Verde no tempo de voluntariado que ficava no bairro. Havia um campinho no centro do bairro e ali amarrávamos o tecido aéreo e ensinava acrobacias, malabares, *swing-ploi* e mano-a-mano. Era divertido e muitos aprendizados se fizeram ali.

Maria Helena era um nome rotineiro nas conversas com os meninos. Eu imaginava que eu deveria conhecer a tal Maria Helena, pois eles viviam falando que ela ia levar na piscina, que ela ia levar na praia... Eu imaginava que a Maria Helena deveria ser a tia do bairro! Sabe aquelas mulheres que todo mundo do bairro conhece porque ela faz excursões e é gentil com a molecada? Pois bem, era assim que eu pensava.

Quando na faculdade me disseram da Maria Helena e então soube lá na Faculdade de Educação que era professora doutora aposentada da Federal. Marquei um encontro. Era uma graça. Maria Helena era gente mesmo e não era só doutora da Federal, mas também era aquela que eu pensava: A que passeia com a molecada e que todo mundo do bairro conhece... Fui descobrir mais tarde que Maria Helena era gente, espaço físico, verbo e advérbio... Maria Helena é uma dádiva! Aprendi isso com a molecada.

Maria Helena, a doutora, me disse que poderia me ajudar no mestrado caso eu precisasse e a Maria Helena, a professora, me convidou para estar com os meninos no projeto que ela coordenava – Mutirão da Meninada do Vale Verde. Aceitei.

O projeto era muito interessante. Elas (sim, Maria Helena não trabalha sozinha. Temos ainda Maria Inês, Cláudia e Ana Lúcia – também formidáveis) tinham um encontro marcado toda terça-feira no terraço de um morador do bairro – apelidado de Grilo, muito gentil ele e sua família, que também fui descobrir mais tarde, era amigo dos meus tios de infância. Lá no terraço elas sempre propunham uma roda de leitura com um livro em comum onde todos liam um pedaço, havia alguma conversa inicial, sempre muito participativa e cheia de ideias... Dividiam-se para atividades programadas por idades. Mas nem sempre era assim... Cada terça-feira elas propunham algo diferente. Não há repetentes. Não há séries. É mesmo um mutirão. Havia também outras oficinas que funcionavam em horários alternativos. Nesses anos que passei por lá tiveram: futebol, dança afro, estranhas leituras, fabricação de cartão artesanal, física, química, caixa-biblioteca, viveirista, teatro, percussão, contação de histórias... São muitas e agora não me lembrarei de todas, mas conto para dizer que ali eu era o professor de circo. Junto com um monte de gente que encontrava os meninos para as mais diversas atividades. Era o professor de circo, mas por vezes me trocavam de lugar... lembro-me que Claudinha, certa vez, me contou que Wesley – um dos meninos do Mutirão, disse que ele também iria na viagem que teríamos naquela semana. Cláudia explicara-lhe que a viagem era só para osicineiros professores adultos. Logo, segundo ela, ele advertiu: Não é nada, porque o Leandro vai. Se ele vai, eu também posso ir... Ele me destituíra do lugar professor adulto.



Quando nosso espaço foi tomado pela prefeitura, que iriam construir uma escola – que apesar dos moradores não aprovarem a obra, pois era o único espaço que tinham de lazer do bairro e escolas havia três, a comunidade não foi ouvida e as obras seguiram – nos vemos obrigados a encontrarmos outro lugar. Foi quando tomamos posse da mata e fomos fazer nossas aulas dentro desse vestígio de Mata Atlântica. Em cada clarão um encontro de circo. Fomos descobrindo novas trilhas, fomos inventando caminhos, fomos inventando novos encontros. A molecada não faltava.

Durante nossos encontros precipitou até um depoimento de uma mãe e participante ativa do Mutirão: Olha, eu já vi esses meninos empolgados, mas igual estão com esse professor, nunca vi!

No final fizemos uma exposição com todas as plantas que a gente encontrou e gostou. Fizemos exsicatas, como fazem no herbário da Federal e colamos em uma parede da Casa da Cidadania do bairro. Foi um acontecimento. As pessoas do bairro iam olhando as plantas, falavam para que serviam, como se fazia o chá, contavam histórias que sabiam sobre as plantas... Era um aprendizado e tanto.

Fomos caminhando juntos e muitos aprendizados ali... Sem dar aulas de ciência/biologia em escolas, aprendi muitas ciências e biologias possíveis. Ali com o mutirão outras ciências se deram... E na sala de aula também, outras ciências se deram... Isso me deu grande alegria e me deu possibilidades de invenções de mundos outros e infinitos.

Indicaria meus textos, que produzi no mestrado, em que relato alguns acontecimentos no Vale Verde durante as oficinas de circo na Mata Atlântica. Mas melhor que ler meus textos, talvez, seria ir lá conhecer o advérbio Maria Helena e todo o Mutirão da Meninada que faz a vida acontecer em um bequinho de alegria e potência... Lá no chamado bairro de risco social. Que hoje entendo: Corre-se o risco de encontrar certa felicidade.

Agora, nessa produção textual para a defesa de um mestrado, minha orientadora percebe que menciono o mestrado e não converso com ele nessa autobiografia.

Conversamos muito durante o processo do mestrado! Muitas coisas aconteceram nesse período e que, não sei porquê, não entraram explicitamente na escrita! Obviamente, deve-se entender, ou pelo menos eu

gostaria muito que isso fosse entendido, que se essa produção acontece agora no final do mestrado é obviamente *com* ele que escrevo. O que está sendo produzido aqui, nessas linhas, estão juntamente com todo o processo que se vem constituindo, mas entendo que um cuidado maior com esse período deve vir com mais força e notoriedade. Portanto, entro com a orientadora nessa etapa autobiográfica nesses últimos tempos...

A pergunta que me faço passando por esses caminhos é: E agora José? Esse poema de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1942, nunca foi tão atual... Eu sou José! Sim, transposiciono-me feito o bicho da goiaba! Não mais separadamente, mas faça-me outra coisa! Sou José! José! Fonfon! Coisas...

E agora, José?

A festa acabou,

a luz apagou,

o povo sumiu,

a noite esfriou,

e agora, José?

e agora, você?

você que é sem nome,

que zomba dos outros,

você que faz versos,

que ama, protesta?

e agora, José?

Está sem mulher,

está sem discurso,

está sem carinho,

já não pode beber,

já não pode fumar,

cuspir já não pode,

a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio,  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

E agora, José?  
Sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio – e agora?

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse...  
Mas você não morre,  
você é duro, José!

Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?

José não tem para onde ir e nem quer ir para algum lugar! José inventa lugares pra si, sem sair do lugar! José, como tantos outros José(s), costuma dizer “não saio de dentro de mim nem pra pescar” <sup>lxix</sup>. É, aqui mesmo, que me dobro sobre mim e dou a volta ao mundo, nesse e em outros, em apenas um segundo. Vou dobrar essa existência!

Aqui, escrevendo, exercito-me a contar da travessia no Travessia. Exercito-me a dobrar esse Travessia em pura travessura. Conto-lhes o segredo dessa metamorfose? O caminho de mistérios? Sinto. Ainda, também, não desvendei... Como sair da bravura e do ranço e descobrir o palhaço? Eu não sei! Mas desconfio de muita coisa.

Portanto, aviso, antecipadamente, que contarei daquilo que não sei dizer, ou seja... inventarei proposições!

No mestrado fui caminhante errante. Não me encontrava em lugar algum! Parecia-me um desconcerto. Estava eu num despropósito! Justo eu que estava com tantos propósitos para o mestrado... Eu que sonhava com o doutorado... Sentia repugnância do que via acontecer ali naquele ambiente acadêmico! Não era isso que eu queria... Não fazia parte do meu desejo!

Pus-me a pensar! Pensei: Sou o erro! Todos comungam, todos rezam novena, todos bebem da mesma fonte, todos entendem do mesmo modo, todos são devotos dos mesmos santos... Meu Santo aqui não tem valor! Pelo contrário, sou contrariado por orar pro santo errado! Deveria ser Santo Deleuze, Santo Nietzsche? Não sei... Era assim que via.

Era um incômodo tremendo!

Ao falar da formação de igrejas nietzscheanas, deleuzeanas... Era abruptamente interrompido!

- Não é isso! Não é isso!

Era o que diziam... Mas não era isso que eu via! Não era isso que sentia, percebia...

Mas depois do deserto que passei... bem, vou recorrer-me a uma cena de um filme para continuar essa contação.

Patch Adams: O Amor é contagioso.

Em 1969, após tentar se suicidar, Hunter Adams, voluntariamente se interna em um sanatório. Neste manicômio, de igual modo, um empresário bem sucedido também se interna voluntariamente. Este homem tinha a estranha mania de mostrar os quatro maiores dedos da mão e perguntar: Quantos dedos você vê? Ao que todos respondiam de pronto: quatro! Desencadeando nele um ataque terrível de inconformismo.

Numa cena, Hunter Adams, procura o homem para entender sua rebeldia que, calmamente, mostra a mão novamente, e faz a pergunta de sempre: Quantos dedos você vê? Quatro, responde Adams. Mas ele insiste: olhe melhor... veja além dos dedos! O que leva Adams, numa ilusão de ótica, a enxergar oito dedos! Foi aquele "louco" que chamou Hunter Adams pela primeira vez de "Patch" e o levou a ver através dos dedos!

Foi nesse lugar estranho, com um “estranho” que Patch Adams descobriu-se! Ele foi despertado a perceber outras coisas que antes não via. Isso o levou ao encontro de um novo modo de habitar o mundo! Estudou medicina e inventou métodos não convencionais para tratar os pacientes! Patch virou palhaço! Descobriu na alegria, a cura!

Tudo isso me fez caminhar numa luta regressa ao modo poético, libertado, alegre e pulsante! Eu queria achar a escada para ouvir o sabiá. Eu queria não usar aquelas palavras filosóficas. Eu queria usar as palavras, mas sem ter que me preocupar com os conceitos que alguém havia dito que tinha. Eu queria poder usar qualquer palavra sem me preocupar com a filosofia e seus conceitos. Eu queria inventar uma educação que fosse alegre, mas que não fosse solta. Eu queria uma liberdade que não era caos. Eu queria que fosse possível. Eu queria poder inventar, tentar...

Eu sempre fui muito agitado!

Meus pensamentos voam... dobram... criam. Nem eu mesmo dou conta das costuras que vou fazendo! É puro improviso! É atestado de presença! Improvisar bem é atestar que está presente. Inteiro.

Conversa franca com minha orientadora. Pedi afastamento do Travessia. Achei que era hora de sair. A presença inteira que não consigo evitar – como Deleuze diz: É uma terrível existência! Era terrível experienciar aquele espaço! Dava-me falta de ar. Palpitações. Ficava nervoso com o que via! Era um caos. Era assim que eu experimentava ali! Adoeci. Cheguei a emagrecer dez quilos! Era notório.

Fui liberado!

Liberdade física conquistada.

Querida mais que uma liberdade física.

Eu queria ser livre de mim também!

Continuei produzindo textos acadêmicos! Agora estava selecionando os encontros. Obviamente que não podemos selecionar tudo, pois tem coisas que são permeáveis e, estão para além de nós. Mas, existe uma propriedade seletiva que nos faz encontrar a saúde! Existe um modo de perceber outras coisas, que estão para além dos quatro dedos! Existe um modo de dobrar o encontro e fazer dele outra coisa. Isso é formação!

Selecionando os encontros, encontrei vida! Mas esses encontros com a alegria, não anulava os encontros terríveis e insípidos. Porém fui percebendo que conferiam a eles sabores outros! Parecia-me que um encontro potente fazia-me dar voltas sobre mim mesmo, reencontrar fantasmas, e agora não enxergá-los como bonzinhos ou algo do tipo, mas perceber microconstituições... Possibilitando um leve sorriso em meio ao pavor!

Patch, quando enxerga os oito dedos, não fez com que os quatro dedos desaparecessem. Os quatro dedos continuavam lá! Mas quando ele vê por outro ângulo, que não de costume, percebe novas respostas para a questão! Agora eram oito dedos! Isso possibilitou alegria em meio ao inconformismo do empresário “louco” bem sucedido.

O que acontece quando parece que nada acontece?

Micropercepções!

Ativar o corpo para estar com a alegria do mover, mesmo que micro... Essa seria uma linha possível para um viver! Um escape gostoso de alegria. Aprender a aprender a desolhar as coisas.

Encontros que nos movem alegremente fazem limpamentos em nossos receios. Configuram nossa tristeza em alegria!

É tão bom poder rir dos nossos receios! Isso se aprende no constituir-se palhaço! Ele mesmo vai aprendendo a rir de seus receios, medos, temores e desconfianças.

Neste mesmo filme, que é baseado em fatos reais, apresenta uma cena que Patch convida uma amiga da faculdade (na qual ele estava apostando numa conquista amorosa) para entrar em seu mundo de existência, resistência! Ele conta o que um nariz de palhaço pode fazer com um paciente. Ela diz que ele deve fazer sucesso com as crianças. Ele diz que não só com as crianças. Que os pacientes se abrem com ele. Que por alguns segundos eles até esquecem da dor. Ele convida ela para tentar colocar o nariz. Ela ainda está muito resistente! Não aceita de prontidão! Ele lança um desafio: Se você conseguir vestir esse nariz de palhaço (que era/é uma seringa de endemia) e não rir, eu não te perturbo mais. Ela ainda resiste, mas acaba aceitando. Porém, quando ela veste o nariz, ele saca um espelhinho da mala e coloca na frente dela. Ela já em meio sorriso, diz que ele trapaceou, pois não tinha contado do espelho. Ele pergunta com quem ela se parece e eles sorriem

juntos! Ela aceita ouvir Patch e ir com ele até o hospital fazer uma intervenção de palhaço! Ela começa a perceber que existem outros modos de experienciar a medicina. Patch faz muitas gags de palhaço...

Muitas gags<sup>10</sup> clássicas são baseadas nos medos e nas desconfianças do palhaço. Isso não deve ser à toa.

Existe um paciente no hospital que Patch trabalha que está com câncer em estado terminal. Ele tem medo da morte. Patch tenta várias vezes alegrá-lo, mas se frustra! Até que em uma visita ela fala da morte em diversas linguagens. Ele vem vestido de anjo e começa: todos os caminhos levam a morte, pé na cova, paletó de madeira, descanso eterno, bater as botas, ir desta para melhor, exalar o último suspiro, virar o incrível cadáver, fechar o paletó, quando enterrar você terei um lugar para parar minha bicicleta... A lista é enorme. O paciente também começa a participar dos sinônimos. Caem no riso.

Mas é importante perceber que é sempre uma luta de existências e resistências! A (re)existência de seus eus, que foram sendo apreendidos e, da existência, talvez, mais potente – o *clown*<sup>11</sup>.

Porque como Clarice disse bem: “O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não vêem”<sup>lxx</sup>. Então, agora, feito bobo, percebo coisas que quando esperto, não percebia!

Foi também a doença que me possibilitou o encontro com a alegria! Foi também o Travessia que me impulsionou para outros modos de existir. Foi também os ranços que me configuraram outros narizes...

Tudo parece bonito agora? Não.

Tudo parece bom agora? Não.

Parece que resolvi o problema? Não.

O palhaço não nega o ranço, nem seus males, nem seus medos... Eles estão presentes. Porém, eles estão presentes também! Isso é pequeno, mas faz toda a diferença!

Perceber as microconstituições nas relações que se estabelecem na travessia, colabora pra que outras linhas de fuga sejam possíveis!

---

<sup>10</sup> Gags são efeitos cômicos (portanto, não só palavra: pode ser um gesto ou situação), geralmente muito curtos que o palhaço utiliza em cena. Para um palhaço que tem medo de altura, subir em uma cadeira assemelha-se a estar no alto de um penhasco.

<sup>11</sup> Clown termo da língua inglesa que faz referência ao palhaço.



A tarefa orientada e desejada é que nessa escrita eu possa dizer mais com essa alegria. E me parece que à medida que vou escrevendo uma dada alegria vem tomando conta de mim. Vou me configurando outra coisa. Bicho de goiaba... goiaba.

Certa vez, Tiago Adão Lara disse-me que o que importa no mestrado, como também no doutorado, não é a dissertação em si ou a tese, mas o processo nesse período! O que se passou. O que se experienciou. Tiago me é caríssimo! E, agora, que escrevo, dou-me conta, repentinamente, que muitas coisas me passaram! Constituíram-me! Negar o acontecido não é o caminho que trilhei, apesar de saber que tentam por aí essa proesa, mas perceber o que acontece, quando parece que nada acontece... Esse é um ganho que o palhaço tem muito a nos ensinar! Parece que Soninha aprendeu a pergunta com Maria Helena e que talvez tenha aprendido com outros... e outros... sei lá.

Se, enquanto professor, em sua aula pudesse perceber as microações... O que aconteceria? Não basta ler as palavras escritas aqui, é preciso transler, transver, transperceber, transviver!

Que outras ciências existem quando nos deixamos olhar por outros pontos de vista? Que outros ensinamentos e educações são possíveis quando a atenção é voltada também para o micro, para o pequeno, para o, costumeiramente, invisível? Quando imbuído desse corpo poroso que vive o invisível, que formações se dão? Que outras potências de aprendizagens acontecem?

Parece-me que essa dissertação vem encontrar com o invisível e abrir campos de alegrias possíveis e inventadas!

Tudo isso é pura invenção de modos!

É a invenção de um professor que caminha entre os territórios das Ciências/Biologias, das atividades circenses, dos Teatros, das Danças e, quase sempre em linhas limítrofes... Ele é professor de quase tudo! Esse trabalho é a invenção de um professor que ousou exercitar a presença! As perguntas que circulam durante essas caminhadas seriam algo do tipo que esbarra em “*que ecologia se faz nas inter-relações que estabeleço com o outro?*” e/ou “*que formações se dão para a existência, resistência e invenções?*” e/ou poderia ser “*como se autoproduz em formações alegres?*” e/ou “*que linguagens e conhecimentos são acionados em autoformações potentes?*”. O professor

exercita a presença. Ele aprende a exercitar o estado bobo de ser outras coisas. Ele serve, por vezes, de ser tonto e, acha isso muito honroso! Ele aprende a enrubescer-se diante de certos elogios como: palhaço, bobo, bocó. É uma aprendizagem difícil. Requer muitos ensaios. Já lhe perguntaram se ele quer ser palhaço, porquê não vai para um circo? Já lhe disseram que o mestrado em Educação é coisa séria e que Biologia é ainda mais. Ele se riu. Essa dissertação trata, portanto, da contação dessas trajetórias de um professor que caminha presente e, de repente metamorfoseia-se em palhaço – entendendo palhaço como um estado potente e alegre de existir, resistir e inventar vidas! A fim de contar essas trajetórias de formação, essa contação de causos, essa invenção: linguagens outras são inventadas. Inventa-se uma autobiografia. Inventa-se uma conversa e inventa-se uma peça teatral. Essas invenções são, no final das contas, apenas modos de se pesquisar, pensar, criar respostas provisórias para as perguntas que se precipitam durante o caminhar desse professor inventado.

#### 4 - REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. Documentário “Só Dez Porcento é mentira – Desbiografia oficial do poeta Manoel de Barros”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XCMczEBull4> . Acesso em 27 nov. 2014.

BARROS, **Manoel de. Memórias inventadas:** as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2008. 160p.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa.** São Paulo: Leya, 2011. 493p.

CARDOSO, Hélio R. Jr. Pensar a pedagogia com Deleuze e Guattari: amizade na perspectiva do aprender. **Educação e Realidade.** 31(1), p. 37-52, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** Tradução Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005. 170p.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia 1. Trad. Luís Orlandi. São Paulo: Ed.34, 2010. 560p.

DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze, entrevista a Claire Parnet, em 1988, transcrito e traduzido por Tomás Tadeu da Silva. Disponível em [www.escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-integral-do-video](http://www.escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-integral-do-video). Acesso em 26 nov 2014.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 173p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia, v. 5; tradução de Peter Pál Pelbart; Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997. 201p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia, v.4; tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997. 176p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia, v.3; tradução de Aurélio Guerra Neto et all. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. 110p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B.L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010. 560p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** São Paulo: Escuta, 1998. 180p.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** São Paulo: Papyrus, 1990. 56p.

KASPER, Kátia. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo?. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 199-213, set./dez. 2009

- LEMINSKI, Paulo. **Distraídos venceremos**. São Paulo: Brasiliense, 1993. 133p.
- LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 480p.
- MATURANA, R. Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 98p.
- MATURANA, R. Humberto; VARELA, G. Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. São Paulo: Psy II, 1995. 281p.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2011<sup>b</sup>. 255p.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2011<sup>a</sup>. 272p.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Escala, 2011<sup>c</sup>. 356p.
- QUEIRÓS, Bartolomeu C. **Até passarinho passa**. São Paulo: Moderna, 2003.
- QUINTANA, Mario. **Da preguiça como método de trabalho**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. 528p.
- RAVEN, H. Peter; EVERT, F. Ray; EICHHORN, E. Susan. **Biologia Vegetal**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 830p.
- RICKLEFS, Robert E. **A Economia da Natureza**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 522p.
- SILVA, Rosane Neves da. A Dobra deleuzeana: políticas de subjetivação. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**. Rio de Janeiro. v. 6(1), p. 55-75, jan./jul. 2004.
- SUASSUNA, Ariano. Todo professor deve ter um pouco de ator. *Revista Nova Escola*. 2007. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/ariano-suassuna-todo-professor-deve-ter-pouco-ator-610096.shtml>. Acesso em 12 de jan. 2015.
- VASCONCELLOS, Maria Helena Falcão. **Sonoridades**. Poema vencedor do Festival Cultural da cidade de Matias Barbosa. Ano indeterminado.

---

<sup>i</sup> QUEIRÓS, 2003, pág. 11.

<sup>ii</sup> QUEIRÓS, 2003, pág. 20.

<sup>iii</sup> DELEUZE, 1988, pág. 70.

<sup>iv</sup> DELEUZE, 1988, pág. 71.

- 
- v DELEUZE, 1988, pág. 71.  
vi BARROS, 2011, pág. 308.  
vii DELEUZE, 1988, pág. 72.  
viii MATURANA, 1995, pág. 186.  
ix MATURANA, 1995, pág. 185.  
x NIETZSCHE, 2011, pág. 44.  
xi DELEUZE e PARNET, 1998, pág. 76.  
xii MATURANA, 1998, pág. 92.  
xiii CARDOSO, 2006, pág. 48.  
xiv CARDOSO, 2006, pág. 48.  
xv BARROS, 2011, pág. 300.  
xvi CARDOSO, 2006, pág. 49.  
xvii MATURANA, 1998, pág. 15.  
xviii MATURANA, 1998, pág. 92.  
xix CARDOSO, 2006, pág. 41.  
xx DELEUZE, 2003, pág. 173.  
xxi DELEUZE e GUATTARI, 1996, pág. 10.  
xxii KASPER, 2009, pág. 206.  
xxiii CARDOSO, 2006, pág. 43.  
xxiv CARDOSO, 2006, pág. 49.  
xxv RICKEFS, 2010, pág. 02.  
xxvi GUATTARI, 1990, pág. 08.  
xxvii LISPECTOR, 1999, pág. 310.  
xxviii DELEUZE e GUATTARI, 2010, pág. 17.  
xxix DELEUZE e GUATTARI, 1997, pág. 27  
xxx DELEUZE e GUATTARI, 1997, pág. 27  
xxxi RAVEN, 2007, pág. 309.  
xxxii RAVEN, 2007, pág. 277.  
xxxiii BARROS, 2011, pág. 393.  
xxxiv PARECER do 36º Congresso Nacional da ANPed.  
xxxv PARECER do 36º Congresso Nacional da ANPed.  
xxxvi DELEUZE, 1988, pág. 06.  
xxxvii BARROS, 2011, pág. 338.  
xxxviii DELEUZE, 1988, pág. 5.  
xxxix BARROS, 2011, pág. 350.  
xl BARROS, 2011, pág. 350.  
xli DELEUZE e GUATTARI, 1997, pág. 45.  
xlii BARROS, 2011, pág. 322.  
xliiii BARROS, 2011, pág. 300.  
xliv BARROS, 2011, pág. 300.  
xlv BARROS, 2011, pág. 302.  
xlvi DELEUZE, 2005, pág. 141  
xlvii DELEUZE, 1988, pág. 83.  
xlviii BARROS, 2011, pág. 319.  
xlix SUASSUNA, 2007, entrevista para a revista Nova Escola. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/ariano-suassuna-todo-professor-deve-ter-pouco-ator-610096.shtml>. Acesso em 12 jan. 2015.  
l BARROS, 2011, 322.  
li DELEUZE e GUATTARI, 2010, pág. 93  
lii BARROS, 2011, pág. 303.  
liii BARROS, 2011, pág. 453.  
liv FILHO, Daniel, 1999, filme brasileiro Tempo de Paz. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Vvsurj0bzzQ>. Acesso em 26 nov. 2014.  
lv NIETZSCHE, 2011<sup>a</sup>, pág. 33.  
lvi BARROS, 2008, documentário “Só dez por cento é mentira – Desbiografia oficial do poeta Manoel de Barros.  
lvii ARQUIMEDES  
lviii NIETZSCHE, 2011<sup>b</sup>, pág. 24.  
lix SILVA, 2004, pág. 56.

- 
- lx NIETZSCHE, 2011<sup>c</sup>, pág. 21.  
lxi NIETZSCHE, 2011<sup>c</sup>, pág. 21.  
lxii LISPECTOR, 1999, pág. 300.  
lxiii BARROS, 2008, pág. 83.  
lxiv Versículos do evangelho de Mateus.  
lxv NIETZSCHE, 2011, pág. 37.  
lxvi BARROS, 2011, pág. 348.  
lxvii BARROS, 2011, pág. 374.  
lxviii Premiado filme brasileiro de 2011 dirigido, co-escrito e estrelado por Selton Mello.  
lxix BARROS, 2011, pág. 346.  
lxx LISPECTOR, 1999, pág. 310.